UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO/CAMPUS I
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO E CONTEMPORANEIDADE

ANA PAULA MENDES MARX

O POTENCIAL DAS REDES SOCIAIS DIGITAIS PARA A CONSTRUÇÃO E DIFUSÃO DO CONHECIMENTO: O FACEBOOK NO PROJETO PM E ESCOLAS NA CORRENTE DO BEM

Salvador
2018

ANA PAULA MENDES MARX

O POTENCIAL DAS REDES SOCIAIS DIGITAIS PARA A CONSTRUÇÃO E DIFUSÃO DO CONHECIMENTO: O FACEBOOK NO PROJETO PM E ESCOLAS NA CORRENTE DO BEM

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação e Contemporaneidade, da Universidade do Estado da Bahia (UNEB) como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Educação.

Orientadora: Prof.ª Dra. Mary Valda Souza Sales.

Salvador
2018

Universidade do Estado da Bahia

Sistema de Biblioteca

Ficha Catalográfica - Produzida pela Biblioteca Edivaldo Machado Boaventura

Marx, Ana Paula Mendes.
O potencial das redes sociais digitais para a construção e difusão do conhecimento: o Facebook no Projeto PM e Escolas na Corrente do Bem / Ana Paula Mendes Marx.-- Salvador, 2018.
127 : il.

Orientador: Mary Valda Souza Sales
Dissertação (Mestrado) – Universidade do Estado da Bahia. Departamento de Educação. Campus I. Programa de Pós-Graduação em Educação e Contemporaneidade - PPGEDUC, 2018

1. Redes Sociais Digitais. 2. Educação. 3. Difusão do conhecimento. I. Sales, Mary Valda Souza II. Universidade do Estado da Bahia. Departamento de Educação. Campus I.

CDD: 370

TERMO DE APROVAÇÃO

O POTENCIAL DAS REDES SOCIAIS DIGITAIS PARA CONSTRUÇÃO E DIFUSÃO DO CONHECIMENTO: O FACEBOOK NO PROJETO PM E ESCOLAS NA CORRENTE DO BEM

ANA PAULA MENDES MARX

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação e Contemporaneidade, em 10 de abril de 2018, como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Educação e Contemporaneidade pela Universidade do Estado da Bahia, composta pela Banca Examinadora:

Profa. Dra. Mary Valda Souza Sales
Universidade do Estado da Bahia - Uneb
Doutorado em Educação
Universidade Federal da Bahia, UFBA, Brasil

Profa. Dra. Camila Lima Santana e Santana
Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Baiano – IFBaiano
Doutorado em Educação
Universidade Federal da Bahia, UFBA, Brasil

Profa. Dra. Simone de Lucena Ferreira
Universidade Federal de Sergipe - UFS
Doutorado em Educação
Universidade Federal da Bahia, UFBA, Brasil

Prof. Dr. Emanuel do Rosário Santos Nonato
Universidade do Estado da Bahia - Uneb
Doutorado em Difusão do Conhecimento
Universidade Federal da Bahia, UFBA, Brasil

Dedico este trabalho ao meu Senhor Jesus Cristo, por todas as bênçãos destinadas a mim, em especial pelos presentes materializados em seres humanos que colocou em minha vida e que contribuíram para a concretização deste sonho.

AGRADECIMENTOS

Soberano e Eterno Deus, a Ti toda honra, glória e louvor. Exaltado e engrandecido seja o Teu nome, Pai. O Senhor que nos inspira, que nos dá a certeza da boa obra em nossas vidas e que cuida de tudo para concretizá-la. *Jeová-Jiré* – O Senhor Proverá.

Eu agradeço Senhor pelo cumprimento da tua vontade em minha vida, que assim como a Tua Palavra nos ensina é boa, agradável e perfeita.

Com o coração reconhecido eu agradeço ao Senhor pela vida de cada pessoa ou instituição que o Senhor colocou em meu caminho e que me ajudou nessa trajetória.

Agradeço-te pelo amor de minha vida, presente especial que o Senhor preparou para mim, Carlos Augusto Marx, um esposo dedicado, zeloso, amoroso, compreensivo e, sobretudo, servo do Senhor, que no joelho intercede por mim em todos os momentos. Obrigada porque desde o primeiro momento que os nossos olhos se cruzaram o Senhor colocou no coração dele o desejo de cuidar de mim e assim ele tem feito.

Graças te dou pela minha família, em especial pelos meus pais, Carlos e Tereza, que são verdadeiros exemplos de amor e compreensão. Por me nutrirem de muito amor, pela dedicação na minha criação e por terem me ensinado os valores corretos.

Agradeço ainda meu Deus pelos meus irmãos Sérgio Roberto, Ana Lucia, Carlos Eduardo, Ana Tereza e André Luís - pelo amor que sempre compartilhamos, por torcerem por mim, por juntos termos dado os primeiros passos em nossas vidas, sempre com muita dignidade -, pelas pessoas queridas que através do Senhor, eles me presentearam: meus amados sobrinhos - Stéfane, Gabriel, Brian, Rafael, Melvin, Yan, Emilly, Eloyse, Adrian, Catarina, Ângelo e em breve Josué, pelo carinho, amor e afeto- e também pela vida de meus cunhados e cunhadas – que completam a nossa família e esse laço de amor.

Agradeço-te Deus imensamente pela vida dos meus sogros, Cida e Carlos Marx, exemplos de dedicação e amor ao próximo, pelo cuidado e zelo comigo e com meu esposo, por estarem sempre dispostos a nos auxiliar e por nos ouvirem nos nossos momentos difíceis, sempre atentos às nossas necessidades para atendê-las: *Ebenézer*.

Te agradeço também pela vida dos meus amados cunhados: Mary, que intercede por mim e por Guto noite e dia e Hugo e Nilma, que mesmo de longe sempre demonstram amor e compreensão por nossas ausências e por nos presentearem com Valentina.

Senhor, te agradeço todos os dias pela vida das pessoas que com seu grande amor ampliaram a minha família: Eliana e Josué, amigos-irmãos e Yan e Ryan, sobrinhos queridos, pelos exemplos de amor e carinho; Tia Janda e Tia Munda pelo dengo comigo e minha madrinha Rosa pela dedicação ao me ensinar as primeiras letras e números.

Obrigada, oh Pai, em especial por sua demonstração de amor, ao permitir que a minha orientadora fosse a Professora Mary Valda Souza Sales. Sei que o Senhor com Seu carinho especial a escolheu para me guiar nesta pesquisa. Orientadora-Mãe, sempre compreensiva e com um ouvido mais que sensível, que me fez enxergar caminhos que não vislumbrava. Obrigada por ter selecionado alguém que sempre colocou um sorriso em meu rosto após cada orientação.

Agradeço-te também pela vida de cada componente da banca: A Profª Drª Camila Santana, pela disponibilidade em ajudar, cuidado com o qual me acolheu e por junto com o Prof. Dr. Emanuel Nonato – um dos meus nobres coordenadores no ForTEC e impulsionador, junto com Mary, dos nossos estudos – pela contribuição desde o momento da qualificação. Agradeço também pelo ingresso nessa reta final da Profª. Drª Simone Lucena, que aceitou se juntar a nós neste trabalho.

Pai que darei eu por tantos benefícios que o Senhor tem me proporcionado? Obrigada, oh Deus, pela vida do Major Hilton Reis, sempre compreensivo e incentivador dos estudos e também pela vida dos nobres colegas da 53ª CIPM/Mata de São João, em especial aos meus amigos da administração, oficiais e praças, que junto comigo ajudaram na execução do Projeto “PM e Escolas na Corrente do Bem”.

Agradeço pela vida dos sujeitos pesquisados, as gestoras e discentes das escolas municipais José de Almeida Seixas Filho e João Pereira Vasconcelos e do Colégio Estadual Alaor Coutinho, em Mata de São João.

Agradeço por ter permitido o meu retorno a Universidade do Estado da Bahia, a qual eu tenho um profundo sentimento de pertencimento e por ser uma instituição que me acolheu e me fez amar a docência.

Agradeço pelo Programa de Pós Graduação em Educação e Contemporaneidade da UNEB, pelos conhecimentos construídos com a turma de mestrado 2016 e por

através dele ter me proporcionado dois grandes presentes, minhas amigas Mônica - exemplo de dedicação e perseverança na busca da concretização dos seus sonhos- pelo amor, cuidado e parceria nos estudos e a minha irmã em Cristo Osimara, pelas palavras carinhosas e sinceras e pela agradável companhia nas idas e vindas da UNEB.

Pai, agradeço-te também pelo Grupo de Pesquisa ForTEC, pela acolhida, pelos conhecimentos construídos coletivamente, pelo carinho dos integrantes, que foram escolhidos pelo Senhor para me acompanhar nessa jornada acadêmica.

Agradeço também pela vida da querida e doce Profª Jacqueline Leal, com a qual eu tive a honra de realizar o tirocínio docente, pela paciência, pelos ensinamentos e pela compreensão com a qual me acolheu, assim como agradeço pela vida de cada futuro pedagogo da turma 2015.2, do turno vespertino, da UNEB, pela oportunidade de juntos refletirmos sobre a educação e aprendermos uns com os outros.

Com muito contentamento agradeço também pela vida de cada pessoa que direta ou indiretamente contribuiu para essa pesquisa.

Pai, aproveito para pedir ao Senhor para cuidar de cada uma das pessoas citadas, acampando anjos ao redor deles, protegendo e guardando, livrando de todo o mal e permitindo que cada um venha a Reconhecê-lo como único Senhor e Salvador de nossas vidas. Que todos venham a ser ou continuem sendo sal e luz no mundo, presenteando as pessoas ao seu redor como me presentearam com as suas vidas.

Muito obrigada por tudo, em nome Santo do Senhor Cristo Jesus, Amém.

“Como um enorme cardume humano a rodopiar nesse incomensurável oceano cibernético, traçamos com leveza e velocidade as nossas rotas de informação”.

(Alexandre Quaresma)

RESUMO

No cenário contemporâneo marcado pela atuação humana em plataformas de comunicação em rede, como é o caso do *Facebook*, emerge a possibilidade de realizar práticas formativas neste contexto digital. Assim, o presente estudo, que é de natureza qualitativa, tem como temática redes sociais digitais e educação. Seu *lócus* principal é a página do Projeto "PM e Escolas na Corrente do Bem", no *Facebook* e o secundário é composto por três escolas públicas participantes do referido projeto, localizadas no município de Mata de São João. O objetivo geral da pesquisa é analisar o potencial da plataforma de comunicação em rede *Facebook* para a construção e difusão do conhecimento, a partir das ações desenvolvidas no âmbito do Projeto "PM e Escolas na Corrente do Bem". Os objetivos específicos são: identificar o potencial educativo do Facebook para a construção e difusão do conhecimento em ações de formação para a cidadania e prevenção a violência, a partir da execução do referido projeto; verificar de que maneira os adolescentes se apropriam dos conteúdos formativos disponibilizados no *Facebook* em processos de construção e difusão do conhecimento na rede e, identificar as possibilidades e os desafios para a utilização do *Facebook* em um contexto de formação para à cidadania e prevenção a violência. A pesquisa teve como problema: em que medida o potencial da plataforma de comunicação em rede Facebook contribui para a construção e difusão do conhecimento? A pesquisa teve uma orientação da abordagem qualitativa, a partir da qual se constituiu como método a pesquisa participante, sendo que para alcançar os objetivos da pesquisa foram realizadas entrevistas semiestruturadas com 13 alunos do projeto, 03 gestoras das escolas participantes e 02 policiais militares, assim como observações participantes tanto da página do projeto quanto das ações desenvolvidas presencialmente, a partir das quais se encontrou a resposta para o problema de pesquisa. Os dados obtidos foram analisados à luz da análise textual discursiva e posteriormente permitiram a construção de metatextos entrelaçando os referenciais teóricos utilizados na pesquisa e os dados empíricos, permeados pela interpretação da pesquisadora. Quanto aos resultados, verificou-se que o *Facebook* pode contribuir para a construção e difusão do conhecimento na medida em que promova a interação entre os participantes da prática educativa e a autonomia destes, estimulem a reflexão e a participação em atividades colaborativas, bem como impulsionem os educandos a produzirem o conhecimento e compartilharem com a sua rede social digital, levando em consideração as possibilidades e as limitações desse contexto.

Palavras-chave: Redes Sociais Digitais; Educação; Difusão do conhecimento.

ABSTRACT

In the contemporary setting marked by the human action in network communication platforms, like the case of the Facebook, the possibility of make formative practices in this digital context emerges. Therefore, the present study, which is of qualitative nature, it haves like thematic the digital social networks and education. Its main locus is the web page of the Project "PM and Schools in the Current of the Good", in Facebook and the secondary is compound by three public schools participants of this project, located in the town of Mata de São João. The research general objective is to analyze the potential of the communication platform in Facebook network for the knowledge construction and diffusion, from the developed actions in the ambit of the Project "PM and Schools in the Current of Good". The specific objectives are: to identify the Facebook educative potential for the construction and knowledge diffusion in formation actions for the citizenship and violence prevention, from the achievement of this project; to verify the way that teenagers appropriate of the formative contents available on Facebook in process of construction and knowledge diffusion on the network and to identify the possibilities and challenges for using Facebook in a context of citizenship formation and violence prevention. The research had as problem: what is the measure that the potential of the Facebook network communication platform contribute to the knowledge construction and diffusion? The research had an orientation of the approach qualitative, from which the participant research was constituted as the method, and to reach the research objectives were made semistructured interviews with 13 students of the project, 03 managers of the participating schools and 02 military police officers, as well as participating observations of the project page and the developed actions in person, from which the research problem answer was found. The obtained data were analyzed having like base of the discursive textual analyzis and posteriorly they allowed the construction of metatexts interlacing the theoretical references used in the research and the empirical data, permeated by the researcher interpretation. In the results, it was verified that the Facebook can contribute to the knowledge construction and diffusion according as it boost interaction between participants of the educational practice and their autonomy, stimulating critical reflection and the participation in collaborative activities, as well as encourage the students to produce knowledge and share with their digital social network, taking into consideration the possibilities and limitations of this context.

Key Words: Digital Social Network; Education; Knowledge Diffusion.

LISTA DE SIGLAS

53ª CIPM	53ª Companhia Independente da Polícia Militar
ATD	Análise Textual Discursiva
ECA	Estatuto da Criança e do Adolescente
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
IDEB	Índice de Desenvolvimento da Educação Básica
INEP	Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas
PM	Polícia Militar
PMBA	Polícia Militar da Bahia
TDIC	Tecnologias Digitais da Informação e Comunicação

LISTA DE QUADROS

01	Principais materiais educativos publicados na página do Projeto	52
02	Instrumentos de coleta de dados	58
03	Sujeitos sociais que participaram das entrevistas semiestruturadas	59
04	Escolas participantes da pesquisa	60
05	Codificação referente às transcrições de publicações no *Facebook*	61

LISTA DE TABELAS

01 Dados gerais de usuários de redes sociais no mundo 35

LISTA DE FIGURAS

01	Tipos de páginas	36
02	Tela inicial da página do Projeto PM e Escolas na Corrente do Bem	50
03	Tela do material educativo referente ao Estatuto da Criança e do Adolescente	52
04	Tela referente à cartilha sobre Violência Doméstica	53
05	Tela referente à Cordel sobre à Lei Maria da Penha	53
06	Tela referente ao material sobre Uso Seguro da Internet	54
07	Tela referente a vídeo sobre Prevenção ao Suicídio	55
08	Interação entre participante e policial militar na página	72
09	Interação entre participantes do projeto no *Facebook*	72
10	Publicação referente à construção coletiva de texto	74
11	Comentário de participante F7 relacionado a conteúdo da página	82
12	Comentário de participante F10 relacionado a conteúdo da página	83
13	Comentário de participante F14 relacionado a conteúdo da página	83
14	Tela referente ao vídeo produzido por participantes do projeto	85

SUMÁRIO

1	**INTRODUÇÃO**	15
2	**EDUCAÇÃO E TECNOLOGIAS DIGITAIS DA INFORMAÇÃO E COMUNICAÇÃO NA CONTEMPORANEIDADE**	19
2.1	AS TECNOLOGIAS E O ADVENTO DA INTERNET	20
2.2	O CENÁRIO EDUCATIVO CONTEMPORÂNEO E AS TECNOLOGIAS DIGITAIS DA INFORMAÇÃO E COMUNICAÇÃO	26
3	**REDES SOCIAIS DIGITAIS E EDUCAÇÃO: COMPREENSÕES E POSSIBILIDADES**	30
3.1	IMPRESSÕES INICIAIS ACERCA DAS REDES SOCIAIS DIGITAIS	30
3.1.1	**O *Facebook***	34
3.2	INTERFACES E POSSIBILIDADES DO FACEBOOK E A EDUCAÇÃO	38
4	**METODOLOGIA: O PASSO A PASSO DA PESQUISA**	42
4.1	O CAMPO DA PESQUISA	43
4.1.1	**Caracterização do município de Mata de São João**	43
4.1.2	**A 53ª Companhia Independente da Polícia Militar**	45
4.1.3	**O Projeto PM e Escolas na Corrente do Bem**	46
4.1.4	**A página do Projeto PM e Escolas na Corrente do Bem no *Facebook***	50
4.2	A TRAJETÓRIA DA PESQUISA: ABORDAGEM, MÉTODO E INSTRUMENTOS DE COLETA DE DADOS E INFORMAÇÕES	55
5	**ANÁLISE DOS DADOS: INTERPRETANDO O CONTEXTO**	64
5.1	CATEGORIA 1: POTENCIAL EDUCATIVO DO *FACEBOOK* PARA A CONSTRUÇÃO E DIFUSÃO DO CONHECIMENTO	65
5.2	CATEGORIA 2: APROPRIAÇÃO DE CONTEÚDOS FORMATIVOS DISPONIBILIZADOS NO *FACEBOOK*	78
5.3	CATEGORIA 3: POSSIBILIDADES E DESAFIOS PARA A UTILIZAÇÃO DO *FACEBOOK* EM ATIVIDADES EDUCATIVAS	86
6	**CONSIDERAÇÕES FINAIS**	97
	REFERÊNCIAS	102
	ANEXO	107
	APÊNDICES	113

1 INTRODUÇÃO

No cenário contemporâneo, as tecnologias digitais estão presentes em diversos espaços sociais, integrando-se ao modo como as pessoas se relacionam, interagem e se comunicam, sobretudo com o advento dos dispositivos móveis[1], que se destacam pela ubiquidade[2] e pelo número crescente de usuários.

As relações sociais através de dispositivos móveis são comuns entre grupos de diferentes faixas etárias e paulatinamente as pessoas se inserem nesse mundo conectado, agregando a seu cotidiano novas linguagens e hábitos diversos de um passado recente, no qual as interações se davam principalmente de forma presencial.

Nessa perspectiva do mundo conectado, as plataformas de comunicação em rede se constituem em novos espaços de interação entre as pessoas, que as utilizam para dar visibilidade à parte de suas rotinas, para evidenciar os seus ideais, as suas reflexões e para discutirem temas de seus interesses, apresentando também um potencial para o desenvolvimento de atividades voltadas para a construção e difusão do conhecimento.

Neste sentido, as instituições formativas demonstram uma falta de sintonia em relação às outras esferas da vida social, por não integrarem essa cultura digital própria do cenário vivenciado na Contemporaneidade a suas práticas educativas.

Aliado a essas observações iniciais, a presente pesquisa que tem como temática redes sociais digitais e educação se justificou também pelo desejo da pesquisadora- que constitui o objeto pesquisado no contexto de sua profissão-, de contribuir para o desenvolvimento de práticas formativas em consonância com a realidade vivenciada pelos sujeitos sociais em formação.

Em meio ao interesse crescente pela temática, surge um elemento fomentador de uma nova inquietação. Como Bacharel em Segurança Pública e Defesa Social e atualmente ocupando o cargo de Tenente da Polícia Militar da Bahia (PMBA), atuando na 53ª Companhia Independente da Polícia Militar (53ª CIPM) em Mata de São João, esta pesquisadora deparou-se com uma demanda de

[1] Dispositivos móveis são quaisquer equipamentos ou periféricos que possam ser transportados com informação acessível em qualquer lugar, como *iPhones*, *smartphones*, *palms*, *lap-tops*, *iPads*, *tablets* e até mesmo os *pen-drives* (SANTAELLA, 2013).

[2] Ubiquidade é a presença em todos os lugares de mídias digitais conectadas em rede, estabelecendo conexões em qualquer espaço e tempo (MARTINO, 2015).

intervenção social solicitada pela comunidade escolar e seus familiares, que fosse promovida pela PMBA.

Assim, a partir da demanda da comunidade matense por um projeto social da Polícia Militar (PM) com o objetivo de promover uma cultura de paz e construção da cidadania, desenvolvida com os jovens estudantes das instituições formativas matenses, iniciou-se o planejamento das ações necessárias.

Tornou-se evidente que um trabalho que fosse executado apenas com os jovens estudantes do ensino fundamental, excluiria da ação preventiva aqueles que não estão no ambiente escolar e que compõem um contexto de vulnerabilidade social. Por isso, tornava-se necessária uma medida que tivesse sua origem nas instituições de ensino escolar e fossem disseminadas para os demais componentes da população matense.

Com isso surgiu o Projeto “PM e Escolas na Corrente do Bem”, que é desenvolvido a partir da realização de ações preventivas, compostas por palestras, oficinais e atividades educativas e dele emergiu a necessidade de criar estratégias que possibilitassem uma maior comunicação, aproximação entre a comunidade e a PM e que contribuísse para a construção e difusão do conhecimento.

Nessa perspectiva e a partir dos conhecimentos desenvolvidos por esta pesquisadora em sua trajetória de formação e de atuação profissional idealizou-se a utilização de uma página em um *site* de rede social, com o intuito de construir o conhecimento acerca dos temas desenvolvidos no projeto e divulgá-lo, visando com isso alcançar um número maior de jovens, que podem passar a conhecer estas ações, ideias e propostas, a partir do potencial comunicacional e interativo das redes sociais digitais.

Assim, surgiu com esse projeto da PMBA a oportunidade de executar um estudo do potencial do *Facebook* para a construção e difusão do conhecimento, assim como se constituiu em um momento conveniente para utilização dessas plataformas *on-line* para socialização de informações, experiências e impressões, por parte de todos que integram a rede.

Diante do exposto e da consequente inquietação potencializada pelo objeto de pesquisa, constitui-se o seguinte problema de pesquisa: Em que medida o potencial da plataforma de comunicação em rede *Facebook* contribui para a construção e difusão do conhecimento?

A partir da constituição do problema, se configuraram-se os objetivos. Assim, o objetivo geral da investigação é analisar o potencial da plataforma de comunicação em rede *Facebook* para a construção e difusão do conhecimento, a partir das ações desenvolvidas no âmbito do Projeto “PM e Escolas na Corrente do Bem”.

Quanto aos objetivos específicos, são os seguintes:

- Identificar o potencial educativo do *Facebook* para a construção e difusão do conhecimento em ações de formação para a cidadania e prevenção a violência, a partir da execução do Projeto “PM e Escolas na Corrente do Bem”;
- Verificar de que maneira os adolescentes se apropriam dos conteúdos formativos disponibilizados no *Facebook* em processos de construção e difusão do conhecimento na rede;
- Identificar as possibilidades e os desafios para a utilização do *Facebook* em um contexto de formação para a cidadania e prevenção a violência.

Para alcançar esses objetivos e responder ao problema de pesquisa, foi construído um percurso metodológico apropriado para este fim. Assim, este estudo é de natureza qualitativa, desenvolvido a partir da pesquisa participante e os instrumentos de coleta de dados e informações utilizados foram entrevistas semiestruturadas com os sujeitos envolvidos no projeto da PM nas escolas, as observações participantes da página deste projeto no *Facebook* e das suas ações presenciais.

O *lócus* principal foi à página do projeto “PM e Escolas na Corrente do Bem” no *Facebook* e como secundário três escolas públicas municipais situadas no litoral de Mata de São João. Com os dados e informações acessados e coletados, o processo de análise foi feito por meio da análise textual discursiva realizada a partir de 03 categorias de análise, sendo elas: 1- o potencial educativo do *Facebook* para a construção e difusão do conhecimento; 2- Apropriação de conteúdos formativos disponibilizados no *Facebook* e 3- Possibilidades e desafios para a utilização do *Facebook* em atividades educativas. Estas categorias foram definidas a *priori*, tendo emergido dos objetivos específicos deste estudo.

Além deste capítulo introdutório, que apresenta a temática, a justificativa para o estudo, o problema de pesquisa, os objetivos e a estrutura da dissertação, este trabalho é composto por dois capítulos teóricos, um metodológico, um de análise de dados, seguido das considerações finais.

O segundo capítulo Educação e Tecnologias Digitais da Informação e Comunicação na Contemporaneidade aborda o advento da internet e traz um recorte do cenário educativo contemporâneo marcado por tecnologias digitais da informação e comunicação e tem como interlocutores teóricos principais Castells (2003), Santaella (2007), Burke e Ornstein (2010), Lima Júnior (2005), Freire (1983; 1996) e Nascimento e Hetkowski (2009).

No terceiro capítulo Redes Sociais Digitais e Educação: Compreensões e Possibilidades, dialogamos com Recuero (2009; 2015), Santaella (2013), Martino (2015) e Matos e Ferreira (2014) para tratar das redes sociais digitais, com ênfase para o *Facebook*, além de discutir sobre a utilização dessas plataformas de comunicação em rede em processos educativos, apontando as possibilidades e os desafios encontrados neste processo.

O quarto capítulo Metodologia: o passo a passo da pesquisa detalha o contexto da pesquisa, os seus sujeitos, a trajetória metodológica, o método, os instrumentos para coleta de dados e os procedimentos para a análise.

O quinto capítulo apresenta os metatextos construídos no processo de análise, compostos por descrições e interpretações dos dados da pesquisa, entrelaçados com os teóricos que fundamentaram o estudo.

O sexto capítulo traz as considerações finais acerca da pesquisa, evidenciando o alcance dos objetivos e a resposta ao problema de pesquisa, além de apresentar as possibilidades e os desafios para utilização do *Facebook* em atividades educativas, evidenciados no decorrer da pesquisa.

2 EDUCAÇÃO E TECNOLOGIAS DIGITAIS DA INFORMAÇÃO E COMUNICAÇÃO NA CONTEMPORANEIDADE

A Contemporaneidade é profundamente marcada por transformações sociais, culturais, econômicas e políticas e, sobretudo pela dinamicidade com que estas acontecem. Por isso, analisar a educação neste contexto e o imbricamento desta com as tecnologias digitais da informação e comunicação (TDIC) requer um olhar atento acerca do homem e o lugar ocupado pelas tecnologias nessa trajetória.

Assim, este capítulo está dividido em duas seções na qual a primeira traz o conceito de tecnologia utilizado na pesquisa, bem como retrata o advento da internet e as interações humanas nesse cenário em rede e a segunda apresenta aspectos do cenário educativo na contemporaneidade com a presença de TDIC.

Inicialmente vale pontuar que as TDIC englobam dispositivos digitais como *smartphones*, computadores, *tablets* e outros com acesso à internet, a partir dos quais é possível processar qualquer informação na forma de áudio, vídeo, texto e assumir a forma digital (KENSKI, 2012; SANTAELLA, 2007).

Essas tecnologias possibilitam que os sujeitos possam ter acesso a informações disponibilizadas no ciberespaço, apenas através de cliques ou de simples movimentos dos dedos, diferentemente de outros momentos históricos.

Nessa direção, as TDIC penetram em todas as esferas da atividade humana, em virtude da informação e da comunicação se constituírem em partes integrantes dessas atividades, moldando diretamente todos os processos da existência do homem, criando, inclusive novas formas de o homem interagir com seu semelhante.

Assim, as TDIC promoveram e continuam promovendo transformações no mundo, tendo sido decisivas para as mudanças econômicas que favoreceram o advento da globalização, a consequente descentralização de grandes empresas, a interdependência entre nações e a restruturação do Capitalismo, provocando com isso modificações nas demais esferas da vida humana.

Vale acrescentar que essas tecnologias promoveram também mudanças no modo dos sujeitos se relacionarem, por possibilitarem formas e estratégias outras de interação, comunicação em rede e a integração de diferentes culturas e subjetividades que se encontram no mundo *on-line*.

Assim, os processos comunicacionais potencializados pela internet contribuem para que as pessoas que residem em diferentes pontos do planeta, com

práticas culturais distintas, linguagens diversas, realidades socioculturais, econômicas e políticas diferentes, tenham a possibilidade de se agregar, integrar e construir espaços de sociabilidade em rede.

Essa dinâmica relacional contemporânea através de redes, potencializadas com a convergência digital e com a conexão sem fio, demanda adaptações e ressignificações comportamentais e a construção de novos conhecimentos, necessários à participação ativa neste mundo globalizado, hoje também caracterizado por Castells (2003) como sendo a sociedade da informação.

Nessa sociedade da informação, a partir das TDIC, é possível que as demandas e necessidades em relação ao conhecimento, a informação e a comunicação estejam ao alcance das mãos, com dispositivos que se tornam extensões do homem, tais como: *smartphones*, *tablets*, computadores e demais dispositivos tecnológicos que permitem a conexão em rede, tornando cada dia mais imprescindível que os sujeitos sociais vivam neste mundo e participem ativamente deste contexto.

Assim, a educação na contemporaneidade deve considerar o lugar ocupado pelas TDIC no cotidiano humano e a forma como as pessoas se relacionam nesse contexto, a partir do advento da internet, o que será retratado na próxima subseção.

2.1 AS TECNOLOGIAS E O ADVENTO DA INTERNET

Para facilitar a compreensão dos sujeitos sociais no cenário contemporâneo dinâmico e em constante mutação, é importante analisar a relevância das TDIC neste contexto e a forma como o homem se apropria delas e as inserem em seu cotidiano, sobretudo, a partir do advento da rede mundial de computadores.

A criação da internet se caracteriza na busca do homem por tecnologias que potencializem sua atuação no mundo e possibilitem a ocorrência de transformações em todas as esferas da vida humana, dentre estas culturais, sociais, econômicas e políticas.

Assim, quando o homem transforma os recursos disponíveis na natureza em instrumentos para atender às suas necessidades, bem como a partir das possibilidades imateriais derivadas da sua capacidade cognitiva de elaborar processos que interveem diretamente na transformação do meio social em que está

inserido (BURKE; ORNSTEIN, 2010), o homem contribui para o seu próprio desenvolvimento.

Assim, partindo do pressuposto das tecnologias como processos materiais e imateriais desenvolvidos pelo homem para atender às suas necessidades, resolver problemas e ampliar suas capacidades físicas, cognitivas e motoras é que compreendemos como a produção de instrumentos e de processos de intervenção modificaram e continuam modificando o homem e o seu contexto, contribuindo para o desenvolvimento da espécie humana e, consequentemente, da constante evolução tecnológica de forma dinâmica.

Com isso, as inovações tecnológicas possibilitam uma metamorfose na vida dos sujeitos sociais, que passam por transformações intrínsecas, transformando assim a forma como eles se relacionam com o meio em que vivem e com seus semelhantes. De acordo com Burke e Ornstein (2010), cada tecnologia que surge contribui para a redefinição do pensamento humano, dos seus valores, podendo modificar a sua percepção do mundo.

Nesse processo de mudanças, o homem ressignifica a sua forma de produzir, de atuar profissionalmente, de interagir com os demais componentes de sua tessitura social, transformando a sua atuação no mundo.

Segundo Burke e Ornstein (2010) o *homo habilis*[3], por exemplo, produziu e utilizou os primeiros instrumentos, confeccionados a partir de lascas de pedras, feitas de fraturas, para cortar e raspar, provocando assim transformações em sua trajetória histórica e em sua estrutura física e mental.

Já o *homo erectus*[4], ao descobrir o fogo e com isso possibilitar o cozimento de alimentos, modificou o formato do seu crânio no processo de mastigação dos alimentos cozidos, o que favoreceu o desenvolvimento da fala (BURKE; ORNSTEIN, 2010).

Assim como nos primórdios da humanidade o homem passou por transformações físicas a partir de suas criações tecnológicas, no contexto contemporâneo as tecnologias exercem influência nas transformações na vida do

[3] *Homo habilis* é uma espécie de hominídeo que viveu na Terra entre 2,2 milhões a 780 mil anos atrás. Seu nome, que significa o habilidoso, deriva do fato de que provavelmente foi o primeiro a utilizar ferramentas de pedra lascada.

[4] *Homo erectus* é uma espécie de hominídeo que viveu entre 1,8 milhões e 300 mil anos atrás. Usavam ferramentas mais elaboradas do que o homo *habilis*.

homem em sociedade e consequentemente para que os sujeitos criem inovações tecnológicas.

Neste sentido, o homem pode ter o seu modo de vida alterado a partir da utilização de tecnologias digitais da informação e comunicação em seu cotidiano, por isso não podemos falar de tecnologia somente nos referindo à ferramenta ou artefato, sem levar em consideração o homem e suas relações sociais.

A tecnologia transcende a sua base material e têm um sentido muito mais amplo do que uma simples ferramenta ou artefato, porque quando o homem a utiliza, ao mesmo tempo em que promove modificações em sua realidade, passa também por transformações e se relaciona com seu semelhante de forma diferente.

Vale salientar que o conceito de tecnologia muitas vezes é distorcido, pois a modernidade ligou-a a ideia de produtividade, de mediação instrumental e a uma instância pretensamente independente da subjetividade humana, dissociada do contexto cultural, conforme evidenciou Serpa (1991).

Corroborando esta afirmação, Lima Júnior (2005) retornou à matriz grega de *Téckné* que designa a maneira de fazer eficaz para atingir um objetivo e enfatiza que a tecnologia é própria do ser humano que a cria, de modo que não se restringe aos suportes materiais, pois é um processo criativo, transformativo, produtivo, no qual o homem utiliza de recursos materiais e imateriais, ou os criando quando não existem, com o intuito de solucionar os problemas que são apresentados em seu contexto, superando-os.

Ao participar desse processo de criação, produção e transformação, o homem passa a ter a possibilidade de resolver os seus problemas, modificar a sua realidade e construir novos conhecimentos, e assim, pode se ressignificar com essa experiência criativa, característica da interação homem-máquina.

Nesse sentido, pensar as tecnologias como possibilidade de alcance comunicacional entre os sujeitos numa determinada sociedade, nos leva a conceber as plataformas de comunicação em rede como sendo esta tecnologia que evolui a partir das experiências criativas e, na evolução, amplia-se.

Assim, pensar em tecnologia significa pensar o próprio homem e refletir acerca do imbricamento de ambos, porque a constituição da tecnologia é humana, consequência da ação criativa dos sujeitos. Desse modo, esse ser tecnologizado que se ressignifica, recria-se e se transforma a partir do seu potencial criativo e da utilização das tecnologias no seu contexto social, rompe com a dicotomia homem-

máquina e parte para uma visão de imbricamento do ser humano com o aparato maquínico (LIMA JÚNIOR, 2005).

Nesse processo de imbricamento com as tecnologias, o homem cria essas inovações e passa por modificações a partir da utilização delas em seu cotidiano. Com isso, independente da presença da tecnologia, a atuação humana é permeada por elementos destas em um processo dinâmico de novas criações e recriações.

Nesse movimento de criar e recriar no qual os sujeitos estão inseridos aliado ao desenvolvimento da vida humana em sociedade, as tecnologias foram se aperfeiçoando no sentido de atender às demandas de comunicação e de informação humana, contexto esse em que surge a rede mundial conectada de computadores, a internet, a qual traz mais versatilidade e potencialidade para suprir demandas de encurtamento de fronteiras geográficas, de comunicação e de difusão da informação e do conhecimento nas diversas sociedades do mundo.

Considerando que a tecnologia constitui-se em uma das expressões essenciais desse mundo (CASTORIADIS, 1987), repleto de computadores, dispositivos móveis e televisores conectados a internet, que não são só equipamentos tecnológicos, podendo ser considerados extensões do corpo humano ou portas de acesso aos ambientes em que as relações sociais acontecem, é que os espaços constituídos pelas redes podem diretamente possibilitar o exercício da subjetividade e da coletividade desses sujeitos.

Por tal argumento é que uma das marcas da contemporaneidade é o lugar que a tecnologia ocupa na organização da sociedade e na vida de cada indivíduo. Com isso, a própria atuação humana é ressignificada e os sujeitos deixam de ser apenas consumidores de informações para passarem a ser também produtores e difusores destas numa escala sem padrões e fora do controle das políticas de acesso e de produção do conhecimento em sociedade, como afirma Castells (2003).

Tudo isso se torna possível potencialmente devido ao surgimento da internet que promoveu uma série de transformações nas esferas sociais, econômicas, culturais e políticas, modificando profundamente a história da humanidade, construindo novos cenários mundiais e promovendo diversificadas formas de interação entre os sujeitos sociais.

De acordo com Recuero (2009) a interação é o ponto chave das relações sociais, independente de serem virtuais ou não, e está relacionada com diálogo e reflexão.

Assim, muitas pessoas não conseguem conceber sua própria existência destituída dessa interação social proporcionada pela internet que, segundo Castells (2003), é o tecido da vida humana e a base tecnológica para a forma organizacional da Era da Informática, a rede.

De acordo com dados da Pesquisa sobre o uso das tecnologias da informação e comunicação no Brasil, realizado pelo Centro Regional de Estudos para o Desenvolvimento da Sociedade da Informação em 2016, 36,7 milhões de domicílios tem acesso a *Internet*, sendo que dos brasileiros que se conectam a rede, 51% fazem isso tanto por computador quanto por celular e 43% só por celular. Em relação as atividades realizadas na Internet, 68% assiste a vídeos, 63% ouvi música on-line e 22% utiliza o serviço de armazenamento na *Internet*.

Com ampla utilização, a origem da *Internet* remonta ao período da Guerra Fria, quando o Departamento de Defesa dos Estados Unidos da América apresentou a demanda por um sistema de comunicação entre suas bases militares que fosse descentralizado e que não sucumbisse a um ataque inimigo. A partir daí, com o desenvolvimento de pesquisas que favoreceram o avanço tecnológico na área computacional e a criação da internet, esta foi liberada do âmbito militar, foi aberta ao público, expandindo-se pelo mundo, permitindo a interconexão de redes de computadores (CASTELLS, 2003).

Com isso, a internet transformou o mundo, criando uma mudança na dinâmica de comunicação, permitindo a ressignificação de diversas práticas humanas, tais como a realização de serviços na rede mundial de computadores, a compra e venda de produtos, a oferta de entretenimento, a participação em práticas educativas à distância *on-line*, a ampliação das possibilidades de interação, inclusive entre as instituições sociais que trabalham diretamente com processos derivados das relações humanas, além do acesso a informações.

Nessa perspectiva, a internet é um importante espaço de informações, que antes do advento da rede mundial de computadores, de acordo com Santos (2003) era produzida e circulava por suportes atômicos, como madeira, pedra, papiro, papel e corpo, na contemporaneidade circula digitalizada e assim ela se reproduz, circula, modifica e se atualiza em diferentes interfaces[5].

[5] Interfaces são conjuntos de processos, regras e convenções que permitem a comunicação entre o ser humano e os equipamentos tecnológicos digitais (SANTAELLA, 2013).

Assim, vale salientar que a própria relação do homem com a informação foi ressignificada, permitindo novas formas de acesso, troca, produção e difusão, além de favorecer a participação mais ativa dos sujeitos neste processo, interferindo diretamente no fluxo de informações em rede.

A interconexão mundial proporcionada pela internet[6] modifica todo o planeta, abarcando virtualmente o mundo todo, possibilitando a separação entre tempo e espaço e liberando as pessoas das restrições de hábitos e práticas locais, devido à conexão entre o local e o global (GIDDENS, 1991; BERMAN, 1986). Assim, independente da localização geográfica, a internet promove a ligação dos sujeitos em rede.

> Se a tecnologia da informação é hoje o que a eletricidade foi na Era Industrial, em nossa época a internet poderia ser equiparada tanto a uma rede elétrica quanto ao motor elétrico, em razão de sua capacidade de distribuir a força da informação por todo o domínio da atividade humana. [...] a internet passou a ser a base tecnológica para a forma organizacional da Era da Informação: a rede (CASTELLS, 2003, p. 7).

A palavra rede - que tem seu significado relacionado ao conjunto de entrelaçados de cordas utilizado desde os primórdios da humanidade para as atividades humanas de caça e pesca - na contemporaneidade foi apropriada por diversas áreas da ciência e da vida cotidiana, para ilustrar, exemplificar e estruturar vários fenômenos humanos, ecológicos e maquínicos (SANTANA, 2014).

Assim, rede como "uma metáfora para observar os padrões de conexão de um grupo social, a partir das conexões estabelecidas entre os diversos atores" (RECUERO, 2009, p.24), não é um conceito novo e prioritário do momento histórico de existência da internet, ela já existia nos primórdios da humanidade, mas em nenhum outro período foi tão utilizado quanto após o surgimento da internet e das redes sociais digitais existentes nas plataformas de comunicação em rede.

Essas redes sociais digitais e o seu entrelaçamento com a educação serão abordados no capítulo 3, porém antes disso, a próxima subseção trará discussões

[6] Os dados disponíveis acerca da Internet impressionam e demonstram o grande aumento de sua utilização. No Brasil, de acordo com o IBGE (2016) o acesso à internet por computadores entre os anos de 2004 e 2012, evoluiu de 6,3% para 25,7% de domicílios. A partir de 2013, o acesso a partir de outros dispositivos, como os móveis e a televisão passaram a ser considerados e já no ano seguinte mais da metade dos domicílios brasileiros passaram a ter acesso a Internet, saindo de 48% em 2013, para 54,9% em 2014, o que representa 36,8 milhões de domicílios. Em 2015 este número cresceu para 39,3 milhões de domicílios, ou seja, 57,8%. Conforme fica evidente nos dados apresentados pelo IBGE o número de pessoas com acesso a internet cresce a cada ano, o que demonstra a sua aceitação.

teóricas em torno da educação no cenário contemporâneo, marcado pela presença ubíqua das tecnologias digitais da informação e comunicação.

2.2 O CENÁRIO EDUCATIVO CONTEMPORÂNEO E AS TECNOLOGIAS DIGITAIS DA INFORMAÇÃO E COMUNICAÇÃO

No cenário contemporâneo, é possível contemplar os sujeitos sociais imersos em dispositivos móveis e isso acontece geralmente desde o despertar através de um aviso sonoro desses equipamentos, passando pela verificação da agenda, por aplicativos de comunicação, acesso a e-mail, englobando também a conferência meteorológica, a consulta em relação ao trânsito e o melhor caminho a ser seguido, mas não se restringindo a essas ações do início do dia.

Os muitos usos dos dispositivos móveis “são estratégias que os sujeitos contemporâneos põem em jogo para se manter à altura das novas coações socioculturais” (SIBILIA, 2012, p. 51) em um cenário no qual os indivíduos conectados vivenciam as mudanças céleres proporcionadas por estes equipamentos.

Neste sentido, a velocidade de mudanças proporcionadas por esses dispositivos e a ampliação vertiginosa das suas funcionalidades, aliado ao intenso fluxo de conteúdos que circulam nestes e por estes equipamentos, retrata bem a dinamicidade do cenário contemporâneo e evidencia a necessidade de atenção para as demandas educativas que surgem neste contexto.

Segundo Libâneo (2002), as instituições formativas precisam capacitar os seus sujeitos para que estes percorram as rotas no ciberespaço, estimulando a sua produção, tornando-o autor de seu próprio conhecimento e não consumidor de informações.

Apesar dessa necessidade de capacitação, essas instituições ainda estão fortemente marcadas por uma formação voltada para a reprodução do conhecimento que é transmitido pelo professor, baseado em uma concepção de educação bancária (FREIRE, 1983), desprezando o potencial que o aluno tem para produzir o conhecimento e atuar de forma autônoma e crítica em sua realidade.

Essa concepção de educação bancária está em descompasso com o que foi defendido por Freire (1996, p. 77)

> aprender é uma aventura criadora, algo, por isso mesmo, muito mais rico do que meramente repetir a lição dada. Aprender para nós é construir, reconstruir, constatar para mudar, o que não se faz sem abertura ao risco e à aventura do espírito.

Assim, é preciso que a educação seja compreendida em uma perspectiva mais ampla, abarcando práticas formativas próprias do ambiente escolar em conjunto com outras desenvolvidas nos demais espaços de interação social, sejam estes *on-line* ou presenciais, uma vez que cada sujeito social passa por diversas experiências de vida que se constituem naturalmente em práticas educativas.

Desta forma, o processo de construção do conhecimento deve levar em consideração as características próprias do cenário contemporâneo, principalmente porque para conhecer o sujeito deve cruzar, articular, jogar com as possibilidades, não partindo da exigência teórica, mas das demandas existenciais e contextuais, considerando a realidade vivenciada e levando em conta também que cada sujeito traz em si multiplicidades interiores (LIMA JÚNIOR, 2005, MORIN, 2002).

Assim é preciso romper com essa ideia de que a educação é simplesmente um processo formal de transmissão, desconsiderando as particularidades de cada indivíduo, pois essa concepção não representa e nem concretiza o ideal educativo de prover os sujeitos de conhecimentos que contribuam diretamente para o seu crescimento individual e social, bem como não desenvolve condições para proceder intervenções e transformações nos diversos contextos em que faz parte.

Por isso, as práticas educativas contemporâneas, assim como quaisquer outras devem considerar o contexto social, econômico, político e cultural próprios do cenário apresentado, sem deixar de contemplar as singularidades humanas, visando com isso, o desenvolvimento integral do ser humano.

Diante disso, é inconcebível uma educação que apenas contemple um programa de conteúdos preparatórios para exames ou que apenas prepare o sujeito para a sua atividade profissional, que não abarque os valores necessários para a emancipação do sujeito, a construção de sua autonomia intelectual e a sua atuação cidadã no mundo.

Nessa direção, a contemporaneidade e o seu vertiginoso desenvolvimento tecnológico impõem a experiência humana um processo educacional que promova o desenvolvimento de sujeitos críticos, protagonistas de suas próprias histórias individuais e da história partilhada com os demais, conforme enfatizam Nascimento

e Hetkowski (2009), demandando assim uma educação compartilhada, interativa, colaborativa, social e política.

Vale destacar que as necessidades da Contemporaneidade e as demandas provenientes da ubiquidade e da conectividade sem fio, não podem ser atendidas com ultrapassadas práticas educativas ou antigas concepções de educação. Para atender a essas demandas, é preciso que as instituições formativas, não se restringindo aqui apenas às escolas, adotem práticas que atendam às exigências do contexto mencionado e que reconheçam o potencial das TDIC para o desenvolvimento do cenário educacional.

As TDIC podem contribuir para a educação, pois o movimento, a comunicação, a interação, a experiência proporcionada por estes dispositivos possibilitam que todos sejam autores e tenham autonomia para produzir e construir colaborativamente.

Além disso, as TDIC contribuem para a interação e permitem que os sujeitos se relacionem fora de um padrão hierarquizado, privilegiando assim o conhecimento produzido por todos que a integram.

Vale salientar que os conteúdos que são amplamente difundidos no ciberespaço geralmente são produzidos pelos usuários, que influenciam diretamente na propagação ou não destes e definem o que circulará neste meio, evidenciando o novo papel dos sujeitos, que deixam de consumir e integram uma cultura participativa.

Essa cultura participativa representa “a potencialidade de qualquer indivíduo se tornar um produtor de cultura, seja recriando conteúdos já existentes, seja produzindo conteúdos inéditos” (MARTINO, 2015, p. 11).

Nesse contexto de participação, Libâneo (2011) aponta para a necessidade de reavaliação do papel das instituições formativas - que enfrentam novos desafios - e de articulação dos objetivos dessas instituições com as exigências da sociedade comunicacional, informática, globalizada e conectada, na qual os sujeitos sociais precisam dialogar e interagir no sentido de exercer um papel de protagonista no seu processo formativo.

Além do desafio apresentado, para se inserirem nessa dinâmica contemporânea, as instituições formativas enfrentam a falta de equipamentos tecnológicos em condições de uso, a deficiência ou ausência de internet, a necessidade de formação do professor para atuação nesse novo cenário e de

ressignificação de seu papel, além da falta de reconhecimento tanto do potencial das TDIC, como da relevância da interação social para a educação.

Vale salientar que a interação entre os sujeitos sociais neste contexto contemporâneo foi potencializada pelo surgimento das plataformas de comunicação em rede, que permitem que os sujeitos constituam redes sociais digitais e mantenham contato com estas, ampliando assim os seus contextos de interação, produção, difusão e participação.

Essas redes sociais digitais e o seu imbricamento com a educação será discutida no próximo capítulo, que trata também da plataforma de comunicação em rede mais utilizada na Contemporaneidade, o *Facebook*.

3 REDES SOCIAIS DIGITAIS E EDUCAÇÃO: COMPREENSÕES E POSSIBILIDADES

As redes sociais não surgiram com o advento da internet, pois o homem desde a origem da humanidade interage com seus semelhantes e compõe essas redes. Suas constituições se dão ao longo da vida, passando por ressignificações, com entradas e saídas de sujeitos em sua estrutura, em um processo dinâmico.

Geralmente, as redes sociais são formadas de acordo com afinidades, interesses em comum ou sentimentos de pertencimento compartilhados. Elas são estruturadas, a partir da interação e da relação entre seus membros, portanto quando os sujeitos sociais estabelecem laços, passam a compor redes sociais. Assim, os grupos de amigos e os componentes de uma família em geral são redes sociais, ou seja, as pessoas com as quais os indivíduos têm contato ao longo de suas vidas compõem suas redes sociais.

De acordo com Recuero, Bastos e Zago (2015) as redes sociais são formadas pelas relações entre os sujeitos, que são consideradas conexões e as pessoas são vistas como atores que estão unidos por essas conexões, formando o tecido social.

O advento das TIC conectadas potencializou a existência dessas redes e ampliou a sua abrangência, estendendo-a para a rede mundial de computadores, o que favoreceu a sua manutenção, sobretudo em virtude da possibilidade dos sujeitos sociais interagirem com suas redes sem os empecilhos de espaço e tempo, fazendo emergir as redes sociais digitais.

3.1 IMPRESSÕES INICIAIS ACERCA DAS REDES SOCIAIS DIGITAIS

As redes sociais digitais, plataformas de comunicação *on-line*, de interação humana no ciberespaço[7], surgiram no final da década de 1990, mas a sua utilização nos dias atuais é tão marcante que, geralmente, os indivíduos têm dificuldade em imaginar suas vidas sem elas, o que se torna evidente quando estas redes ficam momentaneamente indisponíveis.

Neste ínterim, é possível contemplar no cenário contemporâneo dinâmico, em constante mutabilidade, conectado, relacional, em rede, enfim tecnologizado, o

[7] Conjunto de espaços mediados por interfaces digitais que simulam contextos do mundo físico vivenciados pelo homem (SANTOS, 2015).

imbricamento do homem com as suas tecnologias e o lugar cada vez maior ocupado pelo mundo digital na trajetória humana, servindo como local de interação e de relações sociais.

Atualmente, a melhor forma de evidenciar as potencialidades das tecnologias digitais da informação e comunicação é através das redes sociais digitais desenhadas com base nos *sites* de redes sociais (SANTANA, 2014).

As redes sociais digitais são as traduções das redes sociais no espaço *on-line*, eliminando a distância entre os indivíduos (RECUERO, BASTOS e ZAGO, 2015). Elas possibilitam o contato entre aqueles que não se encontram normalmente no dia a dia, oportunizando o reencontro de pessoas e favorecendo a manutenção de vínculos por mais tempo.

Por esse potencial das redes sociais é que para o desenvolvimento dessa pesquisa optou-se por uma plataforma social que têm um alcance de larga escala, além de ser popular, o que contribui diretamente para a proximidade da Polícia Militar com a comunidade, tanto nos aspectos relacionados a comunicação, como em relação a construção do conhecimento e a sua difusão em rede.

Considerando que os sujeitos constroem suas redes sociais digitais e a partir desse tecido social formado tem a possibilidade de interagir com seus semelhantes, fortalecer os vínculos e estabelecer novos contatos, além de poder inserir amigos de seus amigos em sua teia, acreditamos que a grande participação dos indivíduos em redes sociais digitais amplia os modos de interação entre eles e a cada dia cresce o número de pessoas que possuem perfis nessas plataformas de comunicação em rede.

Vale acrescentar que, a centralidade das redes sociais digitais no cotidiano dos indivíduos é marcante devido ao advento dos dispositivos móveis conectados, que permitem o acesso ao ciberespaço a qualquer tempo e em qualquer lugar, tornando possível estar perpetuamente junto. Estes dispositivos unem a mobilidade física à mobilidade virtual das redes, entrelaçando e interconectando estas mobilidades (SANTAELLA, 2013).

Através deste entrelaçamento da mobilidade física – que existe desde os primórdios da humanidade com o deslocamento dos sujeitos sociais – e da mobilidade virtual das redes – que é mais recente e advém da conexão proporcionada pela internet -, é possível eliminar a distância entre os indivíduos e estar em diversos lugares ao mesmo tempo.

Esse compartilhamento de diversos lugares de forma simultânea, culminando em uma plurilocalização, é a ubiquidade em sentido estrito, possível devido à conexão em rede que situa o sujeito social em um híbrido território/rede comunicacional (SANTAELLA, 2010).

Com isso, através dos dispositivos móveis conectados a comunicação entre os componentes da rede se torna possível a qualquer momento, proporcionando esse imbricamento das mobilidades física e virtual.

Santos e Santos (2012) afirmam que os espaços físico e virtual vivem um momento de codependência devido a essa mobilidade característica dos equipamentos digitais atrelada a conexão e a comunicação e materializada pelas redes sociais desenvolvidas ao mesmo tempo em espaços físicos e digitais.

Com esse entrelaçamento dos espaços físicos e virtuais em rede emergem mudanças sociais e culturais e em paralelo a vida desconectada surge uma nova vida virtual, na qual as pessoas interagem, discutem, se conhecem, constroem conhecimento em conjunto com outros sujeitos e compartilham informações.

No ciberespaço, constitui-se uma rede de aprendizagem em um ambiente aberto, plástico, fluido, ininterrupto, onde saberes são produzidos pela Cibercultura e através da relação com os espaços de lugar, como é o caso das escolas, os alunos podem colaborar, trocar informações, ressignificar o conhecimento, participar e difundir o conhecimento em rede (SANTOS e SANTOS, 2012; CASTELLS, 1999).

Os adolescentes inseridos no cenário digital, participantes da Cibercultura, ressignificam as formas de lidar com o conhecimento e com o conteúdo que circula em rede e com isso modificam o seu papel na cultura do ciberespaço.

Isso acontece porque nos *sites* de redes sociais as informações transitam pelos atores, são comentadas, curtidas, compartilhadas e ressignificadas. O conteúdo é renovado constantemente, em um processo dinâmico próprio da internet, em que a novidade, em geral, é rapidamente substituída por outra e somente dados que têm algum significado para os usuários tramitam por suas redes, que nessa dinâmica são ao mesmo tempo consumidores, produtores e difusores de informações.

Nos dias atuais o foco das redes sociais digitais está no fluxo de informações e não mais nos perfis dos usuários, como no início de sua existência, pois o que mais têm relevância na atualidade são as atualizações mais recentes dos usuários (RECUERO, BASTOS e ZAGO, 2015), onde estão disponíveis os conteúdos que

têm algum significado para eles e por isso foi curtido, compartilhado ou comentado e portanto difundido em rede.

A difusão de informações em rede foi objeto de estudo de Mark Granovetter, na década de 1970, quando este desenvolveu a Teoria das Redes, com o intuito de compreender como a força dos laços sociais interfere na propagação das informações. Esses laços sociais são os elos entre os membros de uma rede e podem ser classificados em laços fortes – que são pessoas mais próximas dos atores, geralmente os seus familiares e amigos -, laços fracos – que são os conhecidos – ou laços ausentes – pessoas que o indivíduo não tem contato (MARTINO, 2015).

Os laços fracos constituem-se em um potencial de difusão de informações nas redes, pois são mais numerosos do que os laços fortes e podem servir para propagar as informações para além do círculo de amigos ou familiares. De acordo com Martino (2015), nas redes as informações circulam de forma mais veloz através dos laços fracos, em virtude destes não estarem incluídos diretamente no processo e por isso a sua percepção de novidade é maior, ampliando a chance de propagação dos conteúdos nas plataformas de comunicação em rede.

Nesta perspectiva, nestes ambientes em que as relações são mais horizontalizadas, sem centros definidos, novos papéis são ocupados pelo ser humano, que passa a ter um maior poder no espaço *on-line*, pois é ele que decide quais são as informações que irá repassar para a sua lista de contatos, aquelas que serão comentadas ou ressignificadas, enfim a que permanecerá mais tempo circulando pela rede e as que serão ignoradas e rapidamente substituídas.

Emerge daí a mídia social que é um fenômeno que surge a partir da apropriação dos *sites* de rede social pelos usuários. Neste espaço *on-line* cada conexão é percebida como um caminho para circulação de conteúdos entre os atores, que ao receberem as informações podem decidir se vão replicar para a sua rede ou não, essa ação dos atores em propagar, dar visibilidade para determinada informação e não outra é que faz surgir a mídia social (RECUERO, BASTOS e ZAGO, 2015), tornando assim os sujeitos em seres mais autônomos, determinantes dos conteúdos que serão difundidos ou esquecidos, que tem a oportunidade de expressar suas opiniões e ideais, diferentemente das mídias de massa.

As plataformas de comunicação em rede também são espaços que favorecem a mobilização, o que pode ser percebido a partir das grandes

manifestações realizadas por diferentes grupos de movimentos sociais, em distintos locais da nação brasileira, que surgiram a partir da mobilização nos *sites* de redes sociais, onde os usuários destas plataformas convidam sua rede de amigos para participarem e compartilharem o convite para outros grupos.

É evidente que nesse contexto *on-line* as informações têm um alcance muito maior do que no mundo *off-line*, porque geralmente neste espaço a rede de amigos é muito maior do que no mundo físico. Nestas plataformas em rede, como é o caso do *Facebook*, os atores estabelecem uma quantidade de conexões que dificilmente terá no espaço *off-line*, e isso influencia diretamente no número de informações que ele terá acesso (RECUERO, 2009).

Assim, nos sites de redes sociais, através da comunicação entre os interagentes, o alcance de pessoas é ampliado e uma informação pode transcender o grupo de usuários que a recebe inicialmente, sendo propagada através das conexões, podendo inclusive viralizar, ou seja, ser amplamente difundida nas diversas plataformas de comunicação em rede.

Inúmeros são esses *sites*. Dentre os mais conhecidos e utilizados na atualidade, temos o *Twitter*- que permite a troca de breves mensagens, em tempo real e a divulgação de acontecimentos do momento -, o *Instagram* – que é uma plataforma de comunicação em rede que possibilita o compartilhamento de fotos e vídeos, e o *Facebook*, que é o *site* de rede social com maior número de usuários ativos.

3.1.1 O *Facebook*

“Atualizo, logo existo” (KEEN, 2012, p. 20). Esta frase relativa ao *Facebook* retrata um pouco do lugar ocupado pelo referido site de rede social nos dias atuais, onde o usuário tem a possibilidade de alcançar uma visibilidade muitas vezes maior do que no espaço *off-line*.

Inicialmente criado para aproximar os alunos de Harvard e posteriormente aberto para o público em geral, o então *The Facebook* – nome inspirado nos livros de calouros das universidades norte-americanas – foi lançado em 04 de fevereiro de 2004, por Mark Zuckergerg, Dustin Moskovitz, Chris Hugher e Eduardo Saverin, na época estudantes da Universidade de Harvard e colegas de alojamento na referida instituição (RECUERO, 2009).

Em agosto de 2005, passou a ser conhecido como *Facebook* e no ano seguinte foi aberto para que pessoas a partir de 13 anos de idade – embora milhões de crianças em todo o mundo tenham perfis no *site* – pudessem se inscrever e compartilhar dados e imagens (AMANTE, 2014).

Em outubro de 2012, o *Facebook* passou a ser a maior rede social do mundo, com mais de 1 bilhão de usuários ativos e a partir de julho de 2016, como forma de ampliar a sua abrangência, iniciou os testes com o seu *drone* denominado *Aquila*[8], que prometia levar a internet para áreas com dificuldades de acesso.

Dados divulgados no Relatório Digital *Around The In World* em janeiro de 2018 apontam o crescimento no número de usuários no *Facebook*, ultrapassando 2 bilhões de usuários, sendo que destes, 180 milhões tem entre 13 e 17 anos e 610 milhões estão na faixa etária entre 18 e 24 anos.

Na tabela 01 é possível visualizar os dados recentes acerca da utilização de mídias sociais:

Tabela 01- Dados gerais de usuários de redes sociais no mundo

Indicador	Quantidade de pessoas
População Mundial	7.593.000.000
Usuários de Internet	4.021.000.000
Usuários ativos de redes sociais	3.196.000.000
Usuários do *Facebook*	2.167.000.000

Fonte: Elaboração própria, a partir de dados do Relatório Digital *Around The In World*, 2018.

O *Facebook* é a rede mais utilizada pela população mundial, seguida pelo *Youtube* com cerca de 1,5 bilhões de usuários e pelo *WhatsApp* com cerca de 1,3 bilhões de usuários, conforme o Relatório Digital *Around The In World* 2018.

A mensagem presente em sua página inicial “Conecte-se com amigos, familiares e outras pessoas que você conheça” convida os sujeitos a integrarem esse *site* de rede social. Para isso, o usuário precisa criar uma conta no *site*, denominada de perfil. Neste espaço, o usuário disponibilizará informações, como sua data de nascimento, religião, status de relacionamento, instituições educativas que frequenta ou frequentou, cidade em que mora, seus interesses, além de poder

[8] Dados disponíveis no site http://tecnoblog.net/217952/facebook-drone-aquila-voo, acesso em 18 de abril de 2017.

publicar fotos e vídeos que podem ser visualizadas por sua rede de amigos ou por qualquer usuário da rede, de acordo com as configurações de seu perfil.

Após o cadastro o usuário pode acompanhar através do *Feed* de Notícias as atualizações de seus amigos e das páginas e grupos que faz parte, facilitando assim a sua consulta ao site de rede social.

O *Facebook* apresenta uma série de funções, sendo que as mais utilizadas são curtir – demonstrar através de um clique uma reação em relação a uma publicação-, compartilhar – replicar publicações de sua rede de amigos no mural – e comentar- opinar acerca de uma informação disponibilizada na rede.

No *Facebook* os usuários podem criar grupos ou páginas. Os primeiros servem para discussões privadas, com a participação de um número limitado de pessoas, que para ingressarem necessitam de autorização ou de serem adicionados por outros membros.

As páginas por sua vez servem para, dentre outras coisas, difundir informações, eventos, negócios, instituições, práticas formativas e para promoverem a interação entre inúmeras pessoas que se interessem pelo conteúdo publicado na referida página, onde as informações e publicações são públicas.

Existem vários tipos de páginas, para atender diversas finalidades, conforme figura 01:

Figura 01 – Tipos de páginas

Fonte: *Facebook*, 2017.

Estas páginas possuem administradores que podem acompanhar o seu desempenho e os conteúdos publicados, mas as pessoas que se interessem em acompanhar as publicações da página em seu *Feed* de Notícias não necessitam de autorização desse administrador, basta apenas clicar em curtir, para automaticamente passar a seguir a página.

O sujeito social pode deixar de seguir uma página quando desejar - e com isso deixará de receber suas publicações em seu *Feed* de Notícias- e pode também seguir uma quantidade ilimitada de páginas.

Com isso, diversas celebridades, empresas, organizações, instituições, políticos e, sobretudo jovens inicialmente desconhecidos do público em geral expõe seus ideais em páginas no *Facebook* e possuem diversos seguidores que acessam a referida plataforma de comunicação em rede para acompanhar as suas publicações.

A partir de 2018, o *Facebook* adotou um novo algoritmo, no qual passou a incentivar mais as interações entre as pessoas. Com isso, as páginas que interagem pouco com os seus seguidores podem alcançar uma quantidade menor de pessoas, o que incentiva uma maior interação entre administradores de páginas e seus seguidores (SANTANA e ROVAI, 2018).

Além da participação em grupos e páginas, inúmeras são as possibilidades ofertadas pelo *Facebook*. Ele pode, por exemplo, ser utilizado como um ambiente virtual de aprendizagem, ampliando assim as práticas educativas, contribuindo para uma aprendizagem colaborativa em rede, possibilitada pelo diálogo, interação, troca, envolvimento ativo, compartilhamento, bem como pela produção coletiva de conhecimentos (GARCIA, 2014).

Nesse espaço, conteúdos formativos podem ser difundidos por seus participantes, alcançando a sua lista de amigos, que geralmente acessam as atualizações de suas redes diariamente em busca de novidades. Assim, novas práticas educativas podem ser desenvolvidas neste ambiente relacional, de interação e compartilhamento de informações, que possui uma série de funcionalidades criadas pelos administradores do referido site de rede social ou ressignificadas pelo seu grande número de usuários.

3.2 INTERFACES E POSSIBILIDADES DO FACEBOOK E A EDUCAÇÃO

Os processos educativos e/ou formativos não podem desconsiderar o lugar ocupado pelas redes sociais digitais no cotidiano humano, pois essas interligam sujeitos em mobilidade e cada vez mais conectados no mundo virtual, no qual diversas práticas em rede podem ser desenvolvidas, voltadas, sobretudo para coletividade, colaboração e troca entre os interagentes.

O *Facebook*, por exemplo, tão comum nos dias atuais, não se limita a comunicação humana, tampouco é somente espaço de estabelecimento de relações entre os sujeitos sociais, constituindo-se em local de construção de discursos e exposição de narrativas, que possui um relevante potencial educativo, através do estímulo à construção colaborativa do conhecimento e ao desenvolvimento da capacidade de aprender com os outros, fora dos espaços formativos convencionais.

Desse modo, no Facebook o processo de construção do conhecimento é favorecido pelo acesso rápido a informações, que podem ser ressignificadas pelos sujeitos participantes, construídas em conjunto com sua rede, renovadas constantemente e difundidas, pois nas práticas de navegação, as pessoas interagem, ressignificam seus conceitos e percepções de mundo, agregam novas informações ao seu repertório e têm a oportunidade de aprender na relação com o outro.

Nesta perspectiva, na contemporaneidade a ênfase tem sido colocada na aprendizagem em rede, nas potencialidades dos *softwares* sociais para acesso à informação e ao conhecimento e na capacidade de trabalhar e aprender com os outros de forma colaborativa (MOREIRA; JANUÁRIO, 2014).

Essa dinâmica colaborativa ocorre através do processo de troca e de potencialização do acesso às informações disponibilizadas na rede, pois a relação social com o outro, que pode estar em qualquer parte do planeta, possibilita a aprendizagem e a construção de uma inteligência coletiva, conforme destaca Lévy (1993).

A conexão entre os indivíduos potencializa o processo de construção do conhecimento coletivo, por isso o desenvolvimento de práticas educativas pode favorecer a visão de rede, de interdependência, interconectando vários interferentes em busca de uma aprendizagem significativa, que se desenvolva ao longo de sua vida e busque a criação de conceitos e a transformação da realidade vivenciada por

seus participantes (BEHRENS, 2005), o que se constitui em um dos objetivos da formação proporcionada pelo Projeto “PM e Escolas na Corrente do Bem”.

Destarte, no *Facebook*, mais importante do que a relação entre dois indivíduos é a interferência dessa relação nas demais relações. Além disso, o interesse de um indivíduo por uma determinada temática, geralmente desperta a curiosidade de sua rede para o tema e assim, a confluência de interesses pode contribuir para uma maior aproximação entre os integrantes de uma rede social (MARTINO, 2015)

Por isso, parte-se do reconhecimento de que a relação da Polícia Militar com os participantes do projeto no *Facebook* pode influenciar as demais relações dessa instituição com outros membros da comunidade, assim como a difusão do conhecimento na plataforma social pode fazer com que outros sujeitos sociais sejam alcançados, a partir da conexão entre os indivíduos.

No *Facebook,* os sujeitos sociais são diretamente responsáveis por essa difusão do conhecimento, porque são eles que produzem, constroem e determinam esse fluxo do conhecimento em rede.

Nesse sentido, os usuários do *Facebook* fazem parte de uma cultura participativa

> em que os seus membros creem que suas contribuições importam e desenvolvem determinado grau de conexão social com o outro, de modo que tem grande relevo aquilo que os demais pensam sobre o que cada um cria, por mais insignificante que seja. Assim a circulação e a polissemia consolidam-se como características básicas dessa sociedade interconectada em rede (SANTAELLA, 2013, p. 317).

Com isso, quando um sujeito social compartilha nas redes sociais digitais um comentário acerca de um vídeo educativo, a experiência de vê-lo é alterada, deixando de ser apenas um ato de ver um vídeo e passando a discutir e reimaginar a mensagem, que será criada e compartilhada com outras pessoas (MARTINO, 2015, p. 36).

Assim, a conexão *on-line* entre os sujeitos sociais, que foi ampliada pelo advento dos dispositivos móveis, proporciona o acesso a novas visões de mundo, a discursos diversos e a uma grande quantidade de informações, o que potencializa a construção do conhecimento.

Santaella (2013) defende que graças aos dispositivos móveis os discentes podem ter acesso à informação a qualquer hora, através de suas redes sociais

digitais, o que propicia processos de aprendizagem espontâneos, assistemáticos e atualizados ao sabor das circunstâncias e curiosidades contingentes, tornando o processo de construção do conhecimento mais colaborativo, ubíquo e mais próximo da realidade juvenil.

Assim, a possibilidade de acessar os conteúdos educativos a qualquer momento, através de páginas em *sites* de redes sociais favorece a aprendizagem, proporcionando ao educando a oportunidade de ressignificar seus conhecimentos, a partir do acesso a informações renovadas.

É importante frisar que as redes sociais digitais por si só não promovem significativos avanços nos processos educacionais. A utilização destas redes sociais deve prescindir de um investimento em formação dos mediadores desses processos, que devem estar dispostos e capazes a incorporar à dinâmica cibercultural as suas ações, através da adoção de práticas pedagógicas pautadas na interatividade, colaboração e horizontalidade (MATOS; FERREIRA, 2014).

Por isso que ao mesmo tempo em que se constitui em um espaço que favorece o desenvolvimento de relevantes práticas educativas, o *Facebook* também se constitui em um desafio aos processos educativos, devido à imagem de informalidade da plataforma, a necessidade de formação dos educandos e também pela possibilidade de distração e desvio do foco das ações educativas.

Outro desafio é que nessa plataforma de comunicação em rede, que apresenta uma grande quantidade de funcionalidades e aplicativos, os sujeitos são mais responsáveis por seu próprio conhecimento e são mais autônomos, por isso a sua utilização em ações educativas requer algumas habilidades dos sujeitos sociais e a ressignificação de papéis tanto dos que estão na condição de educandos, quanto daqueles responsáveis pela mediação da construção do conhecimento.

Além disso, muitas instituições formativas desconsideram os benefícios da interação em rede e da construção colaborativa do conhecimento. Os jovens, vivenciam isso em seu cotidiano, no qual as práticas educativas a que eles têm acesso, geralmente estão pautadas em modelos tradicionais, que não agregam a visão de rede, própria da contemporaneidade.

De acordo com Mattos e Ferreira (2014), a comunicação ubíqua faz parte das identidades dos jovens e por isso as redes sociais digitais constituem-se em um novo cenário para aprender a aprender e aprender com o outro, ou seja, aprender a

conviver virtualmente, em um processo interativo, pedagógico e comunicacional que emerge no ciberespaço.

Mesmo com esse potencial apresentado, muitos responsáveis pelo desenvolvimento de processos educativos, que tem acesso a tecnologias digitais em seu cotidiano, permanecem com práticas dissociadas da visão contemporânea da sociedade interligada em rede, muitas vezes por não terem desenvolvido as habilidades necessárias para utilização correta das funcionalidades das tecnologias digitais e se tornam resistentes a elas.

Além disso, muitos que ultrapassam esta fase inicial de resistência à utilização das tecnologias digitais, fazem isso apenas para reproduzir práticas educativas tradicionais, com o objetivo de dar uma falsa impressão de estar proporcionando uma educação mais significativa, sem contudo modificar a sua concepção de educação.

Assim, é necessário que os processos formativos contemporâneos reconheçam o potencial das redes sociais digitais para o desenvolvimento de práticas educativas e adotem uma nova postura em relação ao desenvolvimento da construção do conhecimento, reconhecendo que há um abismo entre os conectados e aqueles que se mantêm fora da dinâmica relacional da internet, pois estes não tem a mesma oportunidade de acompanhar as transformações proporcionadas pelas tecnologias digitais e desenvolver as habilidades e competências necessárias para conviver na contemporaneidade, a qual requer novos conhecimentos.

Por isso, para diminuir esse abismo entre conectados e desconectados, as ações formativas devem ser planejadas abarcando esses sujeitos e buscando formas de inclui-los no processo formativo desenvolvido no *Facebook*.

O uso dessa plataforma de comunicação em rede apresenta outras possibilidades e outros desafios, que serão apresentados na análise de dados, na qual a discussão teórica será retomada e entrelaçada com os dados empíricos.

Assim, no próximo capítulo será apresentado o percurso metodológico desta pesquisa, incluindo a sua abordagem, o método e os instrumentos de coleta de dados, além dos procedimentos para análise de dados.

4 METODOLOGIA: O PASSO A PASSO DA PESQUISA

Para guiar o delineamento dos procedimentos metodológicos desta pesquisa foi utilizado o seu problema como ponto inicial: Em que medida o potencial da plataforma de comunicação em rede *Facebook* contribui para a construção e difusão do conhecimento?

Na busca de elucidar tal questão, nos inspiramos nos princípios da hermenêutica como fundamento epistemológico que norteou a constituição e o desenvolvimento da metodologia da pesquisa, ao tempo em que a abordagem qualitativa orientou a concepção do método que se constitui em uma pesquisa participante.

Nesse sentido, esclarecemos que a opção epistemológica pela hermenêutica se dá pelo fato de, a partir dela o texto ser concebido como o discurso dos sujeitos e o seu contexto passa a ser o contexto social, político, econômico e cultural dos atores sociais que fazem a experiência do processo educativo, como formação crítica ou alienada (GHEDIN, 2004), reprodutora das desigualdades sociais vivenciadas no mundo contemporâneo, marcado por contrastes. Nessa perspectiva, a inspiração hermenêutica justifica-se pelo fato de que nesse veio

> [...] a interpretação passa a ser um processo de *tensão*, de *negociação* entre o conjunto de interpretações do pesquisador, as inteligibilidades das realidades pesquisadas em expressão e as *intimidades* dos atores sociais, ou seja, suas *implicações* sociais, afetivas, culturais... (MACEDO, 2009, p. 97).

Essa inspiração epistemológica busca recolher o sentido do discurso, pois este está carregado da própria realidade que o gera (GHEDIN, 2004), permitindo ao pesquisador compreender o contexto estudado a partir da interpretação dos discursos dos sujeitos que estão inseridos nele.

Assim, a interpretação do corpus textual oriundo da pesquisa, proveniente tanto do discurso dos sujeitos em seus encontros presenciais com a pesquisadora quanto no *Facebook*, será considerando a realidade na qual os sujeitos sociais envolvidos na investigação estão inseridos e os seus perfis no *Facebook*, os quais são representações deles no ciberespaço e não os sujeitos propriamente ditos.

Com isso, a pesquisadora em sua interação com os sujeitos da pesquisa e o seu contexto, permanece diante do texto – enquanto fala e discurso do outro - e do

contexto pesquisado, sendo tocado por estes, ao mesmo tempo em que pretende tocá-los para compreendê-los. Como consequência dessa aproximação, brota o conhecimento, sobretudo dos aspectos que não são evidentes em um primeiro olhar, o fenômeno em seu contexto.

Por isso, o limite da busca nesta pesquisa está no caminho dos significados que estão postos por sujeitos que significam e ressignificam o mundo e sua realidade a cada instante (GHEDIN, 2004). Nesse processo, a pesquisadora compreende a realidade em que se encontram os sujeitos pesquisados e a sua dinamicidade e, é nesse momento de "[...] *tensão generativa*, como um fenômeno eminentemente relacional se realiza, na sua possibilidade de, no encontro de diferentes maneiras de compreender o mundo, produzir identidades e identificações". (MACEDO, 2009, p. 97).

Assim, a opção pela inspiração hermenêutica faz emergir a necessidade da busca interpretativa e do mergulho fundo para a compreensão da realidade, pois uma análise superficial pode conduzir a uma compreensão equivocada do contexto. De acordo com Ghedin (2004) cada sujeito estabelece um número relevante de relações em seu contexto, que não são evidenciadas em um primeiro momento, e são dados significantes para a pesquisa.

Nesse sentido, em seguida serão apresentados o contexto no qual a pesquisa está inserida e os seus sujeitos, o percurso percorrido para compreensão do fenômeno estudado, incluindo a abordagem adotada, o método e os instrumentos usados para a coleta de dados e informações, bem como os procedimentos utilizados na análise de dados.

4.1 O CAMPO DA PESQUISA

4.1.1 Caracterização do município de Mata de São João[9]

O município de Mata de São João, localizado na Região Metropolitana de Salvador, distante 56 Km da capital baiana, foi registrado oficialmente com este nome no ano de 1846, quando passou a ser considerado vila, mas sua história

[9] Dados disponíveis no site da Prefeitura de Mata de São João. Disponível em http://www.matadesaojoao.ba.gov.br. Acesso em 15 de abril de 2017.

remonta ao ano de 1549, com a chegada de Garcia D'Ávila ao Brasil, um futuro grande proprietário de terras baianas, na comitiva de Tomé de Souza.

O território matense conta com cerca de 683,5 Km², tendo como limites: ao leste o Oceano Atlântico da Praia do Forte até o Distrito de Sauípe; ao sul os municípios de Camaçari e Dias D'Ávila; a oeste as cidades de Pojuca e São Sebastião do Passé e ao norte os municípios de Entre Rios e Itanagra.

Mata de São João possui vinte e um bairros e é dividida entre litoral e sede. Esta, na qual moram cerca de 70% da sua população estimada em 44.538 habitantes (IBGE, 2015), localizada no Recôncavo Baiano, entre os municípios de Dias D'Ávila e Pojuca tem acesso pela rodovia BA 093 e possui uma imensa área rural. O seu litoral, com 28 km de praias e acesso através da rodovia BA 099, vai de Praia do Forte até Sauípe e é considerado um dos principais destinos turísticos do Brasil.

As atividades econômicas do município são pesca, agricultura, pecuária e sobretudo o turismo, tendo como polos Praia do Forte, Imbassaí, Costa do Sauípe e Vilas de Santo Antônio e Diogo.

De acordo com o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – (IBGE) (2015) a taxa de alfabetismo do município é de 82,2%; a meta do Indíce de Desenvolvimento da Educação Básica (IDEB) no ano de 2015 para rede pública municipal que era de 3,9 para os anos iniciais e 3,7 para os anos finais foram superados, alcançando 5,1 nas séries iniciais e 4,3 nas finais.

De acordo com o Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais (INEP) em 2015 existiam trinta e três escolas de ensino pré-escolar, sendo oito privadas e vinte e cinco municipais; para o ensino fundamental são trinta e duas escolas, sete privadas e vinte e cinco municipais; já para o ensino médio são cinco escolas, duas privadas e três estaduais. Em 2015 foram matriculados 8.595 (oito mil, quinhentos e noventa e cinco) alunos no ensino fundamental; 2.137 (dois mil cento e trinta e sete) no ensino médio e 1.506 (um mil quinhentos e seis) alunos no ensino pré-escolar.

Mata de São João, é a cidade na qual estão localizadas as escolas participantes da presente pesquisa e local de trabalho da pesquisadora, que é oficial da PMBA, lotada na 53ª CIPM.

4.1.2 A 53ª Companhia Independente da Polícia Militar[10]

A Polícia Militar da Bahia, criada pelo Decreto Imperial datado de 17 de fevereiro de 1825, de acordo com o disposto na Lei 13.210, de 09 de dezembro de 2014, tem como uma de suas competências atuar de maneira preventiva e atendendo os princípios institucionais de proteção e promoção à dignidade da pessoa humana e respeito aos Direitos Humanos.

Sua missão constitucional está explicita no artigo 144 da Constituição da República Federativa do Brasil, que preconiza que: "A segurança pública, dever do Estado, direito e responsabilidade de todos, é exercida para a preservação da ordem pública, e da incolumidade das pessoas e do patrimônio, através dos seguintes órgãos: [...] - § 5º - às polícias militares cabem a polícia ostensiva e a preservação da ordem pública [...]" (BRASIL, 1988).

A Constituição do Estado da Bahia, prevê em seu art. 148, as competências da PMBA, dentre elas a "Polícia ostensiva de segurança, de trânsito urbano e rodoviário, de florestas e mananciais e a relacionada com a prevenção criminal, preservação e restauração da ordem pública" (BAHIA, 1989).

Em seu planejamento estratégico para o período de 2017 a 2025, delineado na Portaria nº 037-CG/2017, do Comandante Geral, o Coronel PM Anselmo Alves Brandão, consta que entre os objetivos estratégicos da PMBA estão o aumento da confiança da sociedade na Corporação; o fortalecimento da imagem institucional; a ampliação da responsabilidade social e o fomento a polícia comunitária (PMBA, 2017).

Os dispositivos legais mencionados evidenciam o compromisso da PMBA com o povo baiano, explicitando como algumas de suas prioridades a dignidade da pessoa humana, a prevenção ao crime no território baiano, a preservação da ordem pública e a aproximação da instituição com a comunidade.

Seguindo neste viés, a 53ª CIPM, criada em 16 de setembro de 2002, através do Decreto nº 8.309, possui como área de responsabilidade territorial o município de Mata de São João. Sua sede está localizada na Rua Antônio Luiz Garcez, s/nº, no

[10] Dados acerca da 53ª Companhia Independente da Polícia Militar estão disponíveis na Lei de Organização Básica da Polícia Militar, Lei n° 13201, de 09 de dezembro de 2014 e no Decreto nº 8.309, de 16 de setembro de 2002.

centro da cidade, em um prédio onde funcionava a cadeia pública municipal no século passado.

A 53ª CIPM faz parte do Comando de Policiamento da Região Metropolitana de Salvador e juntamente com a 32ª CIPM e as delegacias de Proteção Ambiental de Praia do Forte e as territoriais de Pojuca e Mata de São João, integra a 25ª Área Integrada de Segurança Pública[11].

A unidade possui cinco pelotões, com as seguintes localizações: 1º Pelotão em Praia do Forte, responsável também pelas localidades de Malhadas, Açuzinho e Açu da Torre, 2º no centro do município, cobrindo também sua zona rural, o 3º Pelotão em Imbassaí, com responsabilidade que engloba também as localidades de Sauípe e vilas de Diogo e Santo Antônio, o 4º em Amado Bahia e o 5º Pelotão que é de emprego tático operacional e cobre todo o território matense.

Na área de Mata de São João existem quatro conselhos comunitários de segurança pública[12], localizados na sede do município, em Praia do Forte, em Malhadas e em Imbassaí, apenas este último é registrado e o mais atuante, servindo como aliado da PM em ações de prevenção a criminalidade.

A 53ª CIPM participa de reuniões com a comunidade matense, para ouvir as suas necessidades, executando assim projetos que visam à prevenção ao cometimento de crimes e atos infracionais, tendo formado um número significante de adolescentes pelo Programa Educacional de Resistência às Drogas e participando semanalmente de entrevistas nas rádios locais, a fim de orientar a população em relação a questões de segurança pública, dentre outras ações em parceria com a comunidade. Esta companhia é a responsável pela concepção e implantação do Projeto “PM e Escolas na Corrente do Bem”, no qual esta pesquisadora atuou e desenvolveu o seu estudo.

4.1.3 O Projeto PM e Escolas na Corrente do Bem

A crença em uma educação libertadora, que favorece o desenvolvimento integral do ser e que promove mudanças, impulsiona diversos policiais militares em

[11] Área Integrada de Segurança Pública é área de unidade territorial considerada no planejamento estratégico do Programa Pacto pela Vida.
[12] Conselho Comunitário de Segurança Pública é a reunião de pessoas da comunidade e agentes da segurança pública, para analisar a realidade local e pensar soluções para questões relacionadas a segurança pública.

todo território nacional a promoverem ações educativas, de cunho preventivo, cumprindo com isso, e ao mesmo tempo transcendendo, a sua missão constitucional de policiamento ostensivo e preservação da ordem pública.

A Carta Magna prevê em seu artigo 205, que

> A educação é direito de todos e dever do Estado e da família, será promovida e incentivada com a colaboração da sociedade, visando o pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho.

A diagnose emergente dos artigos da Constituição brasileira que tratam da Segurança Pública e da Educação aponta que o art. 205 enfatiza que a educação é promovida e incentivada com a colaboração da sociedade, incluindo aí as instituições sociais nela existentes, já o artigo 144, por sua vez, demonstra que o compromisso constitucional da Polícia Militar abarca os deveres precípuos de prevenir o cometimento de delitos e adotar estratégias para promoção e preservação da paz social.

Neste diapasão, tendo como gênese uma demanda social, aliada ao propósito institucional de constituir uma parceria com a comunidade, para juntos buscarem o bem comum, surge o Projeto “PM e Escolas na Corrente do Bem”, desenvolvido pela 53ª CIPM.

A 53ª CIPM em parceria com a comunidade escolar matense concebeu e implementou a partir de julho de 2016, o referido projeto, em consonância com a filosofia de Polícia Comunitária[13] e com as diretrizes do Programa Estatal Pacto Pela Vida[14].

O objetivo do projeto é aproximar os policiais que laboram em Mata de São João das instituições escolares do município, em um processo de construção da cidadania e de prevenção ao crime e a violência, através de ações educativas,

[13] Polícia Comunitária é uma filosofia e uma estratégia organizacional que proporciona uma nova parceria entre a população e a polícia, pra identificar, priorizar e resolver problemas contemporâneos, tais como: crime, drogas, medo do crime, desordens físicas e morais e, em geral, a decadência do bairro, com o objetivo de melhorar a qualidade geral da vida na área. (TROJANOWICZ; BUCQUEROUX, 1994)

[14] O Programa Pacto pela Vida é um Programa do Governo do Estado da Bahia, criado pela Lei nº 12.357, de 26 de setembro de 2011, com o objetivo principal de promover a paz social, a partir da adoção de ações integradas dos órgãos estaduais de Segurança Pública (BAHIA, 2011).

compostas por um ciclo de palestras com temas norteadores, oficinas, reuniões para avaliação das ações desenvolvidas e participação em uma página de um *site* de rede social, com o intuito de difundir as ações educacionais do projeto.

As palestras ministradas por policiais militares perpassam por temas como cidadania, construção de uma cultura de paz, prevenção ao cometimento de crimes ou atos infracionais, prevenção ao tráfico e ao uso de entorpecentes, prevenção à violência entre jovens, prevenção ao suicídio e uso responsável de tecnologias da informação e comunicação.

Cada palestra tem a duração de 100 minutos, ou seja, de 02 horas/ aulas, e são ministradas por policiais militares voluntários, em horários programados em conjunto com as coordenações pedagógicas das instituições escolares. Cada turma participa de uma palestra por semana.

As oficinas favorecem debates acerca de situações-problema apresentadas aos participantes, elaboração de produções artísticas que representam os conhecimentos construídos, assim como a construção de textos com temáticas voltadas para o alcance dos objetivos do projeto.

As reuniões, por sua vez, são realizadas em momentos distintos, com os participantes do projeto - para identificar os temas de interesse-, com seus pais ou responsáveis – visando orientá-los e ao mesmo tempo ouvir as suas demandas – e com os profissionais de educação das escolas envolvidas, para construção das estratégias que serão utilizadas para a concretização dos objetivos.

Nos anos de 2016 e 2017 foram realizadas duas reuniões com os alunos em cada ano, uma no início e outra ao término do ciclo de palestras, uma com os pais por ano, na fase inicial do projeto e quatro reuniões com os profissionais de educação.

Além das reuniões os policiais militares realizaram algumas visitas às escolas e rondas em seu entorno, com o intuito de identificar fatores de risco no contexto escolar e com isso potencializar suas ações, adequando-as às necessidades dos sujeitos sociais das comunidades atendidas.

Partindo do reconhecimento do dever de adotar práticas educativas voltadas principalmente para a prevenção de delitos e promoção da paz, o projeto “PM e Escolas na Corrente do Bem”, embora aconteça em um ambiente de educação formal, nas instituições da rede pública municipal, constitui-se em uma prática de educação não formal, que de acordo com Gohn (2010), assume geralmente o

caráter de educação social, com objetivos e organizações específicas que buscam a cidadania dos membros envolvidos no processo educativo.

Neste diapasão, com o objetivo de aproximar os agentes de segurança pública dos sujeitos sociais em desenvolvimento, o projeto busca a construção de uma relação de confiança e cooperação voltada para a promoção da paz social e a construção da cidadania, no qual os policiais militares participantes adotam a postura de agentes sociais de mudança, e como todos os educadores, assumem um compromisso com o educando de contribuir para a sua fase de desenvolvimento e construção da personalidade, denominada de adolescência pelo Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA).

O ECA (1990), segundo seu artigo 1º, é uma Lei que visa a proteção integral da criança – sujeitos sociais até os doze anos de idade – e do adolescente – dos 12 aos 18 anos incompletos. Em seu bojo esta Lei caracteriza a criança e o adolescente como sujeitos em condições peculiares de desenvolvimento, tendo, para atingir este fim, direito à educação, que preparará estes indivíduos para o exercício da cidadania, que constitui-se em um dos fundamentos da República Federativa do Brasil, conforme a Constituição Federal de 1988.

Partindo do reconhecimento da condição especial em que se encontram as crianças e os adolescentes e que mesmo sendo positivado o direito a educação, nem todos os sujeitos sociais em idade escolar frequentam as instituições formais de ensino, o projeto possui uma página na plataforma *Facebook*, com o objetivo precípuo de difundir suas informações e seus conhecimentos também para jovens que não participam de suas ações presenciais.

Assim, o Projeto “PM e Escolas na Corrente do Bem” é de intervenção social e abrange tanto os adolescentes, considerados vulneráveis sociais, dotados de direitos e deveres, quanto suas famílias, pois os alunos têm a possibilidade de assumirem o protagonismo de suas mudanças sociais e da transformação do meio em que vivem.

No segundo semestre do ano de 2016, alunos do ensino fundamental – séries iniciais e finais - de quatro escolas da rede municipal participaram do projeto, sendo elas a Escola Municipal Maria Odília Vasconcelos, Colégio Municipal Monsenhor Barbosa, Escola Municipal Célia Goulart de Freitas e Escola Municipal Arnaldo Souza Prado, todas situadas na sede do município.

No segundo semestre de 2017, alunos das Escolas Municipais José de Almeida Seixas Filho e João Pereira Vasconcelos e do Colégio Estadual Alaor Coutinho, situadas no litoral matense, participaram do projeto.

O projeto oportuniza a construção de uma rede social que envolve os alunos, seus familiares, os profissionais de educação e os policiais militares da 53ª CIPM. A sua página no *site* de rede social *Facebook* representa a expressão dessa rede social no ciberespaço.

Nesta página os participantes têm acesso a um ambiente *on-line* para compartilharem informações, comentarem acerca dos temas abordados nas palestras e oficinas, trocarem experiências e discutirem acerca dos assuntos propostos pelos coordenadores do projeto ou levantados pelos próprios discentes, com o intuito de potencializar as ações preventivas e atingir as redes de amigos dos seus participantes.

Esta página do Projeto “PM e Escolas na Corrente do Bem” no *Facebook*, se constitui no *lócus* principal da pesquisa e será apresentada em seguida.

4.1.4 A página do Projeto PM e Escolas na Corrente do Bem no *Facebook*

Com o intuito de difundir o conhecimento construído no Projeto “PM e Escolas na Corrente do Bem” no espaço *on-line,* foi criada uma página no site de rede social *Facebook*, conforme figura 02:

Figura 02 - Tela inicial da Página do Projeto “PM e Escolas na Corrente do Bem”

Fonte: *Facebook*, 2017

Inúmeros são os aplicativos e sites de redes sociais, mas o *Facebook* foi escolhido para compor as ações formativas após uma enquete realizada com os alunos das escolas participantes do projeto, na qual ficou evidenciado que esta plataforma de comunicação em rede era a mais utilizada pela maioria dos adolescentes consultados.

Nessa enquete ficou constatado que alguns alunos não possuíam perfil no *Facebook*, mas as ações foram planejadas incluindo também esses sujeitos sociais, que em diversos momentos tiveram acesso ao material publicado na página, durante os encontros presenciais do projeto e participaram das discussões.

Além disso, a página foi concebida para alcançar também os adolescentes que estão fora do ambiente escolar, uma vez que a difusão do conhecimento é promovida por participantes que fazem parte de suas redes de amigos.

Por isso, optou-se por uma página e não por um grupo no *Facebook*, porque a página possibilita que o conteúdo publicado fique disponível para qualquer pessoa que tenha acesso ao *Facebook*, sem a necessidade do sujeito ser adicionado ou aprovado por outro membro do grupo. Assim, através do ato de “curtir” uma página, o ator social inscrito no *Facebook* tem a possibilidade de se conectar a esta página acompanhando as suas publicações em seu *Feed* de Notícias.

Na página, tanto os adolescentes quanto os policiais militares podem fazer comentários acerca das publicações e das palestras, podem curtir as publicações e compartilhar os materiais educativos. Inicialmente foram postadas algumas fotografias das palestras realizadas nas escolas da sede do município de Mata de São João, divulgando assim as atividades desenvolvidas nas instituições educativas matenses.

Como o Projeto “PM e Escolas na Corrente do Bem” é voltado para a promoção da cidadania e a prevenção à violência foram publicados na página materiais educativos relativos a estas temáticas, envolvendo, sobretudo assuntos solicitados pelos adolescentes ou que emergiam no decorrer das palestras. Assim, os materiais foram disponibilizados na página do projeto no *Facebook* pela coordenadora da ação educativa, em um trabalho conjunto com a comunidade escolar, conforme quadro 01:

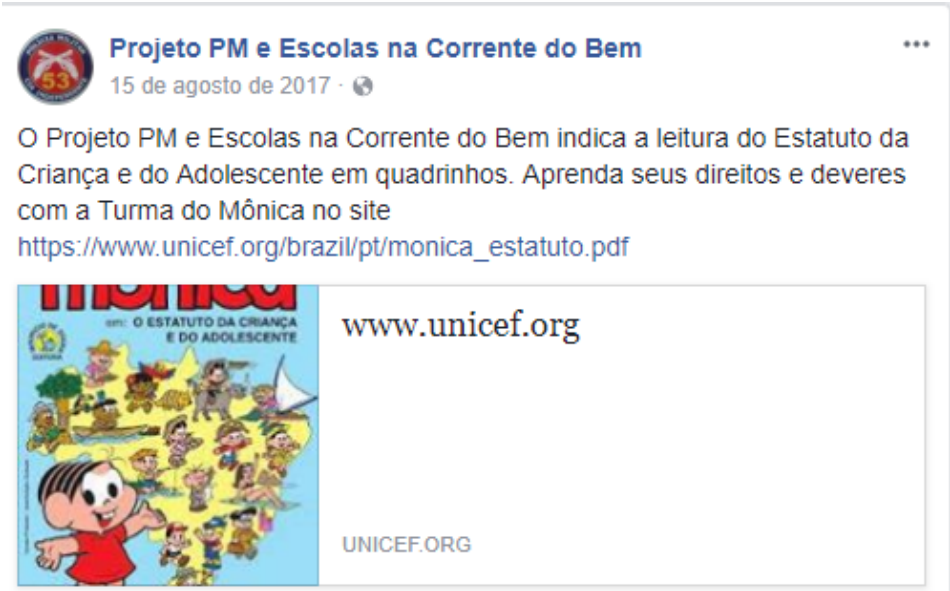
Quadro 01: Principais materiais educativos disponibilizados na página do Projeto

TEMA	MATERIAL EDUCATIVO
Direitos e deveres de crianças e adolescentes	Revista em quadrinhos sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente
Violência doméstica	Livreto "Viver sem violência é um direito de toda mulher: entenda a Lei Maria da Penha"
	Lei Maria da Penha em Cordel
Utilização segura da internet	Guia da *Internet* segura para crianças
	Guia da *Internet* segura para adolescentes
Prevenção ao suicídio	Vídeo da campanha "Sua vida não é sua"
Preconceito	Vídeo produzido por adolescentes participantes do projeto

Fonte: Elaboração própria a partir de dados do Facebook, 2017.

O primeiro material educativo disponibilizado para os sujeitos da pesquisa foi o link para o ECA em revista em quadrinhos, após a realização de uma palestra sobre Ato Infracional, como pode ser constatado a seguir na figura 03:

Figura 03 – Tela do material educativo referente ao Estatuto da Criança e do Adolescente



Fonte: *Facebook*, 2017.

O ECA em quadrinhos, produzido pela Editora Maurício de Souza, traz de forma lúdica os direitos e deveres da criança e do adolescente, a partir de uma história da Turma da Mônica.

Posteriormente foi publicado o material sobre violência doméstica, um dos temas que suscitou mais questionamentos por parte dos alunos. Assim, foi publicado na página o *link* do livreto "Viver sem violência é direito de toda mulher: entenda a lei

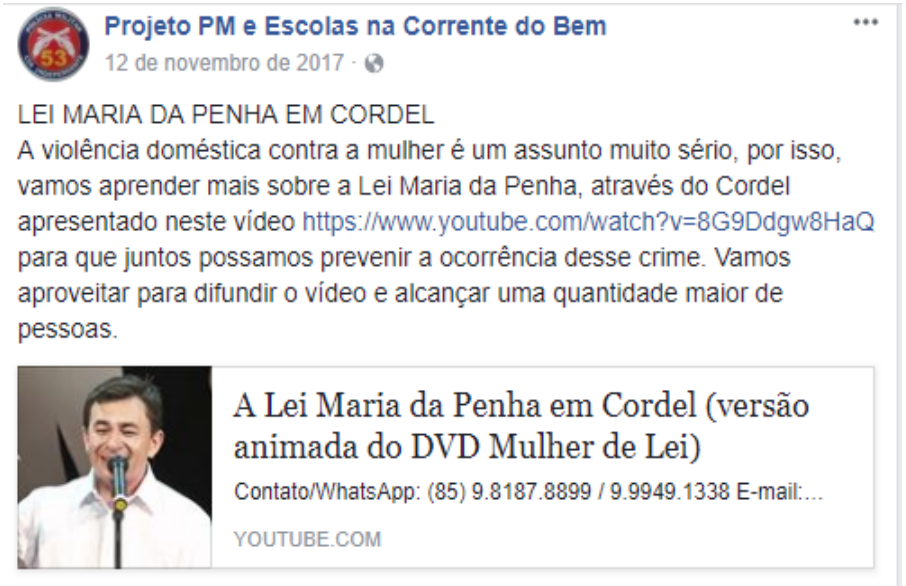
Maria da Penha", conforme figura 04 e o da Lei Maria da Penha em Cordel, conforme figura 05:

Figura 04 – Tela referente à Cartilha sobre Violência Doméstica

Fonte: *Facebook*, 2017.

O livreto "Viver sem violência", desenvolvido pela Secretaria de Políticas para as mulheres no ano de 2015, apresenta informações sobre a Lei Maria da Penha, assim como formas de ajudar as vítimas de violência, como preveni-la, seus tipos, o seu ciclo e os parâmetros para identificação da violência doméstica.

Figura 05 – Tela referente à Cordel sobre a Lei Maria da Penha

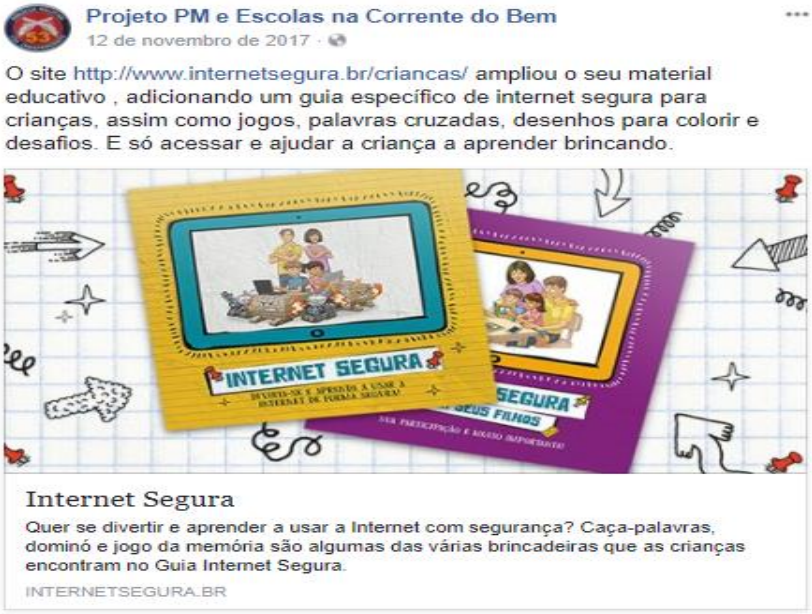


Fonte: *Facebook*, 2017.

Com a continuidade do trabalho relativos aos temas para as palestras e postagens, a utilização segura da internet foi um tema solicitado por professores de uma das escolas participantes, que em uma das reuniões do projeto pontuaram alguns eventos envolvendo adolescentes em sites de redes sociais e grupos do aplicativo *WhatsApp*.

Com isso, foi publicado na página do projeto *links* para um guia de internet segura para adolescentes e outro para crianças, este com a orientação de que os adolescentes acessassem com crianças de seu círculo de convivência, como pode ser visto na figura 06:

Figura 6 – Publicação referente a material sobre Uso Seguro da Internet

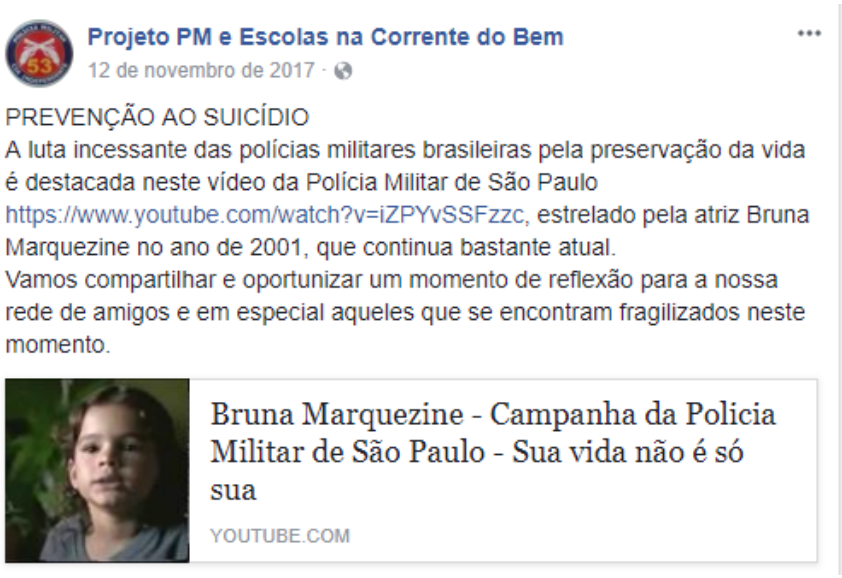


Fonte: *Facebook*, 2017.

O guia de utilização segura da internet traz jogos, atividades para colorir, ensina como prevenir crimes virtuais, os riscos na navegação on-line e dados necessários.

Durante uma palestra sobre *Bullying* os adolescentes levantaram a questão do cometimento de suicídio por adolescentes e demonstraram a preocupação em relação a isso. Assim, foi exibido em um encontro posterior um vídeo de uma campanha da Polícia Militar de São Paulo relacionado à prevenção ao suicídio. Por solicitação dos adolescentes o link do vídeo foi publicado na página do projeto. A figura 7 retrata essa publicação:

Figura 7 – Publicação referente a vídeo sobre Prevenção ao Suicídio



Fonte: *Facebook*, 2017.

Um grupo de adolescentes participantes do projeto produziu um vídeo sobre preconceito e solicitou que fosse publicado na página do projeto. Esse vídeo retrata as impressões de seus idealizadores acerca do preconceito sofrido por adolescentes e as suas consequências. Após essa publicação diversos alunos demonstraram interesse em produzir vídeos para a página e difundir o conhecimento construído ao longo da participação nas ações educativas do projeto.

Mais detalhes a respeito dos impactos das publicações serão detalhados posteriormente na análise de dados, no decorrer dos metatextos construídos.

Prosseguindo, a próxima subseção abordará a trajetória da execução da pesquisa, com as apresentações da abordagem e do método de pesquisa utilizado, dos instrumentos de coleta de dados e dos procedimentos de análise.

4.2 A TRAJETÓRIA DA PESQUISA: ABORDAGEM, MÉTODO E INSTRUMENTOS DE COLETA DE DADOS E INFORMAÇÕES

A partir de tais aproximações e considerando o fenômeno pesquisado e o movimento em que se constitui a pesquisa, esta possui uma abordagem qualitativa, uma vez que a mesma tenciona a tentativa de entendimento detalhado dos significados e características situacionais apresentadas, voltada para a compreensão de fenômenos educativos e sociais e para transformação de práticas e

cenários socioeducativos (RICHARDSON, 1985; SANDIN ESTEBAN, 2010), como o que é proposto pelo projeto “PM e Escolas na Corrente do Bem”, no *Facebook*.

As relações estabelecidas entre os sujeitos da pesquisa, o *lócus* e o pesquisador dão à investigação qualitativa um caráter especial. Nesta abordagem de pesquisa, o pesquisador imerge na realidade estudada, aproximando-se dos sujeitos, familiarizando-se e estabelecendo relações (BOGDAN; BIKLEN, 1994), por isso a utilização da abordagem qualitativa é justificada, em virtude de tal imersão da pesquisadora no ambiente investigado, com o intuito de compreendê-lo.

Segundo Flick (2009), a investigação qualitativa é descritiva e os dados coletados não são somente em forma de números, mas de palavras ou imagens, incluindo entrevistas, anotações de campo, iconografia, vídeos, fotografias, documentos e outros registros oficiais que podem ajudar na compreensão do objeto de estudo. Para o autor, esse tipo de pesquisa é ressignificada em ambientes *on-line*, permitindo a aplicação de instrumentos de coleta de dados na internet, que anteriormente só era possível presencialmente, o que contribuiu também para sua escolha para esta pesquisa.

Em se tratando de ambientes *on-line,* embora apresente limitações de acesso, em virtude de algumas publicações serem disponibilizadas apenas para a rede de amigos dos inscritos nos *sites* de redes sociais, essas plataformas tem uma quantidade relevante de dados abertos, como fotografias, depoimentos, vídeos e áreas de interesse, que podem auxiliar o pesquisador na compreensão do fenômeno estudado e no entendimento acerca do significado que as pessoas dão a sua realidade (BOGDAN; BIKLEN, 1994).

Nessa direção, o método utilizado para atingir os objetivos propostos foi a pesquisa participante, pelo fato de se caracterizar pela interação entre o pesquisador e os sujeitos das situações investigadas. Neste tipo de pesquisa, pesquisadores e pesquisados são sujeitos de um trabalho comum, embora com tarefas diferentes, conforme destaca Brandão (1985).

A opção pelo método de pesquisa se justifica pelo envolvimento da pesquisadora na concepção de um projeto de intervenção social em associação com membros da comunidade escolar matense, voltado para adolescentes, participando do planejamento das ações e da respectiva execução, intervindo assim no contexto investigado.

A pesquisa participante dá outro sentido à pesquisa acadêmica, pois permite ao pesquisador intervir na realidade estudada, incitando os sujeitos envolvidos, inclusive a si próprio, a autodescoberta e a descoberta dos outros, além de ser um repertório múltiplo de experiências de criação coletiva de conhecimentos, visando a transformação da realidade (BRANDÃO, 1985).

O desenvolvimento do projeto mencionado proporciona aos envolvidos - aos alunos, seus familiares, profissionais das instituições escolares, a pesquisadora e até mesmo aos demais policiais militares - uma reflexão acerca das discussões realizadas, pois todos tem a oportunidade de expor o seu ponto de vista acerca das temáticas, disponibilizando assim elementos para uma maior compreensão do outro e de si mesmo e uma maior aproximação entre os sujeitos.

Severino (2007, p. 120) assevera que a pesquisa participante ocorre quando

> [...] o pesquisador, para realizar a observação dos fenômenos compartilha a vivência dos sujeitos pesquisados, participando, de forma sistemática e permanente, ao longo do tempo da pesquisa, das suas atividades. O pesquisador coloca-se numa postura de identificação com os pesquisados. Passa a interagir com eles em todas as situações, acompanhando todas as ações praticadas pelos sujeitos.

Esta pesquisa participante terá como espaço empírico principal a página do projeto no *site* de rede social *Facebook*, na qual são postados conteúdos educativos relacionados aos temas trabalhados no projeto e onde seus participantes podem interagir e compartilhar informações relevantes para a construção do conhecimento almejado.

Os instrumentos de pesquisa utilizados para coleta de dados e informações foram à observação participante, tanto da página do projeto no *Facebook* quanto dos encontros presenciais para execução das ações do projeto nas escolas e entrevistas semiestruturadas, a fim de realizar o cruzamento dos dados e a confrontação com o que acontece no *Facebook*, para realizar uma análise mais completa, conforme quadro 02**:**

Quadro 02- Instrumentos de coleta de dados

INSTRUMENTO	SUJEITOS ENVOLVIDOS	PARA QUÊ?
Entrevista Semi-estruturada	13 Jovens e adolescentes participantes do projeto	- Verificar o uso do *Facebook*; - Identificar como a página do projeto no *Facebook* influenciou na aprendizagem; - Verificar se os adolescentes se sentiram motivados a participar das ações formativas do projeto no *Facebook*; - Identificar o potencial educativo do *Facebook*; - Verificar de que forma se dá a apropriação de conteúdos educativos no *Facebook*; - Identificar as possibilidades e os desafios para a utilização do *Facebook* no projeto.
	03 Gestoras das escolas	- Verificar se houve mudanças comportamentais nos adolescentes a partir da participação no projeto; - Verificar o uso do *Facebook*; - Identificar se interagiu com os demais participantes na página do projeto; - Verificar se desenvolve atividades educativas no *Facebook*; - Verificar se a página no *Facebook* potencializou o aprendizado dos conteúdos trabalhados no projeto;
	02 Policiais Militares	- Verificar se houve interação entre a PM e as escolas na página do projeto no *Facebook*; - Identificar o potencial do *Facebook* para a construção e difusão do conhecimento no âmbito do projeto; Verificar se a página do projeto no *Facebook* contribuiu para o aprendizado; Identificar as possibilidades e os desafios para a utilização do *Facebook* no projeto.
Observação participante	Jovens e adolescentes participantes do projeto	- Comparar a participação nas atividades na página do projeto e presencialmente; - Verificar a motivação para participar das atividades do projeto no *Facebook*; - Analisar se houve alteração no comportamento apresentado no ambiente escolar e na comunidade; - Verificar a utilização de dispositivos móveis e a participação em sites de redes sociais no ambiente escolar; - Verificar como se dá a apropriação de conteúdos educativos no *Facebook*; - Identificar o perfil dos participantes do projeto que interagem na página no *Facebook*, assim como aqueles que não interagem.
	Policiais Militares	- Verificar se houve uma maior aproximação dos policiais militares com a comunidade escolar; Identificar se as interações no *Facebook* contribuíram para as discussões presenciais; - Identificar possibilidades e desafios para a realização de atividades educativas no *Facebook*; - Verificar se interagiu na página do projeto.

Fonte: Elaboração própria a partir dos dados do campo, 2017.

Esta é uma pesquisa por amostragem, na qual os sujeitos selecionados para participar das entrevistas semiestruturadas estão envolvidos com o Projeto “PM e

Escolas na Corrente do Bem", com idade mínima de 13 anos de idade, que é a classificação etária permitida para a participação no site de rede social *Facebook*.

Para a composição da amostra foram selecionados treze adolescentes, dentre os alunos que foram voluntários, além de dois policiais militares envolvidos com as ações educativas e as gestoras das três instituições escolares participantes do projeto no segundo semestre de 2017, conforme o quadro 03:

Quadro 03: Sujeitos sociais que participaram das entrevistas semiestruturadas

CÓDIGO[15]	**IDADE (ANOS)**	**FUNÇÃO**	**TEM *FACEBOOK*?**	**QUANTO TEMPO?**	**FREQUÊNCIA DE ACESSO**	**ATRAVÉS DE QUAL DISPOSITIVO TECNOLÓGICO?**
A1	15	ESTUDANTE	SIM	03 ANOS	DIÁRIO	CELULAR
A2	18	ESTUDANTE	SIM	03 ANOS	DIÁRIO	CELULAR
A3	19	ESTUDANTE	SIM	06 ANOS	DIÁRIO	CELULAR
A4	21	ESTUDANTE	SIM	03 ANOS	DIÁRIO	CELULAR E NOTEBOOK
A5	17	ESTUDANTE	SIM	04 ANOS	DIÁRIO	CELULAR
A6	15	ESTUDANTE	SIM	03 ANOS	DIÁRIO	CELULAR
A7	14	ESTUDANTE	SIM	04 ANOS	DIÁRIO	CELULAR
A8	14	ESTUDANTE	SIM	03 ANOS	DIÁRIO	CELULAR
A9	14	ESTUDANTE	SIM	04 ANOS	DIÁRIO	CELULAR
A10	14	ESTUDANTE	NÃO, ACESSA PELO PERFIL DO PAI		DIÁRIO	CELULAR
A11	15	ESTUDANTE	SIM	04 ANOS	FIM DE SEMANA	CELULAR E IPAD
A12	14	ESTUDANTE	SIM	03 ANOS	DIÁRIO	CELULAR
A13	15	ESTUDANTE	SIM	02 ANOS	FIM DE SEMANA	CELULAR
G1	42	DIRETORA DE ESCOLA	SIM	03 ANOS	DIÁRIO	CELULAR
G2	43	DIRETORA DE ESCOLA	SIM	MUITOS ANOS	DIÁRIO	CELULAR
G3	50	DIRETORA DE ESCOLA	SIM	MUITOS ANOS	DIÁRIO	CELULAR
P1	30	POLICIAL MILITAR	SIM	MUITOS ANOS	DIÁRIO	CELULAR
P2	35	POLICIAL MILITAR	SIM	01 ANO	DIÁRIO	CELULAR

Fonte: Elaboração própria a partir de dados das entrevistas, 2017.

A pesquisa tem como espaço empírico secundário as escolas abaixo elencadas, selecionadas em virtude de comporem o quadro das instituições formativas participantes do Projeto "PM e Escolas na Corrente do Bem" no segundo

[15] Tais códigos serão detalhados na análise de dados

semestre de 2017, conforme quadro 04, nas quais foram realizadas as entrevistas semiestruturadas e a observação participante:

Quadro 04- Escolas participantes da pesquisa

Escola	Turma	Turno	Quantidade de participantes do Projeto	Idade
Escola Municipal João Pereira Vasconcelos	9º ano	Vespertino	28	14 a 17 anos
Escola Municipal José de Almeida Seixas Filho	9º ano	Matutino	30	13 a 17 anos
Colégio Estadual Alaor Coutinho	2º ano do ensino médio	Matutino	26	16 a 21 anos

Fonte: Elaboração própria a partir dos dados do campo, 2017.

Nas entrevistas, a pesquisadora conseguiu verificar a percepção dos sujeitos envolvidos acerca das atividades desenvolvidas e seu envolvimento na página do projeto no *Facebook*, além de ter um contato com aspectos mais subjetivos, que não ficaram evidenciados durante a observação presencial ou *on-line*.

A entrevista segundo André (2013) se impõe como uma das vias principais de coleta de dados, por obter informações essenciais para entender o significado que o objeto tem para os sujeitos.

As entrevistas foram realizadas com 13 jovens, 03 gestoras das escolas atendidas pelo projeto e 02 policiais militares participantes do projeto, conforme explicitado no quadro 02, com o intuito de identificar como a página contribuiu para o aprendizado do conteúdo trabalhado no projeto; de que forma a rede de amigos dos participantes teve acesso ao material publicado na página ou se não teve esse acesso; o que motivou os jovens a compartilharem ou não as informações publicadas; quais as mudanças comportamentais observadas pelos policiais militares a partir da execução do projeto, bem como se a interação polícia militar e comunidade foi potencializada, dentre outras questões levantadas no decorrer do diálogo entre a pesquisadora e os sujeitos pesquisados.

Outro relevante instrumento de coleta de dados e acesso as informações utilizado foi à observação participante, que foi realizada nos meses de novembro e dezembro de 2017, durante a realização das ações presenciais do projeto e através do acompanhamento das postagens no Facebook neste período.

A partir da observação, a pesquisadora teve a oportunidade de acompanhar a participação dos sujeitos investigados, tanto no decorrer da execução das palestras

quanto através das postagens no *Facebook*, o que lhe forneceu elementos fundamentais para a compreensão mais profunda do processo.

Em virtude de na observação participante a subjetividade da pesquisadora estar presente, foi levado em consideração que a sua interpretação do contexto foi pautada nas suas impressões acerca da realidade analisada. Por isso, segundo Vianna (2003) o observador deixa de ser apenas pesquisador e passa a ser também sujeito da pesquisa, dotado de sentimentos e emoções que de certa forma influenciam suas ações e que constituem dados.

A opção pela observação nas turmas selecionadas (indicadas no Quadro 03) se deu devido ao fato dos jovens e adolescentes estarem participando das atividades do projeto há mais tempo que os demais participantes, possibilitando um contato mais prolongado com os sujeitos da pesquisa. A frequência de encontros foi de duas horas semanais, em horários previamente agendados com a coordenação pedagógica das referidas turmas, nos meses de novembro e dezembro de 2017.

As gestoras foram escolhidas também como sujeitos da pesquisa porque participaram das ações do projeto da PM nas escolas desde a sua concepção, até a execução de todas as palestras e oficinas, acompanhando as etapas do processo formativo.

Os registros das observações foram realizados em relatórios de visita de campo, nos quais foram elencados fatos e informações que ajudaram a responder o problema de pesquisa e a atingir o objetivo da investigação.

No decorrer da observação na página do Projeto “PM e Escolas na Corrente do Bem” no *Facebook* foram selecionadas algumas publicações, codificadas conforme sujeitos que postou, de acordo com o quadro 04:

Quadro 05: Codificação referente às transcrições de publicações no *Facebook*

Código	Referente à postagem de:
F1	Policial Militar participante do projeto
F2	Policial Militar participante do projeto
F3	Adolescente
F4	Adolescente
F5	Policial Militar participante do projeto
F6	Adolescente
F7	Adolescente
F8	Adolescente
F9	Adolescente
F10	Adolescente

Código	Referente à postagem de:
F11	Adolescente
F12	Adolescente
F13	Adolescente
F14	Adolescente
F15	Adolescente

Fonte: Elaboração própria, a partir de dados coletados na pesquisa, 2017.

Posteriormente foi realizada uma análise seguindo os princípios da análise textual discursiva (ATD) na página do projeto “PM e Escolas na Corrente do Bem”, no *Facebook*, assim como em todo o corpus textual produzido na pesquisa.

Segundo Moraes e Galiazi (2016) esta análise culmina em uma produção de metatextos e se caracteriza pela busca emergente da compreensão, a partir do movimento de desconstrução e decomposição dos textos em fragmentos e posteriormente por uma reconstrução textual, com o surgimento de novas compreensões, que devem ser comunicadas e validadas, de forma mais clara, através de produções escritas. Estas etapas são denominadas pelos autores como unitarização, categorização e comunicação.

A opção por essa metodologia de análise se deu em virtude dos dados coletados no *Facebook* se constituírem em fragmentos textuais do discurso dos sujeitos pesquisados, tornando necessária a decomposição desses comentários, a separação em categorias e, por fim, a construção de um texto explicativo acerca da compreensão do pesquisador em relação aos textos dos sujeitos pesquisados.

As análises textuais são amplamente utilizadas em pesquisas qualitativas, que através da análise rigorosa e criteriosa das informações presentes em textos existentes ou produzidos a partir de transcrições de entrevistas e registros de observações pretende chegar a interpretar os fenômenos que investiga. Neste movimento da pesquisa qualitativa a ATD busca a compreensão, a reconstrução de conhecimentos existentes sobre os temas investigados (MORAES, GALIAZZI, 2016).

> A análise textual discursiva pode ser compreendida como um processo auto-organizado de construção de compreensão em que os entendimentos emergem a partir de uma sequência recursiva de três componentes: a desconstrução dos textos do “corpus”, a unitarização; o estabelecimento de relações entre os elementos unitários, a categorização; o captar o emergente em que a nova compreensão é comunicada e validada (MORAES, GALIAZZI, 2016, p. 34).

Para compor o *corpus* textual da análise de dados desta pesquisa, ou seja, a matéria prima constituída essencialmente de produções textuais que foi analisada (MORAES, GALIAZZI, 2016), foram utilizadas além das postagens na página do projeto no *Facebook*, as transcrições das entrevistas realizadas com os sujeitos e os registros das observações feitas no decorrer da execução do Projeto “PM e Escolas na Corrente do Bem”.

Após a composição do *corpus* da pesquisa seguiu-se a primeira fase da ATD, a unitarização, na qual as produções textuais foram desmontadas em unidades de análise e foram estabelecidos códigos para indicar qual a origem de cada unidade, se foi da página no *Facebook*, das entrevistas – que originaram códigos próprios para cada sujeito entrevistado – ou da observação participante.

As unidades foram definidas a partir da identificação pela pesquisadora de partes dos textos produzidos na pesquisa consideradas relevantes e que podem contribuir para a elucidação do problema de pesquisa.

Na segunda fase, denominada de categorização, as unidades definidas anteriormente foram agrupadas em categorias previamente estabelecidas, assim definidas, a partir dos objetivos da pesquisa:

- Potencial educativo do *Facebook* para a construção e difusão do conhecimento;
- Apropriação de conteúdos formativos disponibilizados no *Facebook;*
- Possibilidades e os desafios para a utilização do *Facebook* em atividades educativas.

Por fim, esta pesquisadora construiu metatextos, a partir da análise das categorias construídas na fase anterior, enfatizando a descrição e interpretação destas categorias construídas (MORAES E GALIAZZI, 2016), conforme apresentado na próxima seção.

5 ANÁLISE DOS DADOS: INTERPRETANDO O CONTEXTO

Após a coleta de dados, foi o momento de montar o *Corpus* Textual da pesquisa, composto pelas transcrições das entrevistas semiestruturadas e das postagens dos sujeitos sociais pesquisados no *Facebook,* bem como pelos registros de observação, para enfim realizar a análise, com base na análise textual discursiva.

Concomitantemente foi realizado o processo de unitarização e a codificação das unidades de base. As transcrições das entrevistas foram codificadas atribuindo-se uma letra – A para adolescentes e jovens atendidos pelo projeto, P para os policiais militares participantes do projeto e G para as gestoras das escolas onde o projeto é desenvolvido - seguida por um número identificador de cada sujeito e um número para sinalizar cada unidade de análise. Assim o código A1.1 refere-se a primeira unidade de análise referente ao adolescente ou jovem número 1.

Já as transcrições das postagens na página do *Facebook* foram codificadas atribuindo-se uma letra F para indicar que pertencia a uma publicação no *Facebook* seguida de um número identificador do sujeito social autor da postagem e de outro número referente à unidade de análise. Com isso o código F1.1 pertence a primeira unidade de análise oriunda de publicação no *Facebook* referente ao sujeito número 01.

Quanto à codificação dos registros de observação, realizada entre os meses de novembro de 2017 e janeiro de 2018, esta foi realizada atribuindo-se uma letra O seguida de um número relacionado à unidade de análise (O1, O2, O3...).

O processo de codificação é fundamental para facilitar o retorno e a relação com os textos originais “Constitui um conjunto de indicadores que possibilita relacionar as unidades e categorias construídas com os textos dos quais se originaram” (MORAES, GALIAZZI, 2016, p. 72).

Após a etapa inicial de desconstrução textual e codificação seguiu-se a categorização das unidades de análise e a construção dos metatextos, que segundo Moraes (2016) são compostos por descrições e interpretações no intuito de expressar as compreensões possibilitadas pela análise.

Prosseguindo, o presente capítulo apresentará os dados obtidos com a pesquisa, cujas categorias de análise, conforme exposto no capítulo anterior, são baseadas nos objetivos da pesquisa, tendo sido definidas a *priori*.

Assim, as categorias previamente definidas foram:

- Potencial educativo do *Facebook* para a construção e difusão do conhecimento;
- Apropriação de conteúdos formativos disponibilizados no *Facebook*;
- Possibilidades e desafios para a utilização do *Facebook* em atividades educativas.

Diante do exposto, serão apresentados a seguir os metatextos construídos a partir dos dados obtidos pela pesquisa, relacionando-os com os referenciais teóricos utilizados neste processo.

5.1 Categoria 1: Potencial educativo do *Facebook* para a construção e difusão do conhecimento

Esta subseção discorrerá sobre o potencial educativo da plataforma de comunicação em rede *Facebook* para a construção e difusão do conhecimento e foi construída a partir do que os sujeitos participantes da pesquisa evidenciaram no período em que foram observados ou durante suas entrevistas, articulando com os autores que dialogam com estes dados coletados, fazendo emergir uma compreensão acerca da temática.

Assim, embora o *Facebook* não tenha sido concebido inicialmente para o desenvolvimento de práticas educativas, a sua facilidade de acesso aliada a disponibilização de recursos de vídeo, fotografias, publicação de mensagens e a possibilidade de difundir conhecimento, fez esse espaço apresentar um potencial de utilização em contextos de aprendizagem.

O *Facebook* é utilizado atualmente por mais de dois bilhões de usuários, um número que vem aumentando a cada dia e esta quantidade expressiva de pessoas cadastradas evidencia a imersão dos sujeitos nesta plataforma social.

A interação através de plataformas como o *Facebook* é muito comum sobretudo entre os jovens, que “são os que mais utilizam esta forma de comunicação, tornando-a uma marca, um *habitus* dessa geração que se caracteriza, dentre outros fatores, pela intensa imersão nas culturas digitais” (LUCENA, 2016, p. 278), o que pode ser utilizada como aliada de práticas formativas.

Vale salientar que nesta pesquisa não é defendido que o *Facebook* seja a solução para os problemas vivenciados na educação na contemporaneidade, mas

essa plataforma apresenta um potencial de contribuição para a realização de práticas educativas mais condizentes com a realidade dos sujeitos em desenvolvimento, pertencentes à sociedade ubíqua, que permanece muito tempo conectado, conforme as unidades de base abaixo evidenciam e isso não pode ser desconsiderado:

> Nos intervalos foi possível presenciar os alunos – tanto das turmas investigadas quanto de outras séries- tirando e postando fotos e a intensa participação destes adolescentes em redes sociais, sobretudo no *Facebook* e no *Instagram* (O1).
>
> A quantidade de sujeitos sociais que não portava algum dispositivo móvel era insignificante e em momentos de aula era possível visualizar um número expressivo de alunos utilizando seus dispositivos móveis, mesmo com a proibição dos professores (O2).
>
> Crianças e adolescentes que fazem parte de um cenário no qual crianças de 01 ano já estão com o celular na mão, mexendo, assistindo vídeos, em um ambiente em que eles estão inseridos desde novos (P1.1).

Nesta pesquisa a maioria dos sujeitos – 16 participantes- evidenciou o acesso diário ao *Facebook*, sobretudo através de dispositivos móveis conectados:

> Acesso diariamente. Através do celular (A1.1)
>
> Sim, várias vezes ao dia. Acesso pelo celular (A2.1).
>
> Acesso sempre quando eu posso. Através do celular e do *Notebook* também (A4.1).
>
> Acesso toda hora. Uso mais o celular para acessar (A6.1).
>
> Acesso todos os dias várias vezes, através do celular (A8.1).
>
> Eu olho todos os dias. Acesso pelo celular (A10.1).

Já a conexão ao *Facebook* através de *desktops* e *notebooks* reduz a facilidade de acesso, conforme evidenciado pelos adolescentes A3 e A13:

> Eu não acesso diariamente porque eu desinstalei o aplicativo do celular e acesso pelo navegador do computador (A13.1).
>
> Hoje eu já tenho mais a base no celular e se pegar o notebook já não tenho a mesma facilidade de acesso que tenho no celular (A3.1).

Percebe-se assim que, com o advento dos dispositivos móveis conectados foi ampliada a facilidade de acesso ao *Facebook*, tornando possível estar conectado ao aplicativo a qualquer hora e fazendo emergir a possibilidade de desenvolver

atividades educativas espontâneas, atualizadas de acordo com a curiosidade dos aprendentes (SANTAELLA, 2013).

Essa curiosidade deve ser estimulada “[...] como inquietação indagadora, como inclinação ao desvelamento de algo, como pergunta verbalizada ou não, como procura de esclarecimento” (FREIRE, 1996, p. 35).

Assim, a maioria dos sujeitos pesquisados confessou que o acesso à página do projeto foi estimulado pela curiosidade, pelo interesse em acompanhar as postagens e ter acesso a novas informações acerca das temáticas discutidas nos encontros presenciais:

> Acessei por curiosidade, porque falaram da página e me deu vontade de acessar (A1.2)
>
> Sim, acessei porque fiquei curiosa para conhecer um pouco mais do projeto e saber mais o que estava passando, para aprender mais (A4.2).
>
> Me criou um interesse porque na palestra teve tanta coisa que eu pessoalmente não sabia e que me motivou a acessar a página (A10.2).
>
> Eu senti o interesse deles [...] demonstraram muita curiosidade (G1.1).
>
> O que mais me motivou a acessar a página foi à curiosidade de ver que vocês podem fazer um trabalho como o que estão fazendo e muita gente precisa disso. Na página eu vi um pouco mais do trabalho de vocês e aprendi algumas coisas (A2.2).

Os relatos dos sujeitos pesquisados demonstram que a curiosidade e o desejo de construir novos conhecimentos os sensibilizaram a acessar a página, cujo acesso é voluntário.

Assim, os sujeitos implicados na formação devem buscar o incentivo constante, a renovação dessa procura por respostas e a inquietação por novas descobertas por parte do educando “[...] para que sua curiosidade, compensada e gratificada pelo êxito da compreensão alcançada, seja mantida e, assim, estimulada a continuar a busca permanente que o processo de conhecer implica” (FREIRE, 1996, p. 134).

O estímulo nos encontros presenciais para que os adolescentes e jovens acessassem os conteúdos foi constantemente renovado e estes demonstraram interesse em acompanhar as publicações da página e relataram que estes conteúdos modificaram o interesse pelas temáticas discutidas nos encontros

presenciais, expostas na subseção 4.1.3, referente ao Projeto “PM e Escolas na Corrente do Bem”:

> Eu achei a página bem informativa, interativa também. Eu vi que tem mensagens com algumas perguntas, com opiniões dos alunos. Pra mim acrescentou um pouco mais sobre o que eu estava aprendendo no projeto (A4.3).
>
> A página modificou o meu interesse pelos assuntos porque eu aprendi mais coisas sobre o que estava ouvindo nas palestras [...] E eu pude mostrar para outras pessoas o que eu estava aprendendo (A6.2).
>
> Aumentou o meu interesse pelas palestras e pude ler o que meus colegas pensam, ver se era igual a mim ou diferente (A7.1).
>
> Eu gostei muito, me ajudou a entender e como as pessoas também tinham interesse em ver e postar, as opiniões dos outros que às vezes eram diferentes das minhas me ajudaram a entender (A9.2).
>
> Eu achei interessante e foi uma coisa que eu nunca tinha visto. [...] Eu acho que a página aumentou o meu interesse pelas discussões na sala e eu pude aprender mais e depois discutir nas palestras (A10.3).
>
> Eu gostei. Modificou meu interesse e me ajudou a usar as redes sociais de modo mais educacional (A13.2).

O interesse dos jovens e adolescentes por conteúdos em geral, postados no *Facebook* e a atenção disponibilizada a esta plataforma de comunicação foram pontuados também por duas gestoras de unidades participantes do projeto:

> As vezes você está falando com um jovem e ele não ouvi direito o que você está falando, mas quando vai para a rede social desperta um interesse maior. As vezes você está falando a mesma coisa, mas se não tiver na página do *Facebook* ou no *WatssApp* não desperta tanto interesse (G2.1).
>
> As vezes tem coisas que já estão no mural há um mês, mas eles perguntam no *Facebook* e nós colocamos logo o calendário da escola e os avisos na página (G2.2).

Faz parte da rotina dos jovens participantes de plataformas sociais o acesso e a valorização das informações que circulam pelas rotas constituídas por suas redes de amigos, ampliando assim o seu interesse.

Assim como a ampliação do interesse pelas palestras foi relatado e constatado pelos participantes nos encontros presenciais ficou evidente também que este acesso às postagens na página contribuiu para as discussões:

> Os adolescentes fizeram diversas contribuições nos encontros presenciais, pautados em conteúdos que tiveram acesso na página do projeto, inclusive

> passaram a indicar filmes e livros com histórias relacionadas aos temas discutidos no projeto (O3).
>
> Com isso, os materiais educativos presentes na página enriqueceram as discussões presenciais visto que os alunos assistiram/leram/discutiram (O4).

Assim, em confluência com o que os participantes afirmaram, as ações educativas no *Facebook* proporcionaram situações problematizadoras que contribuíram para o processo de aprendizado dos conteúdos trabalhados no projeto:

> Facilitou muito meu modo de pensar (F3.1).
>
> Achei interessante, pois me possibilitou a ter um entendimento sobre coisas que eu e muitas pessoas não tínhamos a chance de entender melhor, facilitou muito meu aprendizado (F4.1).
>
> As temáticas discutidas complementaram meu aprendizado e acabei me interessando muito para ajudar todos que tiveram dificuldade em certos assuntos (F3.2).

Partindo do reconhecimento de que aprender envolve na maioria das vezes à inquietação dos sujeitos e segundo Freire (1996, p. 77) “construir, reconstruir, constatar para mudar”, foram apresentadas situações problema nos encontros presenciais envolvendo informações disponibilizadas no *Facebook*, através de uma cartilha e de um Cordel sobre Violência contra a Mulher – conforme figuras 04 e 05, respectivamente, momento no qual os participantes do projeto reunidos em grupos discutiram sobre a temática e apresentaram o conhecimento construído.

Após as discussões no ambiente escolar, alguns alunos extrapolaram as fronteiras estabelecidas por estas instituições e postaram no *Facebook* ou difundiram no mundo *off-line* o conhecimento construído:

> Eu senti vontade de postar sobre violência, então eu acessei [..]. porque eu gostei muito do assunto e queria botar pra fora. Eu queria que as pessoas soubessem a minha opinião, porque é bom a gente se expressar, mesmo quando as vezes não dê ouvido, mas escrevendo a gente vê que as pessoas leem e sabem o que nós estamos pensando sobre o assunto (A2.3).
>
> Interagi com um grupo de colegas na sala, sentamos juntos e discutimos [...] para depois postar o que entendemos do assunto (A2.4).
>
> Eu tinha conversado com meus amigos sobre as publicações e tive o desejo de comentar também no *Face* (A9.3).
>
> Eu não interagi na página, mas falei com o meu irmão, com alguns parentes sobre a página e mostrei algumas coisas para eles. Eu fiz um vídeo [sobre violência] com os meus colegas e postei na página (A8.2).

O envolvimento dos discentes com as ações educativas na página do projeto no *Facebook* demonstra a vontade de interferir em suas realidades, através da difusão do conhecimento construído, corroborando com o pensamento de Freire, (1996, p. 110) “[...] a educação é uma forma de intervenção humana no mundo”.

Outro ponto evidente nas unidades de sentido A2.4 e A9.3 é a interação social proporcionada pelas ações educativas na página.

Vale salientar que se levou em consideração na pesquisa tanto as interações sociais no *Facebook* - através das postagens dos participantes e dos atos de curtir e compartilhar, que demonstram que o sujeito concordou ou não com a publicação ou que teve o interesse de difundir-, quanto as presenciais que de alguma forma foram influenciadas e pautadas na plataforma social.

Os sujeitos evidenciaram essa interação através de seus relatos, conforme unidades de base selecionadas abaixo:

> Interagi na sala com os meus colegas e nós fizemos um comentário juntos na página (A10.4).
>
> Não cheguei a interagir no *Facebook*, só olhei, mas na escola nós conversamos muito sobre a página do projeto e as postagens dos colegas (A11.1).
>
> Eu fiz um comentário sobre a violência, mas não cheguei a interagir com ninguém que participou. Eu falei com a minha mãe sobre a página, sobre o projeto e falei que eu achei interessante (A13.3).
>
> Eu comentei na página, respondi uma pergunta que estava lá. Interagi porque é uma coisa que me agrada, porque me ajudou, a saber, muita coisa que eu não sabia (A5.1).

Assim, a interação dos sujeitos sociais é potencializada pelo trabalho colaborativo e pela facilidade de relacionar-se no ciberespaço, sem as restrições de tempo e espaço presentes no mundo *off-line:*

> [...] as redes sociais digitais têm grande relevância, na medida em que fornecem às relações interpessoais, sempre repletas de possibilidades de colaboração, uma infraestrutura que minimiza as distâncias no tempo e no espaço e potencializa as interações (SALES; NONATO, 2017, p. 170).

Em consonância com a afirmação dos autores, a participação dos sujeitos em um trabalho conjunto no *Facebook* e a interação proporcionada por esta atividade, aliadas as ações desenvolvidas presencialmente, possibilitou uma maior aproximação entre os jovens e adolescentes e os policiais militares:

> Sem dúvidas. Com certeza criou um vínculo, desmistificou muita coisa que os meninos têm e com essa questão da polícia dentro da escola e cria um elo entre a polícia e a escola (G1.2).
>
> Toda comunidade escolar precisa de pessoas que impulsionem todos a querer o bem e que aprendam a praticar o bem (F3.3).
>
> Esse projeto dos PMs nas escolas... são gente que nos fazem parar um pouco e pensar nas consequências de nossas ações (F3.4).
>
> O receio que o adolescente tem da polícia em virtude de não ter acesso direto, só de ouvir dizer [...] Eles ficaram muito mais a vontade com a polícia (G3.1).
>
> O que mais chamou nossa atenção foi que ao invés desses policiais estarem fazendo sua Ronda, eles estão no Colégio nos conscientizando sobre o perigo que as redes sociais e as drogas nos trazem (F8.3).

Em consonância com os relatos da comunidade escolar, essa aproximação também foi identificada por policiais militares participantes do projeto, conforme o policial codificado como P1:

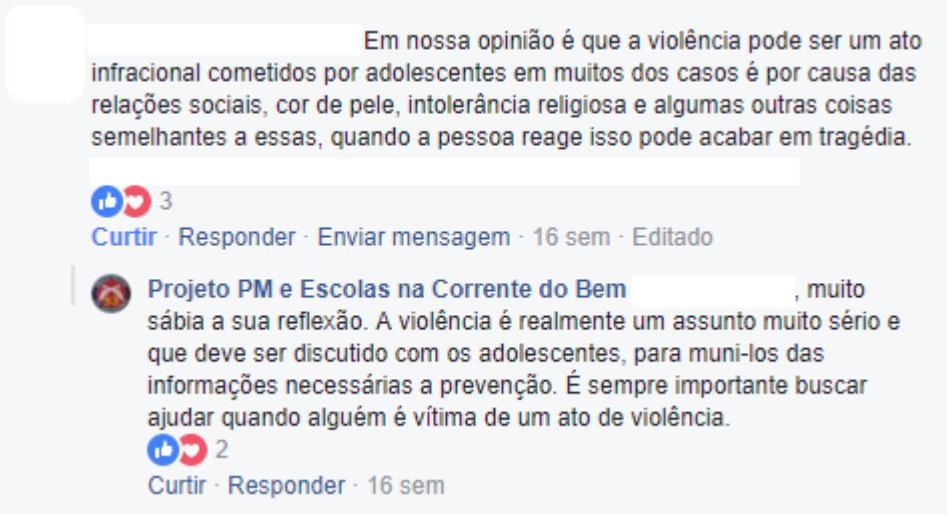
> O que eu percebi foi o estranhamento inicial da nossa presença constante nas escolas [...] ao longo do tempo [...] foi sendo construída uma relação de confiança maior (P1.2).

A participação em ações educativas promovidas no *Facebook* promoveu uma maior aproximação dos sujeitos sociais envolvidos no projeto, pois esta plataforma pode ser utilizada para fins pedagógicos e pode contribuir também para a ampliação da confiança entre os sujeitos participantes de uma prática formativa, além de poder ser utilizado como um canal de comunicação (MAGRIN, 2013).

O aumento na confiança entre os sujeitos refletiu em uma maior participação destes nas ações educativas, pois assim eles se sentiam mais a vontade para tirar dúvidas, expor as suas opiniões e até para se posicionarem no *Facebook*.

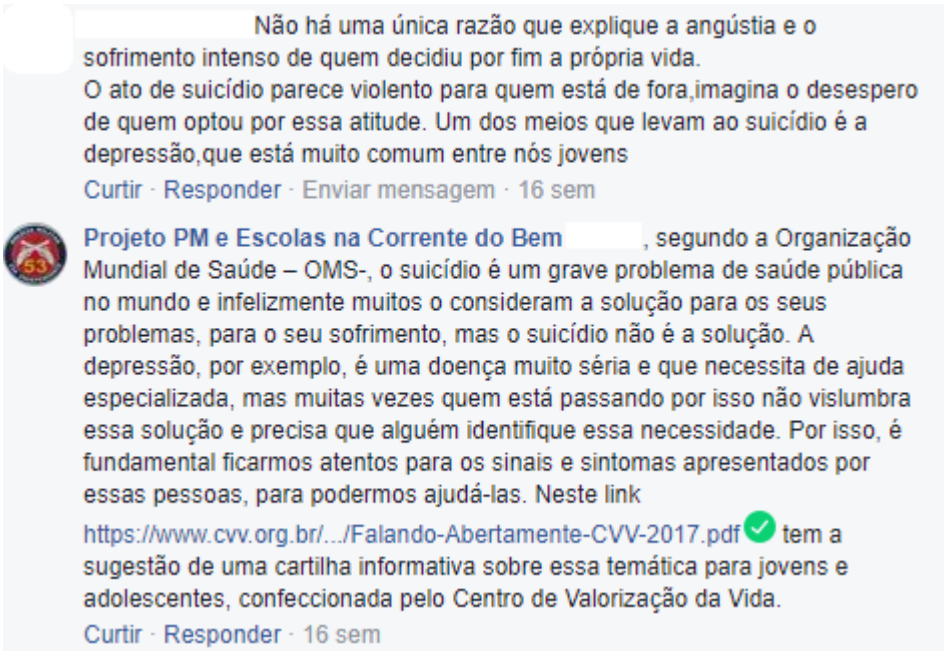
Nessa plataforma, assim como presencialmente, a intervenção do educador é muito relevante, seja comentando as postagens, acrescentando novas informações, esclarecendo posicionamentos e interagindo com o educando, como pode ser observado nas figuras 08 e 09, oriundas da página do Projeto “PM e Escolas na Corrente do Bem” no *Facebook*:

Figura 08- Interação entre participante e policial militar na página



Fonte: *Facebook*, 2017.

Figura 09- Interação entre participantes do projeto no *Facebook*



Fonte: *Facebook*, 2017.

Assim como em encontros presenciais o educador deve acompanhar os comentários e interações no *Facebook*, contribuindo para a construção do conhecimento por parte dos sujeitos em formação, o que foi sinalizado por A2 e G3:

> Eu acho que é muito boa à ideia de ter uma página para isso porque na internet tem muita coisa, tem coisas para o nosso bem e coisas que são para o nosso mal, mas uma página educativa, onde nós pudéssemos tirar muita coisa para o nosso proveito é muito interessante, a ideia é muito boa (A2.5).

> Tem que acompanhar o processo e se precisar intervenção assim fazer (G3.2).

Nessa interação no *Facebook*, o responsável pela formação dos sujeitos sociais deve reconhecer que o conhecimento não é transferido do educador para o educando, ao invés disso este profissional deve criar as possibilidades para a sua construção ou produção (FREIRE, 1996), estimulando os indivíduos a pesquisarem, sugerindo novos materiais educativos e estimulando a participação, o que foi valorizado pelos participantes, conforme as unidades de base abaixo:

> Eu acho que ajuda muito porque a gente tem a oportunidade de mostrar as nossas opiniões de uma forma bem diferente (A13.4).

> Essa página com certeza propicia aos envolvidos nessa grande experiência de convivência entre a Polícia Militar e Comunidade Escolar um processo contínuo de partilha de saberes que estão resultando em melhorias para a cidade de Mata de São João (F5).

> Essa página chegou na hora certa para ajudar a comunidade escolar a ver que precisamos parar um pouco e pensar que precisamos interagir com todos ao nosso redor, pois mostra assuntos modernos que irão ser de grande ajuda para mim e todos os meus colegas (F3.2).

O relato de A6 demonstra a importância da leitura dos comentários na página para a elaboração de sua opinião e A8 afirmou que a leitura de material disponibilizado na página o fez refletir sobre as consequências do suicídio para a família de quem comete este ato:

> Normalmente eu já leio e formo uma opinião sobre a postagem (A6.3).

> Na página eu li a revistinha, assisti o vídeo do suicídio e gostei muito. Eu nunca tinha pensado no mal que o suicídio faz para a família de quem faz isso (A8.4).

Neste sentido, A3 apontou para a necessidade de reflexão antes de realizar uma postagem:

> É bom porque antes de postar você pensar sobre o que vai escrever e isso ajuda a aprender mais (A3.3).

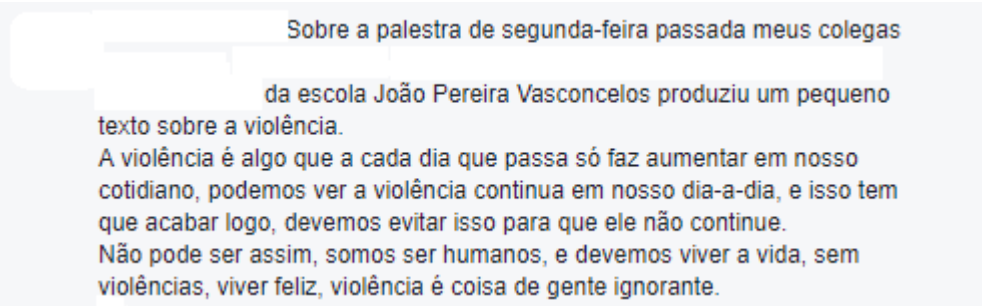
Essa reflexão proporcionada pela leitura das postagens é muito relevante para a construção do conhecimento, assim como o processo de escrita das postagens que normalmente também é precedido de um momento de reflexão.

Neste sentido, como forma de estimular a reflexão foram publicadas no *Facebook* perguntas sobre o que os participantes gostariam de comentar em relação ao que aprenderam nas palestras ou no acesso aos materiais presentes na referida página. As respostas demonstraram o conhecimento construído por estes sujeitos sociais a partir das discussões promovidas no encontro presencial em conjunto com o acesso ao material publicado no *Facebook*, como pode ser visto em algumas publicações abaixo:

> A violência é crime, não importa a qual, juntem-se a nós na Corrente do Bem para acabar com isso (F13.5).
>
> Para prevenir a violência, devemos pensar antes de fazer, obedecer aos pais e saber o limite de nossas ações (F11.2).
>
> Violência gera mais violência, os fracos julgam e condenam, porém os fortes perdoam e compreendem (F9.4).
>
> A violência é algo que a cada dia que passa só faz aumentar em nosso dia-a-dia, e isso tem que acabar logo, devemos evitar isso para que ele não continue (F14.1).

Vale salientar que nessas publicações foi observado que alguns adolescentes marcaram alguns componentes de sua rede de amigos nas postagens e uma das postagens referia-se a uma construção de texto em grupo- de iniciativa deles-, que posteriormente foi postado na página:

Figura 10 – Publicação referente à construção coletiva de texto



Fonte: *Facebook*, 2017.

Essa construção coletiva do conhecimento é potencializada pelo trabalho educativo em redes sociodigitais

> O trabalho com as TIC na educação potencializa a produção de saberes construídos de forma coletiva e colaborativa, utilizando as redes sociodigitais. Essas redes são formadas por sujeitos que se comunicam,

> interagem, relacionam-se e desenvolvem produções colaborativas nos ambientes virtuais; ou seja, que estão imersos na cultura digital e na cultura da mobilidade (LUCENA, 2016, p. 287).

Assim, as ações educativas são potencializadas pela construção coletiva do conhecimento em rede e esse trabalho conjunto possibilita a reflexão, a ressignificação de conceitos, o desenvolvimento do respeito a posicionamentos diferentes, o exercício da tolerância, a avaliação de situações em grupo e a visão compartilhada destas, promovidas por esse momento de interação.

Além da construção colaborativa em rede, os jovens que estão inseridos na cultura digital tem a possibilidade de difundir o conhecimento construído, compartilhando com a sua rede de amigos no *Facebook*:

> Curtir e compartilhar as coisas que tem lá, para que outras pessoas também vissem e aprendessem e eu queria que meus amigos aprendessem o que eu estava aprendendo (A7.2).
>
> Melhor ainda é ter esse Fórum permanente aqui no Facebook para expandir e compartilhar os nossos debates (F5.1).
>
> Mas pra frente passar pra outras pessoas o que foi explicado pra mim e meu colegas (F4.2).
>
> Eu quero entender mais e poder passar para alguém o que acontece e o que está errado (A5.2).

Assim, neste processo de difusão do conhecimento os sujeitos sociais tem a autonomia para selecionar o que querem compartilhar com a sua rede e assim através dessa liberdade de escolha vai definindo o fluxo de informações nas redes sociais digitais.

> Ao contrário de outras ferramentas de comunicação, o Facebook não considera as informações como propriedade ou produto restrito, mas, que por meio do compartilhamento da informação e do conhecimento torna-se um espaço democrático dos conteúdos postados em rede (TSUKAMOTO; FIALHO; TORRES, 2014, p. 361).

Esse processo de construção e difusão do conhecimento em rede é apreciado por aqueles que vivenciam a cultura digital e demonstram acreditar no potencial educativo do *Facebook*, o que está em conformidade com as afirmações dos sujeitos pesquisados:

> Ajuda a aprender, porque a gente tem mais facilidade de conversar no *Face*, fazer a atividade (A1.3).

> Eu acho que vai ajudar bastante no aprendizado, até porque o *Facebook* é uma rede social que [...] a maioria utiliza, [...] ai facilita bastante, principalmente no aprendizado (A3.4).
>
> Teríamos muito acesso a informação (A4.4).
>
> Ia ser bom porque tem muita gente que passa muito tempo no celular, entendeu? E com isso não ia ter mais desculpa para não fazer a atividade (A6.4).
>
> Eu ia gostar muito porque o *Facebook* nós acessamos mais do que o caderno. Quando a atividade é no caderno ou livro nós esquecemos porque nem sempre nós pegamos no caderno, já no *Facebook* qualquer momento que eu pegar no celular eu vou ver bem mais rápido (A7.3).
>
> Acho muito legal porque como a gente fica muito no *Facebook* e com isso vai melhorar o nosso desempenho nos assuntos (A12.1).

"O mundo digital estrutura a cultura contemporânea" (COUTO, 2016, p. 8), por isso os educandos vivem no ciberespaço e a utilização do *Facebook* está presente no dia-a-dia desses sujeitos, apresentando assim um potencial educativo em contextos que fazem parte e suas realidades.

Nas ações educativas do projeto, boa parte dos sujeitos pesquisados evidenciou a motivação em acessar os conteúdos educativos, em virtude de estarem no *Facebook*:

> Eu acho que o *Facebook* me motivou mais a acessar o material porque facilita bastante o acesso e você já tem a prática de acessar o Facebook, ai a coisa é bem rápida. (A3.5).
>
> Se tivesse no *Google* eu não ia entrar no link, só entrei porque estava no Facebook é mais rápido (A7.4).
>
> Sim, porque eu fico olhando o *Face* toda hora, então facilita o acesso, é bem mais rápido (A10.5).

Em contrapartida, alguns participantes afirmaram que acessariam o material educativo independente do local em que estivessem, mas reconheceram que através do *Facebook* podem ter mais informações e o acesso é mais rápido.

> Com certeza se o material estivesse em outro lugar eu também acessaria, só ia demorar mais, no *Face* é mais rápido (A6.5).
>
> Se fosse material impresso eu teria acessado também porque é uma forma de ter mais informações, assim como no *Facebook* (A4.5).

O grande número de informações que transita pelas rotas formadas pelas redes sociais demanda que os sujeitos escolham aquelas que irão acessar, visto não ser possível visualizar todas. Esta ação beneficia o desenvolvimento da

autonomia do educando que tem a possibilidade de se tornar autor de suas escolhas e produtor do seu conhecimento.

Essa autonomia marcou as escolhas realizadas pelos sujeitos na página do projeto, conforme explicitado em seus relatos:

> Eu olhei os comentários dos colegas e outros materiais também (A1.4)
>
> Consegui observar um pouco do que estava ali, dos temas que chamaram a minha atenção (A4.6).
> Eu olhei o vídeo de prevenção ao suicídio [...] Eu assisti o vídeo porque fiquei curioso (A6.6).
>
> Eu li a cartilha de prevenção ao suicídio e o vídeo do suicídio com Bruna Marquezine. Eu vi porque acho que é um tema muito importante (A7.5).
>
> Eu vi um vídeo e vi muitos comentários das pessoas embaixo e eu abri os comentários (A8.5).
>
> Fui observando e o que eu vi que era do meu interesse eu abria (A9.5).

Imbuído dessa possibilidade de escolhas e a consequente autonomia na montagem de rotas a serem percorridas o sujeito pode construir individual ou coletivamente o conhecimento, utilizando o *Facebook* em contextos de aprendizagem.

Assim, o potencial educativo do *Facebook* enquanto plataforma resultante do desenvolvimento tecnológico que evolui a partir das experiências humanas e é ressignificado pelas relações sociais estabelecidas neste contexto, emergiu no processo de descrição e interpretação dos dados da pesquisa referentes à primeira categoria de análise, demonstrando assim indicadores desse potencial educativo.

Entretanto, vale salientar que as posturas evidenciadas pelos sujeitos sociais pesquisados não são garantia de que o *Facebook* contribuirá para a efetiva construção e difusão do conhecimento, mas são indicadoras do potencial dessa plataforma de comunicação em rede.

Em suma, os dados analisados referentes à categoria 01, evidenciam o número crescente de participantes do Facebook, sobretudo através de dispositivos móveis conectados, o papel autônomo adotado por esses sujeitos, o interesse em acompanhar as publicações da plataforma de comunicação em rede, o desejo em ampliar o acesso as informações acerca das temáticas discutidas presencialmente e de compartilhá-las com a sua rede digital, além de demonstrar o potencial do trabalho colaborativo e da interação social para a educação.

Assim, prosseguindo na análise dos dados da pesquisa, a próxima subseção apresentará o metatexto referente à segunda categoria analisada, acerca da apropriação dos sujeitos em relação aos conteúdos formativos disponibilizados no *Facebook*.

5.2 Categoria 2: Apropriação de conteúdos formativos disponibilizados no *Facebook*

Esta subseção abordará a apropriação de conteúdos formativos que circulam no *Facebook* pelos sujeitos sociais, entrelaçando as unidades de sentido construídas a partir do corpus textual da pesquisa, o referencial teórico sobre a temática e a interpretação da pesquisadora.

Torna-se relevante pontuar que foi levado em consideração na análise dos dados, que inicialmente um número considerável de participantes do Projeto “PM e Escolas na Corrente do Bem” demonstrou resistência em participar das ações educativas na página do *Facebook*, alegando receio em virtude de ser uma página relacionada à polícia. Com o passar do tempo os sujeitos passaram a acessar, porém alguns evitavam deixar marcas desse acesso.

As unidades de sentido abaixo demonstram esse receio de alguns participantes em evidenciar o acesso à página:

> Não, só li. Eu fiquei com receio de me expor no *Facebook*. Eu só comentei com a minha família (A11.2)
>
> Alguns alunos, aliás, não foram poucos [...] informaram que por se tratar de uma página de polícia que tem conteúdo ligado a segurança pública se sentiam constrangidos de deixar uma marca ali. É um caso de preservação e de medo da exposição (P1.3).
>
> Eu comentei. Não compartilhei porque às vezes as pessoas ficam observando que eu estou compartilhando material de uma página de polícia, aí eu evito (A9.6).
>
> Após um período de sensibilização quanto à importância de uma página para a difusão do conhecimento relacionado aos temas trabalhados no projeto os jovens e adolescentes passaram a acessar, porém muitos não deixaram marcas que pudessem evidenciar este acesso, apenas entravam na página, acessavam o material, porém não curtiam, compartilhavam ou comentavam na página para evitar a exposição (O5).

Vale salientar que esse receio inicial foi diminuindo aos poucos, a partir da construção de uma relação e confiança e paulatinamente os sujeitos foram

acessando a página e se apropriando dos conteúdos publicados naquele espaço, conforme ficou evidente nas observações realizadas:

> Com o passar do tempo, alguns alunos já estavam registrando a sua participação na página, seja compartilhando, curtindo ou comentando e outros expuseram aos policiais que tiveram a ideia de copiar os links dos materiais educativos em seus perfis, porém sem fazer referência a página do projeto, como forma de alcançar a sua rede de amigos (O6).

> Embora o acesso fosse voluntário e não se constituísse em pré- requisito para a participação nas palestras, este ficou evidente devido à atuação dos alunos nas discussões realizadas nos encontros presenciais, nos quais eles apresentaram informações presentes nos materiais disponibilizados na página do projeto no *Facebook*, assim como apresentaram as suas dúvidas (O7).

A unidade de sentido O6 demonstra a busca por alternativas para participar das ações na página e ambas refletem as construções conceituais dos sujeitos, que ao acessarem materiais educativos e construírem o conhecimento, refletem sobre ele e reconhecem a importância da sua difusão para a intervenção social em sua realidade.

Com isso, torna-se evidente também que a forma como esses sujeitos lidam com os conteúdos que circulam nas redes não é passiva, contemplativa, como apenas receptores, pois os atores em rede interferem de forma direta no fluxo e na produção destes conteúdos.

> Cada um simultaneamente, consome, produz e difunde conteúdos. O conteúdo deixa de ser produzido apenas pelos profissionais e passa a ser construído e difundido por cada usuário que, ao mesmo tempo, se torna autor (COUTO, 2014, p. 51).

Estes usuários geralmente recepcionam com agilidade os conteúdos que circulam em rede e fazem com que estes deixem de ser específicos de um determinado meio e passem a fluir em diversos espaços sociais (OLIVEIRA, 2017; JENKINS, 2009).

Neste viés, os sujeitos da pesquisa demonstraram que são participantes assíduos do *Facebook* e elencaram os motivos que os levam a acessar. Os jovens e adolescentes pontuaram o uso que fazem da plataforma social:

> Para conversar com os amigos, postar o que eu acho interessante, não posto muita foto (A1.5).

> Para ver as postagens dos meus amigos, assistir vídeos, ver fotos, para conversar, várias coisas (A2.6).
>
> Pra ver a vida dos outros, memes, vídeos, ver as coisas dos amigos também (A6.7).
>
> Vejo as postagens dos meus amigos, vejo alguns vídeos engraçados, compartilho esses vídeos, comento e converso com as pessoas (A7.6).
>
> Pra ver o que as outras pessoas postam, ver o que elas fazem, comentar as postagens dos meus amigos e para curtir as fotos. Gosto também de ler o material da página do projeto e depois conversar com meus amigos sobre o que eu aprendi (A11.3).

Assim, os sujeitos usam o *Facebook* para conversar com os seus amigos, para acompanhar as postagens, ver vídeos, fotos e memes, ou seja, para principalmente acompanhar o fluxo de conteúdos.

Os policiais militares e as gestoras das instituições de ensino também falaram sobre o uso que fazem do *Facebook*:

> Para auxiliar na construção do meu conhecimento. Para acompanhar as pessoas que eu tenho alguma relação [...] Eu pulo um pouco a parte de observação das ações alheias, as postagens de cunho mais subjetivo e acompanho mais as postagens relacionadas aos meus interesses (P1.4).
>
> Eu uso o *Facebook* mais para acompanhar as publicações (P2.1)
>
> Quase sempre. Para extravasar o dia, ai eu vou realmente “cusculhar”, fuçar. O Facebook para mim é distração e no trabalho para participar de um grupo de gestão escolar. Acesso pelo celular (G1.3).
>
> Para divulgar assuntos que eu acho relevantes, não uso para nada pessoal para evitar exposição. Como eu sou diretora de escola tenho que proteger minha privacidade (G2.3).
>
> Para saber as novidades dos outros e expor as minhas também [...] Posto as fotos dos eventos da escola, até para ver os comentários da comunidade (G3.3).

O uso que a maioria dos sujeitos faz do *Facebook* está em consonância com o que é defendido por Recuero, Bastos e Zago (2015), que alegam que o interesse maior dos componentes de redes sociais digitais está relacionado com o fluxo de conteúdos disponibilizados pelos usuários.

Assim, participando desse fluxo de conteúdos que circulam em suas redes sociais digitais e que corriqueiramente extrapolam para fora do mundo digital, os atores sociais afetam e são afetados de forma direta ou indireta, independente do uso que fazem do *Facebook*.

O acesso a esses conteúdos que circulam no *Facebook* é considerado rápido e fácil pelos sujeitos pesquisados, que evidenciaram as publicações da página do projeto na referida plataforma de comunicação em rede que os ajudaram na construção do conhecimento:

> Deu pra aprender mais coisas com os comentários (A1.6).
>
> Acho que o material da página me ajudou bastante, principalmente os vídeos (A5.3).
>
> Lá eu posso aprender a qualquer hora (A6.8).
>
> Eu acho que a página me ajudou, pelo menos com a minha consciência ajudou. Eu pensava totalmente diferente, não tinha esse conhecimento... A violência é muito ruim e às vezes a gente não sabe que o que faz é uma violência (A8.6).
>
> Quando eu fui comentar no *Facebook* [...] eu vi uns comentários que foram diferentes e que me ajudaram a entender (A10.6).
>
> Eu li a revista do Estatuto da Criança e do Adolescente e aprendi que tem medidas para adolescentes e antes eu pensava que não tinha. A página me ajudou (A12.2).

Assim, os sujeitos evidenciaram que a página contribui para suas aprendizagens e como o contato com o objeto de aprendizagem ocorre de forma muito particular para cada um, estes pontuaram os conteúdos que acessaram, baseado nos seus interesses. Demonstrando autonomia nesse processo de apropriação dos conteúdos formativos no *Facebook*, “os praticantes culturais dotados de seus dispositivos móveis têm potencializado a produção de conhecimento e expressões plurais no ciberespaço” (SANTOS; STOFELLA; ROSSINI, 2014, p. 85).

Dessa forma, os indivíduos participantes da prática formativa se apropriaram dos conteúdos que circulam nas rotas construídas a partir das redes sociais digitais de inúmeras formas.

Assim, alguns sujeitos sociais pesquisados se apropriaram dos conteúdos formativos disponibilizados na página, construíram o conhecimento e compartilharam com a sua rede de amigos no *Facebook*, como é o caso dos adolescentes A2 e A3:

> Sim, eu compartilhei e publiquei um comentário também (A2.7).
>
> Eu compartilhei a minha própria postagem. Eu curti algumas postagens (A3.6).

Outros participantes sensibilizados com a importância do compartilhamento dos materiais educativos, porém com receio da exposição referente à participação em uma ação educativa em página relacionada à polícia e de como isso poderia refletir nas comunidades na quais estão inseridos, se apropriaram dos conteúdos formativos disponibilizados e compartilharam fora do *Facebook*:

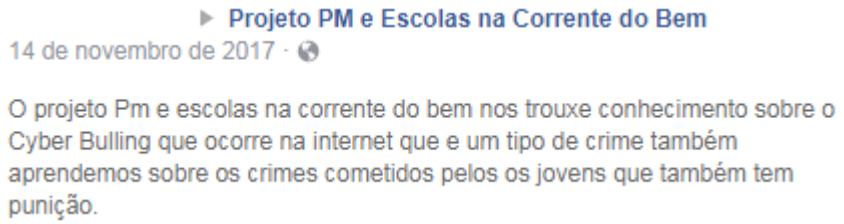
> Eu só comentei com a minha família (A11.4)
>
> Falei com o meu irmão, com alguns parentes sobre a página e mostrei algumas coisas para eles (A8.7).
>
> Levam também para casa as coisas que eles aprendem (G2.4)
>
> Me ajudou muito e eu ainda pude mostrar para minha irmã. Ela também gostou e curtiu a página (A9.7).

Alguns participantes alegaram em suas postagens no *Facebook*, que se apropriaram dos conteúdos disponíveis na página e demonstraram interesse em compartilhar com outras pessoas, embora não tenham evidenciado como se daria este compartilhamento:

> As temáticas discutidas complementaram meu aprendizado e acabei me interessando muito para ajudar todos que tiveram dificuldade em certos assuntos (F3.7).
>
> Mas pra frente passar pra outras pessoas o que foi explicado pra mim e meus colegas (F4.7).

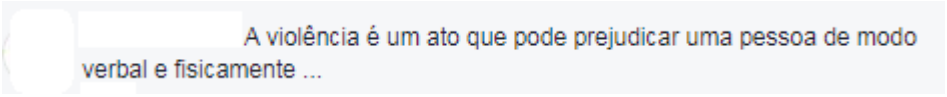
Além de compartilhar com a sua rede de amigos, tanto no *Facebook* quanto no espaço *off-line*, alguns participantes se apropriaram dos conteúdos formativos e produziram comentários relativos a estes:

Figura 11 – Comentário de participante F7 relacionado a conteúdo da página



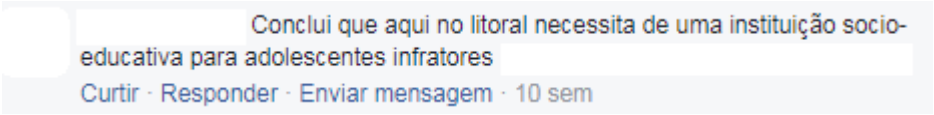
Fonte: *Facebook* , 2017.

Figura 12 – Comentário de participante F10 relacionado a conteúdo da página



Fonte: *Facebook,* 2017.

Figura 13 – Comentário de participante F14 relacionado a conteúdo da página



Fonte: *Facebook,* 2017.

Essa possibilidade de utilizar o *Facebook* para expor opiniões, potencializa a existência de uma cultura participativa na plataforma, na qual os usuários podem defender os seus posicionamentos acerca de diversas temáticas, podem debater e estender as discussões para fora do ambiente digital.

Assim, até mesmo os participantes que não possuíam perfis no *Facebook* também tinham acesso ao conteúdo ali postado, a partir das discussões nos encontros presenciais, nos quais os usuários contribuíam com o conhecimento construído na página. “Por mais que se esteja envolvido e incluído numa cultura digital, os excluídos não podem ser desconsiderados” (SANTINELLO; VERSUTI, 2014, p.190).

Com isso, os participantes da pesquisa se apropriaram dos conteúdos formativos e utilizaram o conhecimento construído em ações educativas presenciais:

> Eles comentam com os professores e estes já vieram procurar saber o que estava acontecendo por causa de algum comentário na sala de aula (G1.4).
>
> Levam para a sala de aula aquilo que eles aprendem nas palestras e na página. Já interromperam a aula de português e de matemática para comentar sobre algum assunto que aprenderam com o projeto. (G2.5).
>
> Muitos alunos que acessaram a página e não comentou nas publicações fez seus comentários nos encontros presenciais, momento no qual também tirou dúvidas e afirmou ter propagado o que tinha aprendido com seus amigos e familiares (O8).
>
> Foi relatado por professores das escolas acerca das intervenções dos alunos nas aulas, apresentando o conhecimento construído nas ações do

> projeto e solicitando que os docentes criassem uma página no *Facebook* para os componentes curriculares (O9).

Assim, a partir da apropriação de conteúdos publicados no *Facebook* os participantes levaram para as aulas e também para os encontros presenciais do projeto, contribuições acerca do que aprenderam.

Vale salientar que os conteúdos disponíveis na plataforma social não dependem "da transmissão unidirecional para circular, mas se dissemina formando redes" (SIBILIA, 2012, p. 116).

Embora alguns participantes não tenham compartilhado ou comentado os conteúdos formativos no *Facebook*, utilizaram a função "curtir" e sinalizaram com isso as publicações que se interessaram:

> Ainda não compartilhei o material da página. Curti uma mensagem, mas ainda não comentei, só li (A4.8).
>
> Eu curti. Eu gostei da publicação (A1.7).
>
> O que me motivou a curtir foi o conteúdo, que eu gostei muito e acho que outras pessoas também vão gostar (A5.4).
>
> Eu curti, porque gostei do conteúdo (A8.8).
>
> Eu observei, curti algumas coisas lá e passei a seguir a página (A8.9).

Pelo que foi evidenciado, alguns participantes se apropriaram dos conteúdos formativos e utilizaram a função curtir do *Facebook*. Com isso, a sua rede de amigos teve a oportunidade de visualizar a postagem referente a este ato no seu *feed* de notícias. Essa ação possibilita a difusão dos conteúdos formativos no *Facebook* e demonstra a participação dos sujeitos.

Nesse processo de análise das publicações executado pelos participantes, que precede o comentário, o compartilhamento ou o ato de curtir, eles têm a possibilidade de refletir sobre os conteúdos formativos e essa reflexão poderá conduzir a uma mudança comportamental, a partir da construção de novos conceitos, conforme relatos dos policiais P1 e P2 e da gestora G3:

> Relato de professores que já do meio para o final das atividades algumas ações que os alunos mantinham no interior da escolar e nos seus arredores, de se aglomerar e praticar algum ato indisciplinar ou até ilícito como uso de entorpecentes, tudo isso foi se diluindo (P1.5).
>
> Alguns alunos demonstraram interesse em mudar algumas coisas (G3.4).

> Algumas posturas condizentes com a formação cidadã dos participantes do projeto pôde ser observada (P2.2).

Além da mudança comportamental apresentada por participantes da pesquisa, alguns sujeitos se apropriaram dos conteúdos formativos e ressignificaram o conhecimento construído, produzindo novas criações, conforme figura 14:

Figura 14- Tela referente ao vídeo produzido por participantes do projeto

Fonte: *Facebook, 2017.*

O vídeo produzido pelos participantes evidenciou uma das características mais marcantes desses sujeitos da cultura digital, a produção do conhecimento, confluente com a afirmação de Freire (1996, p. 26) “[...] inexiste validade no ensino de que não resulta um aprendizado em que o aprendiz não se tornou capaz de recriar ou de refazer o ensinado”.

Assim, os sujeitos se apropriam dos conteúdos em um processo criativo de ressignificação destes, adequando-os a sua realidade em busca de uma transformação social.

Desta forma, os sujeitos atuam de forma crítica e podem exercer o protagonismo em suas próprias histórias e nas histórias compartilhadas neste contexto (NASCIMENTO; HETKOWSKI, 2009).

Com isso, os indivíduos trazem novos elementos para a discussão e apresentam o seu ponto de vista em relação ao material disponibilizado na rede. Nesta pesquisa isso ficou evidente em relação aos comentários do adolescente codificado como F15, após o acesso ao Estatuto da Criança e do Adolescente em quadrinhos e a uma discussão com um grupo de colegas:

> Chegamos à conclusão que apoiaríamos a pena de morte para estupro e assassinato (F15.1).
>
> A pena de morte só iria valer se fosse também para os deputados, entre outros casos (F15.2)

Apesar de o conteúdo acessado pelo adolescente não fazer referência a pena de morte, as discussões foram ampliadas e novos elementos vieram à tona a partir da discussão promovida pelos sujeitos e da reflexão que permeou esse processo.

Desta forma, após a análise dos dados referentes à categoria 2, tornou-se evidente que os participantes se apropriaram dos conteúdos formativos presentes na página do projeto e a partir daí adotaram diversas posturas, dentre estas se evidenciam as ações de curtir os materiais, compartilhar com a sua rede on-line ou presencialmente, através de comentários nos diversos espaços sociais nos quais estão inseridos, pela produção e difusão do conhecimento, ou pela mudança de postura frente as situações que vivenciam.

Em suma, os dados analisados referentes à categoria 02, evidenciam que os sujeitos interferem diretamente no fluxo das informações e do conhecimento que circulam em rede, apropriando-se desses conteúdos de acordo com o seu interesse, em um processo autônomo no qual decidem se vão compartilhar, comentar, curtir, difundir ou ignorar as postagens, constituindo-se assim em autor de suas escolhas.

Prosseguindo com a análise dos dados obtidos na pesquisa, a próxima subseção apresentará as possiblidades e os desafios para a utilização da plataforma de comunicação em rede *Facebook* em contextos educativos, a terceira categoria.

5.3 Categoria 3: Possibilidades e desafios para a utilização do *Facebook* em atividades educativas

Esta subseção apresenta o metatexto construído a partir do processo de descrição e interpretação dos dados empíricos referentes às possibilidades e aos

desafios para a utilização do *Facebook* em atividades educativas, levando-se em consideração o referencial teórico adotado na pesquisa.

Neste diapasão, vale salientar inicialmente que a série de recursos disponíveis no *Facebook* originam inúmeras possibilidades para a sua utilização em contextos de aprendizagem, assim como são apresentados desafios nesse imbricamento da referida plataforma com a educação, que não podem ser desconsiderados.

Esse entrelaçamento entre o *Facebook* e a educação não foi planejado inicialmente por seus criadores, conforme já explicitado neste trabalho, mas o potencial formativo apresentado pela referida plataforma social impulsionou o desenvolvimento de estratégias de utilização para educadores.

Assim, a quantidade relevante de jovens que possuem e utilizam dispositivos móveis nos dias atuais contribui para a possibilidade de realização dessas ações educativas, as quais devem ser planejadas levando em consideração àqueles destituídos desses equipamentos tecnológicos digitais, mas que podem participar das ações através do trabalho coletivo.

Vale salientar que a cultura digital vivenciada por esses sujeitos não é prioridade das gerações mais novas, visto que na atualidade o ciberespaço é acessado por grande parte dos indivíduos, independente da idade, os quais têm esses dispositivos presentes em suas rotinas diárias, geralmente desde acordar até o adormecer.

Nesse sentido, dos participantes da pesquisa apenas uma adolescente não possui cadastro no *Facebook*, mas tem acesso através do perfil do seu genitor. Quanto aos demais, esses acessam há no mínimo um ano, sendo que 07 confessaram o início em idade anterior à permitida.

Assim, essas foram algumas respostas que representam os participantes em relação ao tempo de uso do *Facebook*:

> Há mais ou menos 03 anos (A2.8).
>
> Tenho *Facebook* há 06 anos, desde os 13 anos (A3.8).
>
> Há uns três anos, desde os 11 anos de idade (A8.10).
>
> Tenho, há uns quatro anos. Desde os dez anos de idade (A9.8).
>
> Há uns três anos. Desde os onze anos (A12.3).

> Como meu pai tem *Facebook* e ele não usa tanto, eu acompanho as coisas pelo dele (A10.7).

A experiência dos participantes em relação à utilização do *Facebook* foi evidenciada tanto pela informação do tempo que estes têm perfil na plataforma quanto pelos dados referentes ao uso diário, relatados anteriormente neste trabalho.

A presteza na utilização do *Facebook* também foi evidenciada pelos participantes ao relatarem a facilidade de acesso tanto à página do Projeto “PM e Escolas na Corrente do Bem” quanto aos seus conteúdos formativos:

> Foi bem fácil. Foi bem prático (A2.9).
> Não senti dificuldade em acessar (A6.9).
>
> Foi tranquilo. É fácil (A8.11).
>
> Estava bem fácil, era só clicar e ver a página (A10.8).
>
> O acesso é bem simples (A11.5)

Esses sujeitos tão imersos na cultura digital atuam com familiaridade e naturalidade nas plataformas de comunicação em rede e geralmente estão bastante habituados a conviver no ciberespaço e interagir com sua rede social digital, o que favorece a utilização do *Facebook* na educação.

Esse espaço *on-line* possibilita a ampliação dos espaços de encontro e interação, onde os sujeitos podem discutir sobre temas formativos, conforme evidenciado pelos policiais participantes do projeto:

> Na rua, em uma ocorrência policial nós não temos a condição de conversar com as pessoas, inclusive com os alunos, sobre inúmeros assuntos como segurança pública, por exemplo (P1.6).
>
> A partir do momento que saímos da escola nós continuamos em contato através da página do projeto no *Facebook* (P1.7).
>
> A página é um espaço digital de debate, de continuação da conversa que nós começamos na escola e ali nós vamos ter acesso a conteúdos que já foram discutidos na sala e podemos discutir e ver o que o outro pensa a respeito do assunto (P2.3).

Neste diapasão, em uma página educativa os sujeitos podem participar de atividades que promovam a reflexão, voltadas para a sensibilização dos sujeitos em relação ao seu papel social, em consonância com as afirmações publicadas na página do projeto e além disso podem interagir com outros participantes

> Trazendo temas relevantes para o contexto atual, de forma que analisem qual o seu papel para formação de uma sociedade mais justa, consciente e ética (F1.1).
>
> É muito bom para nós que somos alunos ver que temos um suporte para nos direcionar a um futuro melhor (F3.5).

Assim, os sujeitos sociais demonstraram a expectativa em relação ao uso do *Facebook* na educação e muitos participantes da pesquisa apresentaram sugestões em relação a essa utilização. Dentre as ações propostas podemos destacar algumas:

> Acho que a escola poderia ter uma página com assuntos de todas as matérias incluídos [...] o professor fala o que é verdade sobre o assunto e nem tudo o que está na internet é verdade. Uma página com pessoas certas, você saberia ao certo o que realmente era verdade. Acho que seria uma boa ideia (A2.10).
>
> Para postar sobre alguma coisa que eu não saiba, que fosse esclarecer pra mim, ai eu ia gostar. (A8.12).
>
> Os professores poderiam colocar material no *Facebook* porque o acesso seria muito mais fácil (A12.4).

Assim, as sugestões dos sujeitos apontam para a possibilidade de utilização do *Facebook* para o compartilhamento de conteúdos formativos, em virtude da facilidade de acesso proporcionada pela plataforma social e da confiança da veracidade das publicações realizadas pelos responsáveis pela formação.

O *Facebook* possibilita também a realização de atividades colaborativas pelos sujeitos, que neste processo podem construir o conhecimento coletivamente com a sua rede social.

Essa possibilidade de construir coletivamente foi sugerida pelos participantes, que indicaram as atividades a serem desenvolvidas:

> Eu gosto de atividades em grupo e acho que a escola poderia ter uma página para que os alunos postassem produções em grupo, como vídeos, poesia, textos, música, ia ser bom (A11.6).
>
> Algo que estimulasse a interação entre os alunos, tipo perguntas para os alunos responderem e comentarem as respostas dos colegas ou que pudessem construir algo juntos (A9.9).
>
> Atividades [...] de curtir algumas coisas, compartilhar material, comentar e ver as opiniões dos colegas, eu acho que ia me ajudar a aprender mais (A7.7).

As atividades colaborativas promovem, dentre outras coisas, a participação ativa do aluno no processo de aprendizagem, a mediação do professor nessas

ações, a troca entre os participantes, o respeito às opiniões dos outros, a interatividade entre os atores, o desenvolvimento da autonomia dos sujeitos em formação e o estímulo à produção autoral (TORRES, 2004).

Nesse sentido, outra sugestão apontada pelos participantes do projeto é a utilização de uma página ou grupo, para que alunos e educadores pudessem estar juntos, como um espaço de ampliação das interações sociais, no qual os alunos poderiam apresentar as suas dúvidas e discutir com os demais atores envolvidos no processo e assim construir o conhecimento de forma coletiva e colaborativa:

> Poderia ser uma página educativa para postarmos perguntas para os professores responderem. Para todos interagirem. Os professores podem postar vídeos para incentivarem os alunos a discutirem. Seria mais uma forma de comunicação com o professor, o que sempre é bom (A4.9).
>
> Seria bom para tirar dúvidas com os professores, discutir com os colegas (A8.13).
>
> Acho que poderia criar um grupo para tirar as dúvidas com os professores e para postarmos o que sabemos sobre um assunto (A1.8).
>
> Poderia ter bate papo dos professores com alunos, deveria ter vídeos e áudios mostrando os assuntos, textos para nós lermos e com conteúdos que facilitassem o aprendizado (A5.5).

Conforme foi pontuado pelos participantes, estes almejam uma ampliação do contato com os educadores e demais colegas, a fim de dirimir dúvidas e postar as suas opiniões.

A unidade de sentido A5.5, também pontuou outra possibilidade de utilização do *Facebook* em contextos de aprendizagem, a partir da postagem de vídeos sobre as temáticas discutidas, os quais poderiam ser usados para promover alguma atividade interativa relacionada ao conteúdo, assim como poderiam ser produzidos pelos próprios alunos.

Assim como A5, os participantes A6 e A9 também afirmaram que vídeos ajudam na construção do conhecimento:

> Passar vídeos para os alunos assistirem, os alunos poderiam fazer seus vídeos e publicarem para outros poderem compartilhar e curtir. O vídeo ajuda a aprender, facilita (A6.10).
>
> Gosto muito de ver vídeos também e comentar (A9.10)

A sugestão proposta por A5, A6 e A9 em relação à postagem de vídeos seguida da participação do aluno comentando, evidencia a cultura participativa dos sujeitos que geralmente não se limitam mais a apenas assistir, querem também produzir conhecimento, a partir dessa experiência.

Outra característica da cultura digital evidenciada pelos sujeitos está relacionada ao rompimento com as limitações impostas pelo tempo, permitindo a realização de trabalhos educativos acessíveis de acordo com a disponibilidade dos participantes:

> Acho que uma página educativa tem que ter materiais publicados pelos professores e assim ia dar para ver quando eu precisasse, era só acessar o *Facebook* e consultar (A10.9).

Essa unidade de sentido está em consonância com a afirmação de Santaella (2013) ao dizer que os dispositivos móveis conectados possibilitam o acesso à informação em qualquer momento e isso permite a realização de processos de aprendizagem mais espontâneos e de acordo com o interesse e a curiosidade do aluno, como é o caso daqueles desenvolvidos no *Facebook*.

Neste interim, os participantes pesquisados sugeriram também a realização de atividades que envolvam o compartilhamento de materiais educativos no *Facebook*, o que pode promover a autonomia do sujeito, a sua participação ativa na seleção dos conteúdos formativos e na ressignificação destes, além de promover a difusão do conhecimento, conforme destacou A13:

> Acho que no *Facebook* os alunos podem ter uma página da escola e sempre que receber alguma postagem interessante de um amigo poderia compartilhar com os colegas para que todos tenham acesso (A13.6)

Esse compartilhamento de conteúdos entre componentes de uma rede pode potencializar o acesso a esse material e com isso aumentar o número de indivíduos alcançados, pois segundo Martino (2015), quando um sujeito demonstra o interesse por um determinado tema, geralmente a sua rede desenvolve uma curiosidade em relação a ele.

Santaella (2013) também aponta para a valorização da opinião do outro na cultura digital e a crença dos sujeitos em relação à importância de suas participações. Isso demonstra que as publicações dos sujeitos em formação podem contribuir para a aprendizagem em rede.

Outra ponto relevante evidenciado na pesquisa está relacionado à produção do conhecimento pelos discentes, o que foi observado no desenvolvimento das

ações do projeto nas escolas, momento em que os sujeitos produziram um vídeo sobre violência e publicaram na página do *Facebook*, conforme relatado anteriormente neste trabalho. Esta ação impulsionou os demais participantes que juntos construíram outros roteiros, para produção de novos vídeos.

> Após a divulgação do vídeo produzido por alguns alunos, outros demonstraram interesse em postar suas produções, o que não foi concretizado devido ao encerramento do ano letivo, ficando a referida ação para o início da execução do projeto em 2018 (O10).

Assim, os participantes apresentaram o desejo de produzir conhecimento e difundir na rede e essa produção foi precedida de planejamento, pesquisa, discussão e muita colaboração para a concretização dos seus objetivos, o que contribuiu significativamente para suas formações.

Lucena destaca que esses sujeitos em desenvolvimento “são jovens que [...] aprenderam, com as tecnologias e as redes, a interagir, a produzir e a publicar”. (LUCENA, 2016, p.278).

Com isso, as redes sociais digitais formam um novo cenário para aprender a aprender e aprender com o outro (MATOS; FERREIRA, 2014), ressignificando as possibilidades de construir o conhecimento, em um contexto potencializado pela existência das redes e pelo desenvolvimento de uma aprendizagem em rede.

São inúmeras possibilidades e seria uma armadilha tentar descrever todas, pois a dinamicidade na ampliação das funcionalidades do *Facebook* é marcante, assim como se reconhece na pesquisa que os sujeitos em contato com esses recursos adotam uma postura de ressignificação, criando e recriando novas formas de interagir com eles e fazendo emergir várias formas de utilização em contextos de aprendizagem.

Vale salientar que alguns desafios são encontrados no processo de desenvolvimento de práticas educativas no *Facebook*, envolvendo, dentre outras coisas, os sujeitos envolvidos no processo, os equipamentos utilizados e as concepções de educação.

Um dos desafios encontrados é o abismo existente entre a realidade vivenciada pelos sujeitos nas instituições formativas e fora destas, no quesito uso de dispositivos tecnológicos móveis.

Geralmente essas instituições não permitem o uso fora dos horários de intervalo entre as aulas e em casa os participantes têm acesso autorizado por seus familiares, conforme as unidades de sentido abaixo explicitam:

> Em casa o uso é livre. Na escola, só no intervalo. (A1.9)
>
> Em minha casa eu tenho acesso à internet e posso usar meu celular. Na escola nós podemos acessar o celular no intervalo, mas não temos a internet para poder entrar no *Facebook* ou em outra rede social, a não ser com a nossa própria internet (A2.11).
>
> Em casa eu posso. Na escola só no intervalo e depois quando sai. Na escola não tem acesso à internet disponível para os alunos, só pela internet do próprio aluno (A11.7).
> Lá em casa o acesso é livre, meus pais falam que eu tenho que saber que tem hora para tudo, que primeiro tem que fazer as coisas em casa para depois usar a internet (A2.12).
>
> Nas referidas escolas a utilização de dispositivos móveis conectados só é permitida nos intervalos das aulas, momento nos quais era possível visualizar os alunos portando os seus *smartphones* e *tablets*, imersos no mundo digital (O11).

Essa proibição foi ratificada pelas gestoras das escolas participantes:

> A gestão tem que se impor com os meninos porque se a gente deixar eles vão ficar nas redes sociais o tempo todo (G1.5).
>
> Nós orientamos os alunos para não usarem durante as aulas, mas durante o intervalo pode (G2.6)
>
> Os professores são orientados a não permitirem o uso na sala de aula, a não ser para alguma atividade da aula, que nós até liberamos o acesso a internet da escola nessa situação, fora isso não pode (G3.5).

Mesmo com essa proibição, os discentes continuam utilizando os seus dispositivos tecnológicos durantes as aulas:

> Não podemos usar, mas infelizmente essa regra é quebrada, não só por mim, mas pela maioria dos alunos (A3.9).
>
> Quantas vezes eu chego à sala e o professor está fazendo alguma coisa no quadro e o menino está com a cabeça baixa no celular. Por isso que na aula tem restrição, mas que não é obedecido 100%. Mas no intervalo eles podem (G1.6).

Torna-se evidente que a utilização do *Facebook* em ações educativas deve ser precedida de uma sensibilização dos sujeitos em formação para o uso que atenda aos objetivos propostos.

Os alunos do Projeto “PM e Escolas na Corrente do Bem” nunca tinham participado de atividades educativas no *Facebook*, somente uma das escolas realizou uma atividade de curtir fotos em sua página, promovida pelo Professor de Educação Física:

> A escola tem uma página, mas não tem atividades educativas. Nós postamos fotos, eventos e os alunos curtem, comentam (G1.7).
>
> Não participei, só a do projeto (A1.10)
>
> Não, foi à primeira vez, nenhum professor tinha feito uma atividade no *Facebook* antes (A2.13).
>
> Participei de uma atividade da gincana para curtir umas fotos (A7).
>
> Sim, participei de uma atividade na gincana da escola (A8.14).
>
> Nós interagimos muito na página da escola, publicamos as fotos dos eventos, os marcamos, colocamos na capa da página ou no perfil com trocas periódicas e isso estimula o acesso e a participação (G2.7).
>
> Foi uma coisa que a gente só tinha participado na gincana e depois não. Eu queria que os professores usassem o *Facebook* (A10.10).

Essas unidades de sentidos selecionadas evidenciam a falta de reconhecimento do potencial educativo do *Facebook* pelos responsáveis pela formação, o que se constitui em um desafio para a realização de práticas formativas na referida plataforma.

As diretoras das escolas pesquisadas pontuaram a utilização do *Facebook* apenas para divulgar informações e fotos dos eventos realizados pela instituição. Geralmente isso ocorre porque o *Facebook* transmite uma ideia de informalidade e boa parte dos educadores não vislumbram o seu potencial educativo.

Ao contrário de muitos educadores, muitos alunos demonstraram reconhecer o potencial do *Facebook* para a educação, o que pôde ser observado a partir das sugestões apresentadas e na unidade de sentido referente ao adolescente A12:

> Em história nós fizemos um trabalho sobre Capitalismo em grupo e o colega postou um vídeo sobre o assunto no *Face*, marcou todo mundo e compartilhou. Eu até entendi mais sobre o Capitalismo. Eu aprendi mais no *Face*. Fizemos tipo um debate nos comentários e foi melhor o assunto estar no *Face*, facilitou o acesso(A12.5).

Alguns educadores reconhecem o potencial educativo, mas sentem receio em utilizar a plataforma em atividades educativas:

> Eu estava conversando com a professora que a escola hoje não é o único lugar que a criança aprende, ela aprende em toda a parte, o que temos que ver é o que ele aprende. Nas redes sociais é a mesma coisa, por isso a escola precisa saber administrar isso, mas nós ainda temos essa dificuldade, porque somos de outra geração. Falar de rede social com aluno tem que ir com muito cuidado, porque você vai com algo e eles trazem algo muito maior para nós. É a geração deles, da tecnologia. Eles são dessa época e nós somos da época da carta. Eu ainda estou aprendendo, caminhando e tenho adolescentes em casa que é o tempo todo conectado (G1.8).
>
> Em conversas informais alguns discentes relataram que reconhecem que os alunos dominam mais do que eles as plataformas de comunicação em rede e as funções apresentadas por estas (O12).
>
> Eu gosto muito de ações no *Facebook* e eles e os pais também, porque ficam sabendo através das redes sociais o que é que os alunos estão fazendo na escola e podem monitorar, mas ainda não estamos prontos para esse uso em atividades educativas (G3.6).

Torna-se evidente a necessidade de investimento na formação de educadores para a utilização do *Facebook* em práticas formativas, além da adoção de uma concepção de educação mais confluente com a realidade contemporânea, rompendo com a ideia do professor transmissor do conhecimento (FREIRE, 1996), pois “trabalhar com as culturas digitais [...] é pensar nesse novo sujeito, praticante cultural que pensa, produz saberes e compartilha opiniões, conteúdos e informações nas redes” (LUCENA, 2016, p. 288).

Outro desafio encontrado foi à falta de acesso à internet nas escolas para a realização de atividades no *Facebook*:

> Aqui na escola não tem internet, só pelo crédito do celular (A1.11)
>
> Nós podemos acessar o celular no intervalo, mas na escola não temos a internet (A2.14).
>
> Eu trago o celular para a escola, mas fico sem acesso a internet (A5.6).
>
> Aqui na escola não tem internet, só para os professores. Em casa eu tenho *wi-fi* (A6.11).
>
> Ficou evidenciado o interesse dos sujeitos sociais pelas ações desenvolvidas na página e o seu envolvimento nas atividades propostas, porém em alguns momentos foi observada a dificuldade de acesso à internet nas instituições escolares, tanto em virtude do sinal de internet não ser muito bom nas localidades atendidas pelo projeto, quanto em virtude da internet não estar disponível para os alunos (O13).

Com isso, apresentamos os desafios para a utilização do *Facebook* em atividades educativas evidenciados no período de desenvolvimento da pesquisa, mas vale salientar que existem outros, que assim como os apresentados podem ser minimizados através de uma gestão eficiente do processo.

Em suma, entre os dados analisados referentes à categoria 02, vale destacar que o número crescente de usuários do Facebook facilita o desenvolvimento de atividades educativas nessa plataforma de comunicação em rede, ampliam os espaços de discussão e interação social e favorecem a realização de atividades que promovam a reflexão, sobretudo devido a possibilidade de acesso a opinião de outros sujeitos em formação e a participação em atividades colaborativas. Dentre os desafios evidenciam-se a dificuldade de acesso a Internet, a proibição do uso de dispositivos móveis nas escolas e a necessidade de formação continuadas de profissionais da educação.

Após a apresentação da análise dos dados e a sua interpretação, abordaremos no próximo capítulo as considerações finais em relação a presente pesquisa.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Chegar às considerações finais de uma dissertação é ao mesmo tempo encerrar um ciclo e estender o olhar para o horizonte a fim de contemplar novas inquietações, na busca constante por contribuições para o desenvolvimento do processo de formação humana.

Assim, o presente estudo analisou o potencial da plataforma de comunicação em rede *Facebook* para a construção e difusão do conhecimento, a partir das ações desenvolvidas no âmbito do Projeto “PM e Escolas na Corrente do Bem”, realizado pela 53ª CIPM, no município de Mata de São João.

Para alcançar esse objetivo foi realizada uma pesquisa participante, cujos dados foram coletados a partir de entrevistas semiestruturadas e de observações participantes tanto nas escolas que são atendidas pelo referido projeto, quanto na página deste no *Facebook*.

Com o intuito de compreender o objeto de estudo iniciou-se por uma construção teórica acerca do fenômeno estudado, para em seguida entrelaçar esses fundamentos conceituais com os dados empíricos na construção de metatextos compostos por descrições e interpretações que auxiliaram a responder o problema de pesquisa: em que medida o potencial da plataforma de comunicação em rede *Facebook* contribui para a construção e difusão do conhecimento?

A resposta ao problema de pesquisa não envolve indicadores matemáticos ou estatísticos, mas refletem o resultado de uma avaliação processual possibilitada pela análise do potencial do *Facebook* para a construção e difusão do conhecimento, a partir das ações educativas na página do projeto naquela plataforma.

Assim, após a análise desse potencial do *Facebook*, verificou-se que este pode contribuir para a construção e difusão do conhecimento na medida em que a sua utilização esteja voltada para a promoção da interação dos participantes, para a realização de atividades colaborativas que estimulem a reflexão dos sujeitos em relação aos conteúdos formativos disponibilizados naquela plataforma, que incentivem a produção do conhecimento e a sua difusão, assim como fomentem a autonomia nesse processo, considerando as limitações e as possibilidades próprias desse contexto.

Vale ratificar o posicionamento de que o *Facebook* não é considerado nesta pesquisa como uma solução para os problemas enfrentados no campo educacional, mas se constitui em uma plataforma com potencial de contribuição para a realização de práticas educativas.

O estudo apresentou algumas limitações. Uma delas é particular desta pesquisa e se refere ao receio de uma parte dos participantes em acessar uma página referente a um projeto da Polícia Militar e a exposição que isso poderia provocar em relação a infratores penais. Esse fator provocou um atraso no desenvolvimento das ações do projeto no *Facebook*, demandando um trabalho de sensibilização dos participantes para o potencial educativo da plataforma e a adoção de estratégias voltadas para a participação com segurança desses sujeitos.

A partir dessa sensibilização, os participantes passaram a acessar a página, sendo que alguns, como forma de segurança, não deixaram marcas desse acesso, o que refletiu no contraste observado em relação ao reduzido número de comentários, curtidas e compartilhamentos de conteúdos e o número relevante de pessoas alcançadas. Vale salientar que mesmo sendo em quantidade reduzida, os comentários foram citados pelos participantes como potencializadores da aprendizagem.

Outra limitação comum em trabalhos relacionados a plataformas de comunicação em rede refere-se à dinamicidade de alterações e de surgimento de novas funcionalidades, promovendo mudanças por vezes significativas em um curto tempo, que podem influenciar nos resultados da pesquisa.

Assim, após a apresentação das limitações, vale salientar que ao término desta pesquisa, pode-se afirmar que os objetivos foram alcançados. O geral foi atendido através da busca aos objetivos específicos, cujos alcances se deram da forma a seguir explanada.

Em relação ao primeiro objetivo: identificar o potencial educativo do *Facebook* para a construção e difusão do conhecimento em ações de formação para a cidadania e prevenção a violência, a partir da execução do Projeto “PM e Escolas na Corrente do Bem”, o seu alcance pode ser observado na construção do metatexto referente à primeira categoria.

Assim, foi possível identificar que o *Facebook* tem um potencial de contribuição para a construção e difusão do conhecimento, em virtude de fazer parte do cotidiano de um número crescente de sujeitos que vivem imersos nas interfaces

de seus dispositivos móveis conectados, possibilitando a constituição de tessituras sociais contemporâneas compostas de usuários que podem construir colaborativamente, através de uma visão compartilhada do objeto do conhecimento, mesmo que os posicionamentos em relação a este sejam distintos.

Além disso, o *Facebook* facilita a difusão do conhecimento, tem o potencial de promover a interação social – que pode ser estendida para fora do mundo digital -, estimula a autonomia dos sujeitos que nesse espaço constroem suas rotas e participam diretamente do fluxo de conteúdos, que geralmente extrapolam para a realidade física vivenciada pelos usuários.

O acesso a qualquer hora possibilita tanto que os sujeitos vejam os conteúdos educativos nos momentos em que tiverem disponibilidade ou que sentirem necessidade, quanto que possam também produzir conhecimento e compartilhar através da rede.

Nesse processo pautado pela possibilidade de desenvolvimento da autonomia, autoria, interação, produção, compartilhamento, reflexão e aproximação dos sujeitos, o *Facebook* evidencia o seu potencial para a construção e difusão do conhecimento, que não se limita ao que foi exposto, pois a cada dia as funcionalidades da plataforma são remodeladas e ampliadas e, no contato com os sujeitos sociais, são ressignificadas e renovadas, em um movimento dinâmico próprio da contemporaneidade.

Em relação ao segundo objetivo: verificar de que maneira os adolescentes se apropriam dos conteúdos formativos disponibilizados no *Facebook* em processos de construção e difusão do conhecimento na rede, o seu alcance foi evidenciado no metatexto construído na categoria 2, no qual está exposto que os sujeitos se apropriaram do material educativo publicado na página do projeto e a partir dai adotaram diversas posturas.

Nesse sentido, foi possível verificar que no *Facebook* os sujeitos podem recepcionar com agilidade os conteúdos que circulam em rede e fazem isso de acordo com o seu interesse e escolhendo os conteúdos que despertam a sua atenção, interferindo assim diretamente no fluxo desses materiais.

Com isso, os sujeitos pesquisados, após se apropriarem dos conteúdos formativos publicados na página do projeto, participaram de forma mais ativa das discussões nos encontros presencias, além de terem difundido o conhecimento

construído, sendo que alguns fizeram isso no espaço *on-line* e também fora do ciberespaço.

É possível observar também que os adolescentes se apropriam de conteúdos formativos no *Facebook* e adotam novas posturas diante de algumas situações que envolvem o conhecimento construído, demonstrando assim a aprendizagem. Além disso, os sujeitos se apropriam dos conteúdos, ampliam suas pesquisas em relação às temáticas e a partir disso podem trazer novos elementos para a discussão ou produzir novos conhecimentos e difundir na rede, como foi o caso do vídeo produzido por participantes do projeto e publicado na página do *Facebook*.

Diante do exposto, tornam-se evidentes algumas formas de apropriação dos conteúdos formativos no *Facebook*, apresentadas pelos sujeitos pesquisados, mas vale salientar que outras formas podem ser evidenciadas na execução de práticas educativas na plataforma.

Quanto ao terceiro objetivo: identificar as possibilidades e os desafios para a utilização do *Facebook* em um contexto de formação para a cidadania e prevenção a violência, este também foi alcançado e esmiuçado no metatexto construído na categoria 3.

Na pesquisa foi evidenciado que o número crescente de dispositivos móveis conectados a internet, utilizados pelos sujeitos em formação, facilita a execução de práticas formativas no *Facebook*, assim como a experiência desses sujeitos em relação ao uso desta plataforma também é um fator que beneficia esse processo.

Foram evidenciadas nesta pesquisa inúmeras possibilidades de uso do *Facebook* em atividades educativas, algumas inclusive sugeridas pelos sujeitos em formação. Dentre elas é possível citar a realização de atividades que promovam a reflexão dos participantes, sobretudo que envolvam a interação entre os sujeitos, que estimulem o trabalho colaborativo e a consequente necessidade de desenvolvimento do respeito ao posicionamento do outro, que muitas vezes é diferente, além da produção do conhecimento.

Foi evidenciado também que o *Facebook* possibilita a ampliação dos espaços de discussão, proporcionando um maior contato entre os sujeitos participantes de uma prática formativa e liberando esses sujeitos da restrição referente ao espaço, pois a interação pode existir mesmo entre indivíduos distribuídos em distintas localizações geográficas, integrando inclusive alunos de distintas escolas.

Conforme relatado anteriormente, às possibilidades são inúmeras e não se limitam às observadas na pesquisa, sobretudo devido à ampla gama de funcionalidades disponibilizadas no *Facebook* ou agregadas por seus usuários, em conjunto com a criatividade humana que faz emergir novas possibilidades.

Quanto aos desafios observados no desenvolvimento das práticas educativas do projeto no *Facebook* vale salientar a questão do receio inicial dos participantes em acessar uma página no *Facebook* relacionada à Polícia Militar, conforme foi supramencionado.

Outros desafios observados foram à dificuldade de acesso à internet nas escolas participantes do projeto e a distração provocada pelo *Facebook*, que por vezes desviava o foco das ações educativas.

Outros desafios evidenciados na pesquisa, mas que não foram observados na execução do projeto em si: o receio de educadores em participar de ações educativas em plataformas de comunicação em rede, por alegarem que os alunos têm um maior domínio das tecnologias digitais da informação e comunicação e o desconhecimento do potencial educativo do *Facebook*.

Assim, o presente trabalho se encerra na escrita, porém ele suscitou o desejo por novas investigações em relação ao imbricamento das tessituras sociais digitais - construídas no *Facebook* ou em outra plataforma – e a educação.

REFERÊNCIAS

AMANTE,Lucia. Facebook e novas sociabilidades: contributos da investigação. In: PORTO, C., and SANTOS, E., orgs. ***Facebook* e educação: publicar, curtir, compartilhar [*on-line*].** Campina Grande: EDUEPB, 2014, p. 27-46.

BAHIA. **Constituição do Estado da Bahia**. Salvador: Assembléia Legislativa do Estado da Bahia, 1989.

BAHIA. Decreto nº 8309/02, de 16 de setembro de 2002. **Dispõe sobre a criação da 53ª Companhia Independente da Polícia Militar da Bahia**. Disponível em <https://governo-ba.jusbrasil.com.br/legislacao/77994/decreto-8309-0.2>. Acesso em 12 fev 2017.

BAHIA. Lei n.º 12.357, de 26 de setembro de 2011. Institui o Sistema de Defesa Social, o Programa Pacto pela Vida, e dá outras providências. **Diário Oficial do Estado**, Salvador, 26 set. 2011. Disponível em <http://www.jusbrasil.com.br/legislacao/1030503/lei-12371-11-bahia-ba>. Acessado em: 14 de maio de 2016.

BAHIA. Lei nº 13201, de 09 de dezembro de 2014. **Reorganiza A Polícia Militar da Bahia, Dispõe Sobre O Seu Efetivo e Dá Outras Providências**. Disponível em: <http://www.aopmba.com.br/lob>. Acesso em: 05 set. 2016.

BEHRENS, M.A. **Novas Tecnologias e Mediação Pedagógica**. ed. 12. São Paulo: Papirus, 2005. p. 67-132.

BERMAN, Marshall. **Tudo que é sólido se desmancha no ar**: A aventura da Modernidade. São Paulo: Companhia das Letras, 1986.

BOGDAN, R. BIKLEN, S. **Investigação qualitativa em educação**. Uma introdução à teoria e aos métodos. Porto: Porto Editora, 1994.

BRANDÃO, C. R. **Pesquisa participante**. São Paulo: Brasiliense, 1985.

BRASIL. Constituição (1988). **Constituição da República Federativa do Brasil.** Brasília, DF: Senado, 1988.

BRASIL. **Estatuto da criança e do adolescente**: Lei federal nº 8069, de 13 de julho de 1990. Rio de Janeiro: Imprensa Oficial, 2002.

BURKE, J.; ORNSTEIN, Robert. **O presente do fazedor de machados**: os dois gumes da história da cultura humana. Tradução Pedro Jorgensen Jr. 2. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2010.

CASTELLS, M.. **A galáxia da internet**: reflexões sobre a internet, os negócios e a sociedade. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 2003.

CASTORIADIS, Cornelius. **As encruzilhadas do Labirinto**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987, 235-263.

CGI. **Pesquisa sobre o uso das TIC no Brasil – TIC Domicílio 2016**. São Paulo. Comitê Gestor da Internet no Brasil, 2016. Disponível em <https://www.cgi.br/publicacao/pesquisa-sobre-o-uso-das-tecnologias-de-informacao-e-comunicacao-nos-domicilios-brasileiros-tic-domicilios-2016/ > Acesso em 05 mar 2018

COUTO, Edvaldo. **Educação e Teoria Ator-Rede**: fluxos heterogêneos e conexões híbridas. Ilhéus: Editora da UESC, 2016.

FLICK, Uwe. **Introdução à pesquisa qualitativa**. Tradução Joice Elias Costa. 3 ed. Porto Alegre: Artmed, 2009.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996. (Coleção Leitura)

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. (1983). 13.ed. Ruo de Janeiro, Paz e Terra. (Coleção O Mundo, Hoje,v.21).

GARCIA, Rosângela Silveira. **Rede Social na internet como espaço da nova cultura de aprendizagem**. TRILHA DIGITAL, V. 2, N. 1 – P. 139-145, 2014.

GHEDIN, Evandro. **Hermenêutica e pesquisa em educação**: caminhos da investigação interpretativa. In: Seminário Internacional de Pesquisa e Estudos Qualitativos, 2004, Bauru. Anais do Seminário Internacional de Pesquisa e Estudos Qualitativos. Bauru: EDUSC, 2004. v. Único.

GIDDENS, Anthony. **As consequências da modernidade**. Tradução de Raul Fiker. São Paulo: Editora Unesp, 1991.

IBGE**. Acesso à internet e à televisão e posse de telefone móvel celular para uso pessoal: 2015.** Rio de Janeiro: IBGE, 2016.

IBGE. **Cidades**. Rio de Janeiro: IBGE, 2016. Disponível em http://cidades.ibge.gov.br/v4/brasil/ba/mata-de-sao-joao/panorama. Acesso em 13 de maio de 2017.

INEP. **Censo Escolar 2015**. Brasília: MEC, 2015.

KEEN, A. **Vertigem digital**. Rio de Janeiro: Zahar, 2012

KENSKI, Vani Moreira. **Educação e tecnologias**: o novo ritmo da informação. 8ª ed. Campinas, SP: Papirus, 2012.

LÉVY, Pierre. **As tecnologias da inteligência**: o futuro do pensamento na era da Informática. Rio de Janeiro: ED. 34, 1993.

LIBÂNEO, José Carlos. **Adeus professor, Adeus professora?** Novas tecnologias educacionais e profissão docente. / José Carlos Libâneo, 4.ed. – São Paulo: Cortez, 2011 – (Coleção Questão da Nossa Época; v.2)

LIBÂNEO, José Carlos. **Didática**: Velhos e novos temas temas. Goiânia: edição do autor, 2002.

LIMA JR, Arnaud S. de. **Tecnologias Inteligentes e Educação: Currículo Hipertextual.** Rio de Janeiro: Quartet, 2005.

LUCENA, Simone. . Culturas digitais e tecnologias móveis na educação. **Educar em Revista.** p. 277-290, 2016.

MACEDO, Roberto Sidnei. Outras luzes: um rigor intercrítico para uma etnopesquisa política. In MACEDO, R.S. GALEFFI, D. PIMENTEL,A. **Um rigor outro**: sobre a questão da qualidade na pesquisa qualitativa. Salvador: EDUFBA, 2009.

MAGRIN, Diego Henrique. A Utilização do Facebook como Ferramenta Alternativa de Ensino-Aprendizagem. **Revista Gestão Universitária**. Ed. 314. 2013.

MARTINO, L.M.S. **Teoria das Mídias Digitais**: linguagens, ambientes, redes. Petrópolis, RJ: Vozes, 2015.

MATOS, E.L.M. FERREIRA, J.L. A utilização da rede social *Facebook* no processo de ensino e aprendizagem na universidade. In: PORTO, C., and SANTOS, E., orgs. **Facebook e educação: publicar, curtir, compartilhar *[on-line*]**. Campina Grande: EDUEPB, 2014, p. 387-402

MORAES, R. GALIAZZI, M. **Análise Textual Discursiva**. Ijuí: Editora Unijuí, 2016.

MOREIRA, J.A. JANUÁRIO, S. Redes sociais e educação: reflexões acerca do *Facebook* enquanto espaço de aprendizagem. In: PORTO, C., and SANTOS, E., orgs. ***Facebook* e educação: publicar, curtir, compartilhar [*on-line*].** Campina Grande: EDUEPB, 2014, p. 67-84.

MORIN, Edgar. **Os sete saberes necessários à Educação do Futuro**. Tradução Catarina Eleonora F. da Silva e Jeanne Sawaya. São Paulo:Cortez; Brasília, DF: UNESCO, 2002.

NASCIMENTO, A.D. HETKOWSKI, T.M., orgs. **Educação e contemporaneidade**: pesquisas científicas e tecnológicas [*on-line*]. Salvador: EDUFBA, 2009.

PMBA. Portaria n.º 37-CG/2017, de 29 de março de 2017. **Dispõe sobre aprovação do Plano Estratégico da Polícia Militar da Bahia 2017- 2025**. Salvador, BA.

RECUERO, R. BASTOS, M. ZAGO, G. **Análise de redes para mídia social**. Porto Alegre: Sulina, 2015.

RECUERO, Raquel. **Redes Sociais na Internet**. Porto Alegre: Sulina, 2009.

RICHARDSON, Roberto Jarry. **Pesquisa Social:** métodos e técnicas. São Paulo: Atlas, 1985.

SALES, M.V.S. NONATO, E. R. S. Tecnologias, construção do conhecimento e processos formativos em rede. In: V Seminário Web Currículo, 2017, São Paulo. **Anais do V Seminário Web Currículo, 2017**. v. 1. Disponível em <http://www.pucsp.br/webcurriculo/anais.html>. Acesso em 22 fev 2018.

SANDIN ESTEBAN, M. P. **Pesquisa qualitativa em educação**: fundamentos e tradições. Porto Alegre: Artmed, 2010.

SANTAELLA, Lúcia. **A ecologia pluralista da comunicação**: conectividade, mobilidade, ubiquidade. São Paulo: Paulus, 2010.

SANTAELLA, Lúcia. **Comunicação ubíqua: Repercussões na cultura e na educação**. São Paulo: Paulus, 2013.

SANTAELLA, Lúcia. **Linguagens líquidas na era da mobilidade**. São Paulo : Paulus, 2007.

SANTANA, Bruno. ROVAI, Renato. O Facebook vai mudar, mas o que muda de verdade? **Revista Fórum** [on-line], Santos: Publisher Brasil, jan. 2018. Disponível em https://www.revistaforum.com.br/o-facebook-vai-mudar-de-novo-mas-o-que-muda-de-verdade/ Acesso em 28 jan. 2018.

SANTANA, Camila. **Visibilidade mediada**: estratégias e ações docentes no Twitter. Salvador, 2014. 257f. Tese (Doutorado em Educação) – UFBA, 2014.

SANTINELLO, J. VERSUTI, A. Facebook: conectividade e reflexões da rede social para o contexto social do século XXI. In: PORTO, C., and SANTOS, E., orgs. ***Facebook* e educação: publicar, curtir, compartilhar [*on-line*].** Campina Grande: EDUEPB, 2014, pp. 185-197.

SANTOS, Edméa. Ambientes virtuais de aprendizagem: por autorias livres, plurais e gratuitas. In: **Revista FAEBA**, v. 12 n. 18. 2003. Disponível em: <http://www.comunidadesvirtuais.pro.br/hipertexto/home/ava.pdf> Acesso em 14 jan.2017.

SANTOS, Edmea. A mobilidade cibercultural: cotidianos na interface educação e comunicação. In: BONILLA, Maria Helena; PRETTO, Nelson de Luca. **Movimentos colaborativos, tecnologias digitais e educação** (orgs.) Em Aberto, Brasília, v. 28, n. 94, p. 1-240, jul./dez. 2015

SANTOS, Rosemary. SANTOS, Edméa. Cibercultura: Redes Educativas e Práticas Cotidianas. In: **Revista Pesquisaeduca,** v. 04, n. 07, p. 159-183, jan.-jul. 2012.

SERPA, Luís Felipe. **Ciência e Historicidade**. Salvador: EDUFBA, 1991.

SEVERINO, Antônio. **Metodologia do trabalho científico**. 23. ed. rev. e atual. São Paulo: Cortez, 2007.

SIBILIA, Paula. **Redes ou paredes**: a escola em tempos de dispersão. Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Contraponto, 2012.

TROJANOWICZ, R.; BUCQUEROUX, B. **Policiamento Comunitário: como começar**. Tradução Mina Seinfeld de Carakushansky. Rio de Janeiro: Polícia Militar do Estado do Rio de Janeiro, Editora Parma, 1994.

VIANNA, Heraldo Marelim. **Pesquisa em Educação: a observação**. Brasília: Plano Editora, 2003.

ANEXO

ANEXO A: PROJETO PM E ESCOLAS NA CORRENTE DO BEM

POLÍCIA MILITAR DA BAHIA
COMANDO DE POLICIAMENTO DA REGIÃO METROPOLITANA
53ª CIPM/MATA DE SÃO JOÃO

PROJETO "PM E ESCOLAS NA CORRENTE DO BEM"

INTRODUÇÃO:

A Constituição da República Federativa do Brasil preconiza em seu Art. 144 que: "A segurança pública, dever do Estado, direito e responsabilidade de todos, é exercida para a preservação da ordem pública, e da incolumidade das pessoas e do patrimônio, através dos seguintes órgãos: [...] - § 5º - às polícias militares cabem a polícia ostensiva e a preservação da ordem pública [...].

Destarte, o dever constitucional da Polícia Militar abarca os deveres precípuos de prevenir o cometimento de delitos e adotar estratégias para promoção e preservação da paz social.

Nesta perspectiva, o Projeto "**PM E ESCOLAS NA CORRENTE DO BEM"** consiste em uma tentativa de aproximação dos profissionais lotados na 53ª Companhia Independente da Polícia Militar (53ª CIPM)-, localizada em Mata de São João, com a população matense, mediante um ciclo de atividades desenvolvidas com a comunidade escolar, sobretudo palestras com temas norteadores, oficinas e reuniões que subsidiarão um processo de conquista da confiança, construção da cidadania e prevenção ao crime e a violência.

O referido projeto está em consonância com a filosofia de Polícia Comunitária[16] e com as diretrizes do Programa Estatal Pacto Pela Vida, que é um

[16] Polícia Comunitária é uma filosofia e uma estratégia organizacional que proporciona uma nova parceria entre a população e a polícia, pra identificar, priorizar e resolver problemas contemporâneos, tais como: crime, drogas, medo do crime, desordens físicas e morais e, em geral, a decadência do

Programa do Governo do Estado da Bahia, criado pela Lei nº 12.357, de 26 de setembro de 2011, com o objetivo principal de promover a paz social, a partir da adoção de ações integradas dos órgãos estaduais de Segurança Pública.

Ressalta-se que a 53ª CIPM é uma Unidade Operacional da Polícia Militar da Bahia, componente da Área Integrada de Segurança Pública (AISP) 25, integrante da Região Integrada de Segurança Pública (RISP) da Região Metropolitana de Salvador (RMS).

Buscando confluir suas ações à filosofia de polícia comunitária e às diretrizes do Programa Estatal Pacto pela Vida, o projeto em questão tem como escopo principal:

- Desenvolver ações educacionais subsidiárias com a comunidade escolar matense, em um processo de construção da cidadania e prevenção ao crime.

Para o alcance do objetivo supracitado são propostos os seguintes objetivos específicos:

- Aproximar os policiais militares lotados na 53ª CIPM da comunidade escolar;
- Identificar propensos conflitos e potenciais infratores;
- Promover uma educação preventiva ao cometimento de delitos e a violência entre discentes, voltada também para a construção da cidadania.

1. JUSTIFICATIVA

Um percentual significativo das crianças, jovens e adolescentes (a maioria) residentes em Mata de São João frequentam, frequentaram ou frequentarão as escolas da rede municipal e estadual localizadas em território matense. Certamente os diversos problemas familiares e de vizinhança perpassam pelas escolas, em virtude da maioria de seus atores serem componentes da comunidade escolar.

Ademais é positivado pelo Estado e tido como senso comum pela sociedade que as escolas exercem um papel fundamental no fomento à educação e à cidadania, representando, desta forma, um ambiente propício para o desenvolvimento de projetos direcionados a construção de uma cultura de paz e não violência.

---

bairro, com o objetivo de melhorar a qualidade geral da vida na área. (TROJANOWICZ E BUCQUEROUX, 1994).

Através de um trabalho direcionado aos alunos e aos profissionais que laboram nas escolas será possível alcançar os pais, responsáveis, familiares dos discentes e suas redes de amigos, o que permitirá o desenvolvimento de atividades coerentes à construção da cidadania e a mediação de conflitos entre componentes voluntários.

Entende-se por conflitos desentendimentos, divergências entre pessoas - sejam vizinhos, familiares ou alunos – que não são tipificadas como crime. Um trabalho de mediação entre os envolvidos, sendo voluntários e acompanhados pelos responsáveis, poderá promover a prevenção ao crime e a resolução pacífica da questão conflituosa.

Ressalta-se que os profissionais designados para as ações deste Projeto são Oficiais e Praças lotados na 53ª CIPM que laboraram dentro de suas cargas horárias semanais e que possuem qualificação acadêmica para tais atividades.

2. METODOLOGIA

O presente projeto delinear-se-á da seguinte maneira:

1. Ciclo de palestras nas escolas estaduais e municipais em território matense: Com temas voltados para a construção da cidadania e a promoção de uma cultura de paz, cada palestra, com duração de 1h, será ministrada por policiais militares da 53ª CIPM, seguindo um cronograma construído em conjunto com a comunidade escolar.

TEMAS DAS PALESTRAS:

- Cidadania;
- Prevenção ao cometimento de crimes/atos infracionais;
- Prevenção ao tráfico e ao uso de entorpecentes;
- Prevenção à violência entre jovens;
- Prevenção ao suicídio;
- Uso responsável de Tecnologias da Informação e Comunicação;
- Promoção de uma cultura de paz.

2. Ciclo de oficinas com os discentes participantes do projeto:

Com o objetivo de fomentar uma reflexão acerca dos temas norteadores, serão realizadas oficinas, por oficiais e praças lotados na 53ª CIPM, voltadas para produções, que serão apresentadas no momento da culminância do projeto.

PRODUÇÕES A SEREM REALIZADAS NAS OFICINAS:

- Documentário com um dos temas trabalhados nas palestras;
- Peça de teatro sobre prevenção ao uso de drogas;
- Produção de poemas;
- Composição de música sobre um dos temas trabalhados.

3. Ciclo de reuniões nas escolas estaduais e municipais em território matense:
   As reuniões serão desenvolvidas com diretores, coordenadores professores, pais e responsáveis, e Oficiais e Praças lotados na 53ª CIPM objetivando avaliar as ações desenvolvidas e proporcionar reflexões sobre temas norteadores aos pais e responsáveis.

4. Participação na página do projeto no *site* de rede social *Facebook*:
   Nesta página os participantes do projeto terão acesso a um ambiente *on-line* para compartilharem informações, construírem textos colaborativos acerca dos temas abordados nas palestras e oficinas, trocarem experiências e discutirem acerca dos assuntos propostos pelos coordenadores do projeto ou levantados pelos próprios discentes, com o intuito de potencializar as ações preventivas e atingir as redes de amigos dos participantes da página.

3. COMISSÃO DE POLICIAIS MILITARES PARTICIPANTES DO PROJETO:

Policiais Militares lotados na 53ª CIPM, voluntários para a participação no presente projeto.

4. CRONOGRAMA PARA 2017:

MESES/ATIVIDADE	PALESTRAS	OFICINAS	REUNIÕES
ABRIL			**X**
MAIO	**X**	**X**	**X**
JULHO	**X**	**X**	
AGOSTO	**X**	**X**	
SETEMBRO	**X**	**X**	
OUTUBRO	**X**	**X**	**X**

Observação: A relação de escolas atendidas e o cronograma detalhado das atividades serão explicitados em documento anexo.

HILTON TEIXEIRA DOS REIS – **MAJ PM**
COMANDANTE

APÊNDICES

APÊNDICE A: ROTEIRO DE OBSERVAÇÃO PARTICIPANTE

UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO/CAMPUS I
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO E CONTEMPORANEIDADE

ROTEIRO DE OBSERVAÇÃO PARTICIPANTE

Este roteiro de observação visa subsidiar a dissertação de Mestrado que tem como título “O potencial das redes sociais digitais para a construção e difusão do conhecimento”. A pesquisa está vinculada ao Programa de Pós Graduação em Educação e Contemporaneidade da Universidade do estado da Bahia (UNEB). O trabalho objetiva analisar o potencial da plataforma de comunicação em rede *Facebook* para a construção e difusão do conhecimento, a partir das ações desenvolvidas no âmbito do Projeto “PM e Escolas na Corrente do Bem”. Foi adotada como metodologia a Pesquisa Participante.

- Observar a motivação dos alunos para participarem das atividades na página do projeto e das presenciais;
- Comportamento apresentado pelos participantes do projeto, tanto durante a realização das palestras e oficinas, quanto nas rondas realizadas na escola e em seu entorno, a fim de identificar possíveis mudanças comportamentais;
- Observar o contexto em que se desenvolvem as ações formativas do projeto;
- Observar se os alunos que participam das discussões presenciais também interagem na página do projeto no *Facebook*;
- Interação PM e Escolas a partir da realização do projeto;
- A utilização de dispositivos móveis no ambiente escolar por alunos e professores;
- O acesso a redes sociais digitais no ambiente escolar;

- Perfil dos alunos que participam das ações na página no *Facebook*;
- Se os participantes estão curtindo, compartilhando e comentando as publicações na página do projeto;
- Se os participantes estão indicando sites com material sobre as temáticas discutidas;
- Frequência de participação na página: dos alunos, professores e dos policiais.

APÊNDICE B: ROTEIRO DE ENTREVISTA COM GESTORES DAS ESCOLAS

UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO/CAMPUS I
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO E CONTEMPORANEIDADE

ROTEIRO DE ENTREVISTA COM GESTORES

Este roteiro de entrevista visa subsidiar a dissertação de Mestrado que tem como título “O potencial das redes sociais digitais para a construção e difusão do conhecimento”. A pesquisa está vinculada ao Programa de Pós Graduação em Educação e Contemporaneidade da Universidade do estado da Bahia (UNEB). O trabalho objetiva analisar o potencial da plataforma de comunicação em rede *Facebook* para a construção e difusão do conhecimento, a partir das ações desenvolvidas no âmbito do Projeto “PM e Escolas na Corrente do Bem”. Foi adotada como metodologia a Pesquisa Participante.

1- Percebeu alguma mudança comportamental nos alunos a partir da participação dos mesmos no Projeto “PM e Escolas na Corrente do Bem”?
2- Considera que houve uma maior aproximação da Polícia Militar com a Escola a partir da realização do projeto? Por quê?
3- Os alunos expõem nas aulas algum conhecimento construído no projeto? De que forma?
4- Tem perfil no *Facebook*? Há quanto tempo?
5- Acessa o *Facebook* diariamente? Através de qual dispositivo tecnológico digital? Para que utiliza o *Facebook*?
6- Existe alguma restrição para a utilização de dispositivos móveis na escola?
7- Já utilizou o *Facebook* em alguma atividade escolar com seus alunos? Por quê e qual?

8- Interage com os alunos através do *Facebook*?
9- Você acessou a página do Projeto “PM e Escolas na Corrente do Bem” no *Facebook*? Por quê? O que motivou o acesso ou o não acesso?
10- Acessou todos os conteúdos disponibilizados? O que te motivou a isso?
11- Interagiu com os participantes do projeto no *Facebook*?
12- Compartilhou, curtiu ou comentou as publicações na página? O que te motivou a isso?
13- Compartilhou, curtiu ou comentou as publicações na página? O que te motivou a isso?
14- Como vê a utilização de uma página no *Facebook* para as ações educativas do projeto?
15- Faça uma avaliação da página do projeto no *Facebook*?
16- Sentiu alguma dificuldade de acessar a página? E os conteúdos?

APÊNDICE C: ROTEIRO DE ENTREVISTA COM ADOLESCENTES

UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO/CAMPUS I
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO E CONTEMPORANEIDADE

Mestrando: Ana Paula Mendes Marx
Orientador: Profª Drª Mary Valda Souza Sales

ROTEIRO DE ENTREVISTA COM ADOLESCENTES

Este roteiro de entrevista visa subsidiar a dissertação de Mestrado que tem como título “O potencial das redes sociais digitais para a construção e difusão do conhecimento”. A pesquisa está vinculada ao Programa de Pós Graduação em Educação e Contemporaneidade da Universidade do estado da Bahia (UNEB). O trabalho objetiva analisar o potencial da plataforma de comunicação em rede *Facebook* para a construção e difusão do conhecimento, a partir das ações desenvolvidas no âmbito do Projeto “PM e Escolas na Corrente do Bem”. Foi adotada como metodologia a Pesquisa Participante.

1- Tem perfil no *Facebook*? Há quanto tempo?
2- Acessa o Facebook diariamente? Através de qual dispositivo tecnológico?
3- Para que utiliza o *Facebook*?
4- Na escola você pode utilizar dispositivos móveis como celular e tablet? E em sua casa?
5- Já tinha participando antes de alguma atividade educativa no *Facebook*? Em caso positivo, qual?

6- Você acessou a página do Projeto “PM e Escolas na Corrente do Bem” no *Facebook*? Por quê? O que motivou o acesso ou o não acesso?
7- Sentiu-se mais motivado em acessar os materiais do projeto em virtude de estarem no *Facebook*?
8- Acessou todos os conteúdos disponibilizados? O que te motivou a isso? Quais conteúdos? Por quê?
9- O que você achou da página do projeto no *Facebook*? Modificou o seu interesse pelas temáticas discutidas nas palestras? Os conteúdos e temáticas apresentados na página do projeto no *Facebook* são interessantes? O que achou?
10- A página do projeto facilitou o seu aprendizado em relação aos temas abordados nas palestras? Por quê?
11- Interagiu com outros participantes do projeto no *Facebook*? O que lhe motivou a interagir?
12- Compartilhou, curtiu ou comentou as publicações na página? O que te motivou a isso?
13- Sentiu alguma dificuldade de acessar a página? E os conteúdos?

APÊNDICE D: ROTEIRO DE ENTEVISTA COM POLICIAIS MILITARES

UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO/CAMPUS I
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO E CONTEMPORANEIDADE

ROTEIRO DE ENTREVISTA COM POLICIAIS MILITARES

Este roteiro de entrevistas visa subsidiar a dissertação de Mestrado que tem como título “O potencial das redes sociais digitais para a construção e difusão do conhecimento”. A pesquisa está vinculada ao Programa de Pós Graduação em Educação e Contemporaneidade da Universidade do estado da Bahia (UNEB). O trabalho objetiva analisar o potencial da plataforma de comunicação em rede *Facebook* para a construção e difusão do conhecimento, a partir das ações desenvolvidas no âmbito do Projeto “PM e Escolas na Corrente do Bem”. Foi adotada como metodologia a Pesquisa Participante.

1- Durante as rondas policiais, na realização de visitas as escolas, percebeu alguma mudança comportamental nos alunos a partir da participação no Projeto “PM e Escolas na Corrente do Bem”?
2- Percebeu uma maior aproximação da Polícia Militar com a Escola a partir da realização do projeto e para o trabalho da PM com a comunidade?
3- Tem perfil no *Facebook*? Há quanto tempo?
4- Acessa o Facebook diariamente? Através de qual dispositivo tecnológico digital? Para que utiliza o *Facebook*?
5- Qual a sua opinião acerca da utilidade de uma página no *Facebook* para o projeto?
6- Você acessou a página do Projeto “PM e Escolas na Corrente do Bem” no *Facebook*? Por quê? O que motivou o acesso ou o não acesso?

7- Acessou todos os conteúdos disponibilizados? O que te motivou a isso?
8- Participa da seleção dos conteúdos a serem postados na página do *Facebook*? Em caso positivo, de que forma ocorre essa seleção e como se dá a sua participação?
9- Nos encontros presenciais os participantes do projeto comentavam acerca das publicações na página do projeto?
10- Acredita que a página no *Facebook* tenha contribuído para as discussões acerca dos temas abordados durante a realização das palestras?
11- Interagiu com os participantes do projeto no *Facebook*? Por quê e como?
12- Sentiu alguma dificuldade de acessar a página? E os conteúdos?

APÊNDICE E: TCLE- RESPONSÁVEL PELO MENOR

UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO/CAMPUS I
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO E CONTEMPORANEIDADE

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

ESTA PESQUISA SEGUIRÁ OS CRITÉRIOS DA ÉTICA EM PESQUISA COM SERES HUMANOS CONFORME RESOLUÇÃO Nº 466/12 DO CONSELHO NACIONAL DE SAÚDE.

I – DADOS DE IDENTIFICAÇÃO

Nome do Participante: _____
Sexo: F ( ) M ( ) Data de Nascimento:____/_____/_____
Nome do responsável legal: _____
Documento de Identidade nº: _____
Endereço: _____Complemento:_____
Bairro: _____ Cidade: _____ CEP: _____
Telefone: (__) _____/(__) _____

II - DADOS SOBRE A PESQUISA CIENTÍFICA:

1. **TÍTULO DO PROTOCOLO DE PESQUISA: O potencial das redes sociais digitais para a construção e difusão do conhecimento.**
2. **PESQUISADOR(A) RESPONSÁVEL: Profª Drª Mary Valda Souza Sales**

Cargo/Função:. O r i e n t a d o r a .

III - EXPLICAÇÕES DO PESQUISADOR AO PARTICIPANTE SOBRE A PESQUISA:

Caro(a) senhor (a) seu filho (a) está sendo convidado (a) para participar da pesquisa: O potencial das redes sociais digitais para a construção e difusão do conhecimento, de responsabilidade da pesquisadora Profª Mary Valda Souza Sales, docente da Universidade do Estado da Bahia que tem como objetivo analisar o potencial da plataforma de comunicação em rede Facebook para a construção e difusão do conhecimento, a partir das ações desenvolvidas no âmbito do Projeto PM e Escolas na Corrente do Bem.

A realização desta pesquisa trará ou poderá trazer benefícios A realização desta pesquisa trará ou poderá trazer benefícios para a elaboração de propostas para utilização das redes sociais digitais em contextos de aprendizagem. Caso o Senhor(a) aceite autorizar a participação de seu filho (a) ele(a) será observado durante as ações do Projeto PM e Escolas na Corrente do Bem e entrevistado pela aluna Ana Paula Mendes Marx, do Programa de Pós Graduação em Educação e Contemporaneidade. Devido a coleta de informações seu filho poderá se sentir inibido.

A participação é voluntária e não haverá nenhum gasto ou remuneração resultante dela. Garantimos que a identidade será tratada com sigilo e, portanto seu filho não será identificado. Esta pesquisa respeita o que determina o ECA –Estatuto da criança e do adolescente desta forma a imagem se seu filho será preservada. Caso queira (a) senhor(a) poderá, a qualquer momento, desistir de autorizar a participação e retirar sua autorização. Sua recusa não trará nenhum prejuízo em sua relação e a de seu filho (a) com a pesquisadora ou com a instituição. Quaisquer dúvidas que o (a) senhor(a) apresentar serão esclarecidas pela pesquisadora e o Sr caso queira poderá entrar em contato também com o Comitê de ética da Universidade do Estado da Bahia. Esclareço ainda que de acordo com as leis brasileira é garantido ao participante da pesquisa o direito a indenização caso ele(a) seja prejudicado por esta pesquisa. O (a) senhor (a) receberá uma cópia deste termo onde consta o contato dos pesquisadores, nos quais poderá tirar suas dúvidas sobre o projeto e a participação, agora ou a qualquer momento.

V. INFORMAÇÕES DE NOMES, ENDEREÇOS E TELEFONES DOS RESPONSÁVEIS PELO ACOMPANHAMENTO DA PESQUISA, PARA CONTATO EM CASO DE DÚVIDAS

PESQUISADOR(A) RESPONSÁVEL: Profª Drª Mary Valda Souza Sales
Endereço: Avenida Silveira Martins, nº 2555, Cabula, Salvador/BA **Telefone:** .(71)....., **E-mail:.** maryssales@gmail.com

Comitê de Ética em Pesquisa- CEP/UNEB Rua Silveira Martins, 2555, Cabula. Salvador-BA. CEP: 41.150-000. Tel.: 71 3117-2445 e-mail: cepuneb@uneb.br

Comissão Nacional de Ética em Pesquisa – CONEP SEPN 510 NORTE, BLOCO A 1º SUBSOLO, Edifício Ex-INAN - Unidade II - Ministério da Saúde CEP: 70750-521 - Brasília-DF

V. CONSENTIMENTO PÓS-ESCLARECIDO.

Declaro que, após ter sido devidamente esclarecido pelo pesquisador(a) sobre os objetivos benefícios da pesquisa e riscos de minha participação na pesquisa **O potencial das redes sociais digitais para a construção e difusão do conhecimento** e ter entendido o que me foi explicado, concordo em autorizar a participação de meu filho(a) sob livre e espontânea vontade, como voluntário, consinto também que os resultados obtidos sejam apresentados e publicados em eventos e artigos científicos desde que a minha identificação não seja realizada e assinarei este documento em duas vias sendo uma destinada ao pesquisador e outra a via que a mim.

Mata de São João, _____ de _____ de _____.

_____
Assinatura do responsável pelo participante da pesquisa

_____ _____
Assinatura do pesquisador discente (orientando)
Assinatura do professor responsável (orientador)

APÊNDICE F: TERMO DE ASSENTIMENTO DO MENOR

UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO/CAMPUS I
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO E CONTEMPORANEIDADE

TERMO DE ASSENTIMENTO DO MENOR
ESTA PESQUISA SEGUIRÁ OS CRITÉRIOS DA ÉTICA EM PESQUISA COM SERES HUMANOS CONFORME RESOLUÇÃO N 466/12 DO CONSELHO NACIONAL DE SAÚDE.

Você está sendo convidado para participar da pesquisa **O potencial das redes sociais digitais para a construção e difusão do conhecimento**. Seus pais permitiram que você participe. Queremos analisar o potencial da plataforma de comunicação em rede Facebook para a construção e difusão do conhecimento, a partir das ações desenvolvidas no âmbito do Projeto PM e Escolas na Corrente do Bem. Você não precisa participar da pesquisa se não quiser, é um direito seu e você não terá nenhum problema se não aceitar ou desistir. Caso aceite, você será entrevistado e observado pela pesquisadora Ana Paula Mendes Marx durante as ações do Projeto PM e Escolas na Corrente do Bem. Devido à coleta de informações você poderá se sentir inibido, mas poderá optar por participar ou não e poderá também desistir a qualquer momento, pois a pesquisadora ira respeitar sua vontade e não haverá nenhum tipo de sanção ou prejuízo de qualquer natureza. Mas há coisas boas que podem acontecer com a realização deste projeto, pois sua realização poderá vir a permitir a elaboração de propostas para a utilização das redes sociais digitais em contextos de aprendizagem, beneficiando assim alunos da educação básica, pois as redes sociais digitais possibilitam o acesso a informações de forma mais ágil e estas podem ser ressignificadas pelos sujeitos sociais, construídas colaborativamente, renovadas e difundidas, favorecendo assim a construção do conhecimento e o fortalecimento das relações sociais pautadas em valores da cidadania. Ninguém saberá que você está participando da pesquisa, não falaremos a outras pessoas, nem daremos a estranhos as informações que você nos der. Os resultados da pesquisa vão ser publicados, mas sem identificar as crianças que participaram da pesquisa. Quando terminarmos a pesquisa os resultados serão publicados em jornais e revistas cientificas e você também terá acesso a eles.

Você ainda poderá nos procurar para retirar dúvidas pelos telefones:

PESQUISADOR(A) RESPONSÁVEL: Profª Drª Mary Valda Souza Sales
Endereço: Avenida Silveira Martins, nº 2555, Cabula, Salvador/BA **Telefone:** .(71).....,
E-mail:. maryssales@gmail.com
Comitê de Ética em Pesquisa em Seres Humanos – CEP/UNEB, UNEB - Pavilhão Administrativo – Térreo - Rua Silveira Martins, 2555, Cabula. Salvador - BA. CEP: 41.150-000 Tel: (71) 31172445
E-mail: cepuenb@uneb.br

Eu _____ aceito participar da pesquisa **O potencial das redes sociais digitais para a construção e difusão do conhecimento**. Entendi os objetivos e as coisas ruins e as coisas boas que podem acontecer. Entendi que posso dizer "sim" e participar, mas que, a qualquer momento, posso dizer "não" e desistir. Os pesquisadores tiraram minhas dúvidas e conversaram com

os meus responsáveis. Recebi uma cópia deste termo de assentimento, li e concordo em participar da pesquisa.

Mata de São João, _____ de _____ de 20__

_____
Assinatura do participante da pesquisa

_____
Assinatura do pesquisador

APÊNDICE G: TERMO DE CONSSENTIMENTO LIVRE ESCLARECIDO

UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO/CAMPUS I
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO E CONTEMPORANEIDADE

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

ESTA PESQUISA SEGUIRÁ OS CRITÉRIOS DA ÉTICA EM PESQUISA COM SERES HUMANOS CONFORME RESOLUÇÃO Nº 466/12 DO CONSELHO NACIONAL DE SAÚDE.

I – DADOS DE IDENTIFICAÇÃO

Nome do Participante: _____

Documento de Identidade nº: _____ Sexo: F ( ) M ( )
Data de Nascimento: _____/_____/_____
Endereço:
_____Complemento:_____
Bairro: _____ Cidade: _____ CEP: _____
Telefone: (__) _____/(__) _____/

II - DADOS SOBRE A PESQUISA CIENTÍFICA:

1. **TÍTULO DO PROTOCOLO DE PESQUISA:** O potencial das redes sociais digitais para a construção e difusão do conhecimento.
2. **PESQUISADORA RESPONSÁVEL:** Profª Drª Mary Valda Souza Sales
   Cargo/Função: Orientadora.

III - EXPLICAÇÕES DO PESQUISADOR AO PARTICIPANTE SOBRE A PESQUISA:

O (a) senhor (a) está sendo convidado (a) para participar da pesquisa: O potencial das redes sociais digitais para a construção e difusão do conhecimento, de responsabilidade da pesquisadora Profª Drª Mary Valda Souza Sales, docente da Universidade do Estado da Bahia que tem como objetivo analisar o potencial da plataforma de comunicação em rede Facebook para a construção e difusão do conhecimento, a partir das ações desenvolvidas no âmbito do Projeto PM e Escolas na Corrente do Bem. A realização desta pesquisa trará ou poderá trazer benefícios para a elaboração de propostas para utilização das redes sociais digitais em contextos de aprendizagem. Caso aceite o Senhor(a) será observado durante as ações do Projeto PM e Escolas na Corrente do Bem e entrevistado e esta entrevista será gravada em áudio pela aluna Ana Paula Mendes Marx, do Programa de Pós Graduação em Educação e Contemporaneidade. Devido a coleta de informações o (a) senhora poderá se sentir

inibido. Sua participação é voluntária e não haverá nenhum gasto ou remuneração resultante dela. Garantimos que sua identidade será tratada com sigilo e portanto o Sr(a) não será identificado.

Caso queira (a) senhor(a) poderá, a qualquer momento, desistir de participar e retirar sua autorização. Sua recusa não trará nenhum prejuízo em sua relação com a pesquisadora ou com a instituição. Quaisquer dúvidas que o (a) senhor(a) apresentar serão esclarecidas pela pesquisadora e o (a) Sr (a) caso queira poderá entrar em contato também com o Comitê de ética da Universidade do Estado da Bahia. Esclareço ainda que de acordo com as leis brasileira o (a) Sr (a) tem direito a indenização caso seja prejudicado por esta pesquisa. O (a) senhor (a) receberá uma cópia deste termo onde consta o contato dos pesquisadores, que poderão tirar suas dúvidas sobre o projeto e sua participação, agora ou a qualquer momento.

V. INFORMAÇÕES DE NOMES, ENDEREÇOS E TELEFONES DOS RESPONSÁVEIS PELO ACOMPANHAMENTO DA PESQUISA, PARA CONTATO EM CASO DE DÚVIDAS

PESQUISADOR(A) RESPONSÁVEL: Profª Drª Mary Valda Souza Sales
Endereço: Avenida Silveira Martins, nº 2555, Cabula, Salvador/BA **Telefone:** .(71)....., **E-mail:.** maryssales@gmail.com

Comitê de Ética em Pesquisa- CEP/UNEB Rua Silveira Martins, 2555, Cabula. Salvador-BA. CEP: 41.150-000. Tel.: 71 3117-2445 e-mail: cepuneb@uneb.br

Comissão Nacional de Ética em Pesquisa – CONEP SEPN 510 NORTE, BLOCO A 1º SUBSOLO, Edifício Ex-INAN - Unidade II - Ministério da Saúde CEP: 70750-521 - Brasília-DF

V. CONSENTIMENTO PÓS-ESCLARECIDO

Declaro que, após ter sido devidamente esclarecido pelo pesquisador(a) sobre os objetivos benefícios da pesquisa e riscos de minha participação na pesquisa "O potencial das redes sociais digitais para a construção e difusão do conhecimento", e ter entendido o que me foi explicado, concordo em participar sob livre e espontânea vontade, como voluntário consinto que os resultados obtidos sejam apresentados e publicados em eventos e artigos científicos desde que a minha identificação não seja realizada e assinarei este documento em duas vias sendo uma destinada ao pesquisador e outra a via que a mim.

Mata de São João, _____ de _____ de _____.

_____
Assinatura do participante da pesquisa

_____ _____
Assinatura do pesquisador discente (orientando)

Assinatura do professor responsável (orientador)